

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

**SÂMELA PEDRADA CARDOSO**

**LAZER COMO PRÁTICA FAMILIAR: O ORGANIZAR DA PRÁTICA  
DO LAZER NO COTIDIANO DE FAMÍLIAS CAPIXABAS COM  
BEBÊS**

VITÓRIA-ES

2020

SÂMELA PEDRADA CARDOSO

**LAZER COMO PRÁTICA FAMILIAR: O ORGANIZAR DA PRÁTICA  
DO LAZER NO COTIDIANO DE FAMÍLIAS CAPIXABAS COM  
BEBÊS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Administração, na linha de pesquisa em Práticas Organizacionais e Culturais.

**Orientador:** Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva

VITÓRIA-ES

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

C268l      CARDOSO, SÂMELA PEDRADA, 1988-  
LAZER COMO PRÁTICA FAMILIAR: O ORGANIZAR  
DA PRÁTICA DO LAZER NO COTIDIANO DE FAMÍLIAS  
CAPIXABAS COM BEBÊS / SÂMELA PEDRADA  
CARDOSO. - 2020.  
145 f. : il.

Orientador: Alfredo Rodrigues Leite da Silva.  
Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e  
Econômicas.

1. Estudos Organizacionais. 2. Família. 3. Lazer com  
bebês. 4. Cidade. 5. Teoria da Prática. 6. Shadowing. I. Silva,  
Alfredo Rodrigues Leite da. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO



**ATA DA 257ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Às 14 horas do dia 05 do mês de maio do ano de 2020, em Vitória (ES), reuniu-se a banca examinadora composta pelos Professores Drs. Alfredo Rodrigues Leite da Silva (orientador), Letícia Dias Fantinel (Membro interno) e Josiane Silva de Oliveira (Membro externo) para a defesa da dissertação de **Sâmela Pedrada Cardoso**, com o título: LAZER COMO PRÁTICA FAMILIAR: O ORGANIZAR DA PRÁTICA DO LAZER NO COTIDIANO DE FAMÍLIAS CAPIXABAS COM BEBÊS. Todos os participantes da banca estão remotos, por meio de videoconferência. Com a palavra, o presidente da banca deu início à sessão, passando a palavra à aluna, que procedeu à exposição da dissertação. Na sequência, os membros da banca formularam as suas arguições, as quais foram respondidas pela mestranda. Concluída a avaliação realizada pela banca, o presidente da sessão comunicou o resultado, que foi favorável à **APROVAÇÃO** da aluna. Por fim, o presidente informou que a aprovada fará jus ao diploma de Mestre após cumprir todos os requisitos, dentre eles: entrega da versão final de sua dissertação (em meio físico e digital) à secretaria do programa, conclusão de todos os créditos necessários, realização das atividades obrigatórias, e após a homologação do resultado da defesa pelo Colegiado Acadêmico do PPGADM. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual se lavra a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora e pela mestranda.

**Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva**  
Orientador

**Profa. Dra. Letícia Dias Fantinel**  
Membro interno – PPGADM/UFES

**Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira**  
Membro externo – UEM

**Sâmela Pedrada Cardoso**  
Mestranda



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
ALFREDO RODRIGUES LEITE DA SILVA - SIAPE 1802333  
Departamento de Administração - DAd/CCJE  
Em 05/05/2020 às 17:25

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/20677?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
LETICIA DIAS FANTINEL - SIAPE 1618662  
Departamento de Administração - DAd/CCJE  
Em 05/05/2020 às 17:31

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/20684?tipoArquivo=O>

À minha filha Elis.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado energia e saúde para finalizar esta etapa da minha vida.

Aos meus pais, por terem me ensinado a ter determinação, força de vontade e fé.

Ao Isaac, meu parceiro de vida, pelo companheirismo, compreensão e por tantas vezes ter me confortado. Só alcancei este título porque pude contar com você em tantos momentos, obrigada por ser esta pessoa incrível na minha vida.

A Elis, minha filha, que é meu aconchego e minha luz em todos os momentos da minha vida.

A Fátima, minha sogra, que por inúmeras vezes se deslocou até minha casa para cuidar da Elis, a fim de que eu pudesse ir à Ufes. Obrigada por ser tão generosa comigo.

A Dona Luzia, minha ajudante, que cuidou da nossa casa com tanto carinho quando mais precisei de alguém para dividir o peso.

No decorrer destes dois anos, fiz muitos colegas e amigos nas salas de aula, nos corredores da Ufes, nos churrascos, na cantina e até on-line. Cada um deles teve uma pequena contribuição neste trabalho, pois muitas vezes um simples sorriso mudava o meu dia e me fazia render mais. Dentre eles estão Carol, Lorrara, Letícia, Greice, Elaine e Simone, que possuem um espaço especial, os mestres Talita e Filipe, a doutoranda Amanda e a doutora Carol também, pequenas contribuições de vocês mudaram o curso da minha pesquisa.

Ao Rômulo, meu amigo e coautor, pela companhia nos dias de luta e nos dias de glória que o contexto acadêmico nos inseriu.

Aos servidores da secretaria do PPGADM, por serem sempre solícitos e amigáveis no cotidiano de trabalho.

Aos profissionais da limpeza e segurança da Ufes, pois a presença e ausência de vocês marcaram totalmente a minha trajetória nesse espaço.

As famílias que participaram da minha pesquisa, por serem tão generosas ao abrir a casa e compartilhar a intimidade familiar comigo.

A professora Letícia Fantinel e as pesquisadoras Juliana Teixeira e Josiane Oliveira, por serem inspirações de como pesquisar e lutar como uma mulher.

Ao excepcional Alfredo, que me orientou de maneira brilhante e consistente por dois longos anos. Espero corresponder em práticas, e não apenas no discurso, por todo o aprendizado que você possibilitou.

Ao Ifes, por me proporcionar esta enorme oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

À Ufes, pela educação pública, gratuita e de qualidade.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender o organizar do cotidiano de famílias capixabas com bebês na prática do lazer em espaços públicos metropolitanos. Para isso, foi utilizada a noção de cidade praticada, que possibilita investigar a vida social organizada (SARAIVA, CARRIERI, 2012), de modo que se consideram outras dimensões organizativas da sociedade, as quais vão além das organizações tradicionais e possibilitam o estudo das dinâmicas organizativas familiares que se ligam às estruturas sociais (TEIXEIRA, 2019). Nesse contexto, pressupõem-se como ordinárias as famílias contemporâneas que se organizam cotidianamente para praticar o lazer com os bebês na cidade. Sabe-se que os bebês alteram o modo de vida das suas famílias e restringem a mobilidade no espaço público, enfrentando dificuldades para se locomoverem (BOYER, SPINNEY, 2016; CLEMENT, WAITT, 2018; WHITTLE, 2018). Sendo assim, afasto-me das noções idealizadas de família ao propor olhar para ela pela perspectiva do *organizing*, que possibilita enxergar os processos organizativos (CZARNIAWSKA, 2004; DUARTE, ALCAPIDANI, 2016; TSOUKAS, CHIA, 2002). A fim de investigar o lazer, foram utilizadas contribuições dos campos científicos de lazer e turismo familiar, já que são práticas que se sobrepõem no cotidiano dos pesquisados (SHOVE, SHATSKI, 2017, JULIO, 2019). Ao aplicar teorias da prática para compreender os conhecimentos e padrões significativos gerados pelas práticas, possibilita-se articular o conhecimento do processo de organizar (GHERARDI, 2009a). Neste estudo, as maneiras de organizar as práticas foram investigadas no cotidiano, no qual habita uma relação de forças. O aporte nas ideias de Certeau (1998) permitiu novos olhares sobre fenômenos já estudados por outras vias ao aproximar filosofia e estudos organizacionais (FARIA, SILVA, 2017). A investigação empírica envolveu famílias que praticam lazer com bebês (crianças de 0 a 2 anos) e que frequentam espaços públicos na região da Grande Vitória, Espírito Santo. Como principal recurso metodológico utilizou-se o *shadowing*, que implicou em seguir os praticantes da pesquisa, observando de perto como são as práticas desenvolvidas no cotidiano deles. A análise de narrativas foi utilizada como principal ferramenta de tratamento de dados, na qual se considerou o ambiente em que a narrativa foi praticada e produzida pelos sujeitos em toda a sua complexidade (REISSMAN, 2008), sendo ela igualmente uma prática de análise (CERTEAU, 1998).

## ABSTRACT

The objective of this research was to understand the daily organization of Espírito Santo families with babies in the practice of leisure in metropolitan public spaces. For this, the notion of practiced city was used, which makes it possible to investigate organized social life (SARAIVA, CARRIERI, 2012), so that other organizational dimensions of society are considered, which go beyond traditional organizations and enable the study of dynamics family organizations that connect to social structures (TEIXEIRA, 2019). In this context, the contemporary families that organize themselves daily to practice leisure with babies in the city are assumed as ordinary. It is known that babies change the way of life of their families and restrict mobility in the public space, facing difficulties in getting around (BOYER, SPINNEY, 2016; CLEMENT, WAITT, 2018; WHITTLE, 2018). Therefore, I move away from idealized notions of family when proposing to look at it from the perspective of organizing, which makes it possible to see the organizational processes (CZARNIAWSKA, 2004; DUARTE, ALCAPIDANI, 2016; TSOUKAS, CHIA, 2002). In order to investigate leisure, contributions from the scientific fields of leisure and family tourism were used, as these are practices that overlap in the daily lives of those surveyed (SHOVE, SHATSKI, 2017, JULIO, 2019). When applying theories of practice to understand the knowledge and significant patterns generated by the practices, it is possible to articulate the knowledge of the process of organizing (GHERARDI, 2009a). In this study, ways of organizing practices were investigated in everyday life, in which a relationship of forces lives. The contribution of Certeau's ideas (1998) allowed new perspectives on phenomena already studied in other ways by bringing together philosophy and organizational studies (FARIA, SILVA, 2017). The empirical investigation involved families who practice leisure with babies (children to 0-2 years old) and who frequent public spaces in the region of Grande Vitória, Espírito Santo. As the main methodological resource, shadowing was used, which implied following the research practitioners, observing closely how are the practices developed in their daily lives. Narrative analysis was used as the main data processing resource, in which the environment in which the narrative was practiced and produced by the subjects in all its complexity was considered (REISSMAN, 2008), which is also an analysis practice (CERTEAU, 1998).

“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, **o lazer**, a segurança, a previdência social, a **proteção à maternidade e à infância**, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”

(Constituição Federal de 1988, Art. 6º)

“NÃO CONTAVAM COM A MINHA ASTÚCIA!”

(CHAPOLIN COLORADO)

## LISTA DE ABREVIATURAS

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

STF – Supremo Tribunal Federal

TAP - *Tourism as practice*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema conceitual com as convergências e divergências entre Lazer e Turismo.....	37
Figura 2 - Trajetória SILE desenvolvida pelo aplicativo <i>Strava</i> . ....	63
Figura 3 - Aspectos do organizar do lazer em família nos espaços públicos .....	74
Figura 4 - Trajetória SILE das famílias na Pedra da Cebola. ....	78
Figura 5 - Família Buarque brincando com a filha no parquinho de areia. ....	79
Figura 6 - Mãe da família Leão acompanhando o filho andando com um patinete emprestado.....	79
Figura 7 - Trajetória SILE das famílias Bethânia e Gilberto. ....	82
Figura 8 - Movimentação dos bebês no Parque Pianista Manolo Cabral, área do parquinho.....	83
Figura 9 - Movimentação dos bebês no Parque Pianista Manolo Cabral, área do toldo.....	83
Figura 10 - Trajetória SILE da Família Veloso .....	87
Figura 11 - Rita carregando seu bebê no <i>sling</i> no Parque Moscoso.....	88
Figura 12 - Simulação e trajetória da Família Matogrosso na Praça da Ciência e na Orla de Camburi .....	89
Figura 13 - Maysa brincando com os recursos científicos na Praça da Ciência....	90
Figura 14 - Placa da cidade de Vitória .....	93
Figura 15 - Placa da cidade de Vila Velha .....	94
Figura 16 - Raul utiliza a bola como tática para direcionar o filho até a saída do parque. ....	96
Figura 17 - Trajetória SILE da Família Costa.....	96
Figura 18 - Raul acompanha Noel na brincadeira de bola na pista de bicicleta e patins.....	98
Figura 19 - Recursos encontrados nas bolsas das famílias.....	106
Figura 20 - Tática da mãe para conter o sangramento do filho com absorvente. ....	113
Figura 21 - Bebê andando no patinete no parque Pedra da Cebola .....	114
Figura 22 - Maysa experimentando o movimento no brinquedo.....	115
Figura 23 - Performance de mães e pais na prática de lazer com bebês.....	116

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Distinção entre as práticas.....	55
Quadro 2 - Métodos de pesquisa selecionados .....	60
Quadro 3 - Dados dos participantes da pesquisa. ....	66

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: VAMOS PASSEAR, BEBÊ?	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O QUE TEMOS QUE LEVAR NA BOLSA?	19
2.1 O ORGANIZAR DA FAMÍLIA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS	19
2.2 TURISMO E LAZER: PRÁTICAS INTERLIGADAS	28
2.2.1 Turismo e Lazer no cotidiano familiar	38
2.3 AS TEORIAS DA PRÁTICA E O ORGANIZAR	42
2.4 O ORGANIZAR COM O COTIDIANO	48
3 METODOLOGIA: VAMOS DE QUÊ?	58
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	58
3.2 PRODUÇÃO DE DADOS	60
3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS	67
3.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	70
4 ANÁLISE DE DADOS: VAMOS BRINCAR, BEBÊ?	72
4.1 A CIDADE NO ORGANIZAR DA PRÁTICA DO LAZER... Porque viver a cidade é uma coisa importante!	75
4.2 O ORGANIZAR QUE PERMITE O LAZER... <i>eu vou, respiro... e aí, organizo umas coisas...</i>	100
4.3 OS FAZERES COGNITIVOS QUE ORGANIZAM O LAZER COM BEBÊS... eu prefiro meu bebê fora de casa do que dentro	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>INFELIZMENTE ACABOU O PASSEIO, SEM CHORO VIU?</i>	118
REFERÊNCIAS	123
Apêndice A – Convite para participar da pesquisa	145

## 1 INTRODUÇÃO: VAMOS PASSEAR, BEBÊ?

O contexto efêmero da contemporaneidade revela as inúmeras maneiras com as quais a sociedade se organiza, seja mediante o processo de apropriação que converge com a ordem estabelecida ou de subversão que a transgrida. Essa dinâmica pode revelar as formas com que os indivíduos se organizam nas cidades brasileiras e, ao direcionar o olhar para elas, vão de encontro com o *mainstream* da Administração sobre cidades, que, tradicionalmente, atua em estudos sobre a gestão e as políticas públicas (VIEGAS, SARAIVA, 2015) e, mais recentemente, sobre as cidades inteligentes e sustentáveis (MANOLE, 2018).

De acordo com as temáticas que contribuem para as reflexões sobre o cotidiano, optei por aderir à proposta de Certeau (1998). Esse autor propõe que desloquemos o olhar da gestão das cidades para as práticas que são criadas no cotidiano urbano de homens e mulheres ordinários. Para ele, o termo “ordinário” se refere ao conhecimento popular, comum, que foi construído dentro da cultura ordinária, uma “ciência prática do singular” (CERTEAU, 1998, p. 341-342). Nesse contexto, considero como ordinárias as famílias contemporâneas, que se organizam diariamente para praticar o lazer com seus bebês nas cidades.

Nessa perspectiva, a discussão das práticas urbanas já está estabelecida nos Estudos Organizacionais, que as utilizam para revelar as maneiras de fazer das cidades e, conseqüentemente, as organizações (FRANCO, OLIVEIRA, 2016; MENDES, CAVEDON, 2012; SARAIVA, CARRIERI, 2014, IPIRANGA, 2010; CAVALCANTI; BISPO; SOARES, 2015). Esses estudos utilizam a cidade como um verbo praticado todos os dias pelos atores que produzem e reproduzem espaços sociais diversos por meio de práticas cotidianas, de seus usos e de suas formas de existir e resistir na cidade (CERTEAU, 1998).

Sendo assim, a noção de cidade praticada abre possibilidades para investigar a vida social organizada (SARAIVA, CARRIERI, 2012) e considerar outras dimensões organizativas da sociedade, indo além das organizações tradicionais e possibilitando, dentre outras coisas, o estudo das dinâmicas organizativas familiares que se ligam às estruturas sociais (TEIXEIRA, 2019).

Por conseguinte, o interesse pela organização familiar surgiu com a maternidade, que instigou minha curiosidade acerca da complexidade e heterogeneidade encontradas nas múltiplas formas com que as famílias se organizam nas cidades contemporâneas. Ao tratar da organização familiar para os Estudos Organizacionais, acredito ser possível elucidar práticas que reproduzem, alteram ou reconfiguram estruturas sociais com as quais a sociedade se organiza (ORTNER, 2005) além de compreender as maneiras de fazer dos sujeitos ordinários, que, nesse caso, se organizam cotidianamente para “ser família” (CERTEAU, 1998).

Com efeito, “ser família” envolve uma infinidade de tipos de famílias e de seus membros. Esta pesquisa se restringiu às famílias que possuem bebês (criança de 0 a 2 anos) em suas residências, considerando que eles alteram os modos de vida de todo grupo familiar e restringem a mobilidade nos espaços públicos das cidades, de modo que enfrentam dificuldades para se locomoverem (BOYER, SPINNEY, 2016; CLEMENT, WAITT, 2018; WHITTLE, 2018).

A cada hora nascem 321 bebês no Brasil e, somente na região da Grande Vitória, Espírito Santo (ES), nascem 3 bebês a cada 60 minutos (IBGE, 2016). Porém, ao caminhar pela cidade não sentimos a presença desses cidadãos, pois há uma aparente invisibilidade. Se temos tantos bebês nascendo todos os dias por que não os vemos pelas cidades? Como os responsáveis por eles apresentam a cidade em que vivem? Que artifícios usam para se locomoverem? Esses foram alguns dos questionamentos que surgiram no decorrer desta pesquisa e que se tornaram incômodos.

Os resultados deste estudo evidenciam que a sociedade em geral não vê os bebês pelas cidades porque eles vivem restritos a determinados espaços como casas, creches, praças, parques, *shoppings*, dentre outros locais, o que dificulta que os adultos que não têm filhos convivam com essas crianças em espaços públicos. Isso contribuiu para que a sociedade tenha se tornado omissa quanto à responsabilidade que possui em relação às crianças, sendo mais fácil ignorá-las e não sociabilizar com elas.

Desta maneira, o interesse pelas questões que envolvem esse fenômeno e a sua relevância para a sociedade levaram-me, neste estudo, a tratar da vida social

organizada das famílias capixabas que vivem na área metropolitana de Vitória-ES. Para isso, propus-me a olhar para a família pela perspectiva do *organizing*, que afirma que um fenômeno pode desempenhar uma atividade em constante organização (CZARNIAWSKA, 2004; DUARTE, ALCAPIDANI, 2016; TSOUKAS, CHIA, 2002).

O *organizing* ocorre por meio de formas não homogêneas, instáveis e contínuas (DUARTE, ALCAPIDANI, 2016) ao proporcionar aos sujeitos um conjunto de instâncias cognitivas e uma maneira própria de agir (TSOUKAS, CHIA, 2002) ou uma “maneira de fazer” (CERTEAU, 1998). O organizar compreende o reorganizar constantemente (LATOURE, 2011), ratificando as inconstâncias e as dinâmicas infinitas que acontecem na sociedade. Ao adotar o *organizing* para tratar do lazer familiar, afasto-me da concepção de família como algo objetivo, definido e estático para investigar como ela acontece na prática. Especificamente, abordo os momentos de lazer que os praticantes da família vivenciam.

Nesse sentido, o lazer familiar pode ocorrer em várias esferas organizativas, sejam elas públicas ou privadas: dentro de casa, em museus, zoológicos, bibliotecas, *shoppings*, teatros, praias, parques, entre outros. Mesmo que o lazer familiar tenha aspectos em comum nesses ambientes, selecionei o espaço público como *locus* de pesquisa. A escolha se deu pelo caráter da acessibilidade dos sujeitos da pesquisa, por ser um lugar público e com possibilidade de acesso a todas as classes sociais, buscando refletir os mais variados e ordinários modos de fazer lazer no espaço público.

Sendo assim, para investigar o lazer, utilizo contribuições dos campos científicos de lazer e turismo, já que são práticas que se sobrepõem no cotidiano dos pesquisados (SHOVE, SHATSKI, 2017; JULIO, 2019). O uso do termo lazer foi uma opção que predominou ao realizar a pesquisa de campo, visto que ficou evidente que a prática de “ir ao espaço público em família acompanhado do bebê” é vista pelos cidadãos capixabas como lazer ao invés de turismo. Mas, o debate se é lazer ou turismo não se encontra no cerne desta pesquisa, o termo lazer predominou, apenas porque, conforme proposta de Ferraço (2003), ao optar por estudar “com” o cotidiano, a dissertação foi construída junto aos pesquisados. E esse sujeito é resultante de uma construção social em vários aspectos, nos quais se manifestam pontos das relações

cotidianas que acontecem no espaço e no tempo, sendo o discurso de “lazer familiar” uma consequência do dia a dia vivido por eles. Ao assumir a narrativa deles como discurso legítimo, aprofundei o entendimento de suas realidades e, para isso, foi necessário transformar o discurso em escolha teórica, adequando os termos usados para o discurso utilizado na prática (ESTEBAN, 2003).

O turismo é uma das formas de lazer, e dele advém muitas contribuições teóricas que utilizei. O campo de estudo do turismo é diversificado e multidisciplinar e para compreendê-lo deve-se considerar de que maneira essa prática se relaciona com as tendências e as dinâmicas da sociedade (BERTONCELLO, 1998). Dessa forma, a prática de turismo sofre intervenção do mundo social (HALL, 2004) e o transforma, podendo alterar outras práticas sociais.

Na área de turismo predominam algumas linhas de estudo ao associá-lo, principalmente, ao ato de viajar (HALDRUP, 2004; JOHNSON, 2010; URRY, 2007, OMT, 2001) ou à concepção de praticar turismo com uma delimitação de tempo (OMT, 2001; QUINLAN CUTLER; CARMICHAEL; DOHERTY, 2014) ou ainda ao deslocamento para um “lugar diferente do seu habitual” (OMT, 2001, p. 38). Porém, este estudo se aproxima da abordagem de Turismo como Prática. Nela, o turismo é um fenômeno dinâmico e complexo, produzido por meio de práticas culturais, nas quais se encontram singularidades diversas que interagem na prática turística (BISPO, 2014), não sendo necessários requisitos temporais ou espaciais para defini-lo.

Por vezes, idealiza-se lazer e turismo familiar como aquele praticado por uma família branca e heterossexual (OBRADOR, 2012), sendo normalmente distanciado do âmbito do trabalho e associado ao prazer (CORIALANO, VASCONCELOS; 2014). Para evitar essa classificação idealizada, a qual gera equívocos ao não discernir entre o ideal de turismo familiar e as práticas reais de turismo que acontecem em vários tipos de família (LEHTO, 2009) é preciso buscar abordagens cujos focos estejam nas relações e na dinâmica entre elas. Uma delas é a que adota as Teorias da Prática, que se baseiam no entendimento de que a sociedade é construída nas ações recorrentes dos indivíduos (FELDMAN, ORLIKOWSKI, 2011). Pressupõe-se, então, que o conhecimento prático é observável e descritível, podendo ser teorizado e compreendido com base na maneira com que as pessoas

fazem o que fazem (GHERARDI, 2009a). Logo, o conhecimento passa a ser mediado e propagado pelas interações entre os indivíduos e os objetos, em que a prática é o aspecto central. Práticas são modos de organizar que vão adquirindo estabilidade no espaço e com o decorrer do tempo (GHERARDI, 2014), ao envolverem linguagem e objetos repetidos (YANOW, 2000), tornam-se uma “maneira de fazer” (CERTEAU, 1998).

Para explorar a dinâmica das práticas no cotidiano, utilizam-se as teorias da prática, que se tornam a fonte geradora do conhecimento e de padrões significativos, bem como possibilitam articular conhecimento ao processo de organizar (GHERARDI, 2009a). Sendo assim, teorizar a prática é em si uma prática, que pode ter consequências para a vida social organizada por meio de pesquisas realizadas com responsabilidade, visto que a academia constitui um importante papel social na formação de pessoas (FELDMAN, ORLIKOWSKI, 2011). Dessa forma, o conhecimento científico é intrinsecamente social e deve ser visto como “um conjunto de práticas sociais historicamente situadas” (GHERARDI, 2014, p.50), que focam na reprodução do conhecimento e os efeitos sociais por ele gerados e, em razão disso, a ciência, por si só, já é uma prática (GHERARDI, 2014).

Nos estudos da prática, os fenômenos organizacionais são entendidos como dinâmicos e complexos e em constante produção. Por isso, Gherardi (2014) situa o conceito de prática como “*in-between*”, já que ele se encontra entre o hábito e a ação, pois possui simultaneamente uma repetição de atividades e uma ação intencional. Da mesma forma, é um conceito entre a produção e reprodução ao produzir resultados e efeitos ao mesmo tempo em que reproduz o cotidiano da sociedade, dia após dia. Visa-se responder à dinâmica e à complexidade das atividades cotidianas e como elas são geradas e operadas dentro de variados contextos, no tempo e no espaço (FELDMAN, ORLIKOWSKI, 2011).

Desse modo, neste estudo, as maneiras de organizar as práticas foram investigadas no cotidiano, no qual habita uma relação de forças. Para isso teve como aporte as ideias de Certeau (1998), que possibilitaram novos olhares sobre fenômenos já estudados por outras vias, ao aproximar a filosofia e os estudos organizacionais (FARIA, SILVA, 2017). Para ele, as práticas são “maneiras de fazer” elaboradas no

espaço de modo temporal, social e histórico, que propiciam aos sujeitos uma produção astuta, silenciosa e quase invisível (CERTEAU, 1998).

Por meio dessas articulações teóricas foi investigada a dinâmica das relações cotidianas (FERRAÇO, 2003) no turismo, como um fenômeno em torno do qual os sujeitos se organizam pelos vínculos sociais (NAJMANOVICH, 2001). Buscou-se entender como os sujeitos desenvolvem suas maneiras de fazer lazer em família utilizando estratégias e táticas que podem ocorrer por meio de bricolagens, uma arte de “adaptar” (GIARD, 1998) ou de “combinar” (FRANCO, OLIVEIRA, 2016), que normalmente é desprovida de especialidade técnica (FARIA, SILVA, 2017).

Nesse sentido, as ideias de Certeau (1998) valorizam o homem e a mulher comuns, os quais ele denomina como ordinários quando realizam suas práticas criativas no cotidiano. Com essa concepção em mente, optou-se por estudar as interações que envolvem o lazer delimitado às famílias que na contemporaneidade são reconhecidas e investigadas pelos entendimentos diversos sobre o que constitui uma família e nas alterações das performances esperadas para os seus membros. Essas mudanças possibilitaram a legitimidade de novas estruturas familiares, que estão mais amplas e com alterações relacionadas às questões de gênero e orientação sexual (XAVIER; GOMES, 2011; ZANARDO; VALENTE, 2009; SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003; SILVA, 2008; GOMES, PAIVA, 2003), sendo admiráveis as múltiplas formas do organizar da família contemporânea.

A partir dessa delimitação, o objetivo deste estudo foi **compreender o organizar do cotidiano das famílias capixabas com bebês na prática do lazer em espaços públicos metropolitanos**. Destaca-se, ainda, os objetivos específicos propostos: (1) Investigar o cotidiano na prática do lazer de famílias com bebês, que residem na Grande Vitória-ES; (2) Descrever como ocorre a divisão de tarefas parentais no cotidiano do lazer de famílias com bebês, que residem na Grande Vitória-ES; (3) Compreender a relação entre atores sociais na prática do lazer de famílias com bebês, que residem na Grande Vitória-ES.

Esses objetivos foram articulados para responder ao seguinte problema de pesquisa: **Como as famílias capixabas com bebês se organizam no cotidiano para a prática do lazer nos parques públicos metropolitanos?**

A investigação empírica envolveu famílias que praticam lazer com bebês (crianças de 0 a 2 anos) e que frequentam espaços públicos capixabas. Foi utilizada como recorte a região da Grande Vitória - ES, devido à acessibilidade e à grande concentração de cidadãos capixabas no local, que é a maior área metropolitana do estado do Espírito Santo. Com isso, busco contribuir com o turismo e o lazer, além de propiciar reflexões aos estudos organizacionais por meio da investigação das formas engenhosas do organizar em família nas regiões metropolitanas, direcionando o olhar para a dinâmica da cidade.

Outrossim a diversidade nas “maneiras de fazer” em família contempla questões de gênero, com a divisão de tarefas parentais, o imbricamento dos objetos na contemporaneidade, por meio da relação entre atores sociais e objetos e, ainda, as maneiras criativas utilizadas pelas famílias para se organizarem para o lazer. Ademais, ao pesquisar como as famílias se organizam para o lazer, emergiram aspectos da vida social organizada das famílias com bebês, já que na abordagem adotada neste estudo o lazer em família e o cotidiano encontram-se interligados (EDENSON, 2001).

Desse modo, para alcançar os propósitos optou-se por uma metodologia qualitativa que propicia compreender a heterogeneidade e a diversidade das práticas cotidianas (CERTEAU, 1998), sendo adequada para entender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON, 1999). Como principal recurso metodológico foi escolhido o *shadowing*, que implicou em acompanhar a prática de lazer no cotidiano, observando os praticantes de perto. A análise de narrativas foi utilizada como principal recurso de tratamento de dados, na qual se considerou o ambiente em que a narrativa foi praticada e produzida pelos sujeitos em toda a sua complexidade (REISSMAN, 2008), sendo ela igualmente uma prática de análise (CERTEAU, 1998).

Para desenvolver a discussão proposta, esta dissertação foi dividida da seguinte maneira: Introdução, intitulada de “Vamos passear, bebê?”, que traz as principais inquietações e problematizações desta pesquisa, na qual apresentei os objetivos e o problema de pesquisa; em seguida, explanei sobre as teorias que carrego da bagagem acadêmica e que foram utilizadas como lentes para compreender a realidade social deste estudo. No tópico 2.1, “O Organizar da Família nos Estudos

Organizacionais”, problematizo sobre a idealização da família e proponho uma nova forma de enxergar esse fenômeno, mediante o *organizing* da família. No tópico 2.2, “Turismo e Lazer: práticas interligadas”, discuto sobre as principais convergências e divergências entre os campos e suas contribuições. No tópico 2.3, “As Teorias da Prática e o Organizar”, trato das teorias da prática e do *organizing*, que são as bases ontológicas e epistemológicas utilizadas no decorrer de toda a dissertação. No tópico 2.4, “O Organizar com o Cotidiano”, discorro sobre o cotidiano, com base em Certeau (1998, 2008), que o considera como algo heterogêneo, múltiplo e fluido, possibilitando aos praticantes diversas formas de criá-lo, por meio de táticas e estratégias. No tópico 3, “Metodologia: Vamos de quê?”, apresento as metodologias utilizadas para captar e produzir os dados de campo. No tópico 4, “Análise de dados: Vamos brincar, bebê?”, analiso os dados que emergiram do campo, confrontando a vida social organizada com as teorias que embasam esta pesquisa. O tópico 5 traz as Considerações finais, “Infelizmente acabou o passeio”, nas quais apresento as principais contribuições que surgiram desta dissertação.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O QUE TEMOS QUE LEVAR NA BOLSA?

### 2.1 O ORGANIZAR DA FAMÍLIA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

A família é uma instituição estudada há muitos anos e, ao longo da história, sua organização já passou por profundas transformações na sociedade, como evidenciam diversos estudos sobre o tema. Um dos primeiros teóricos a colocar a família em evidência foi Engels (1991), que apresentou em seus estudos o contexto histórico dessa instituição utilizando estudos bíblicos, nos quais a família era, predominantemente, patriarcal, em que o homem era o chefe de família e as mulheres se restringiam aos cuidados com o lar e com os filhos.

Devido a isso, muitos estudos sobre a família abarcam questões de gênero (GALLAGHER, SMITH, 1999; WAGNER, 2008; GARCÊZ DE SOUZA SANTOS et al. 2013; RODRIGUEZ, GOMES, 2012; NEGREIROS, FÉRES-CARNEIRO, 2004; JABLONSKI, 2010; WAGNER, PREDEBON, 2005) enquanto outros tentam desmembrar alguns aspectos dessa instituição, transformando-a em um fenômeno social observável (NASCIMENTO, 2019). Com esse intuito, Michel (1974) propõe um novo modelo de estudo acerca da família, no qual a sociedade é passível de mudanças e as famílias somente acompanham o desenvolvimento dela, ou seja, cada família é considerada uma instituição social histórica, cuja estrutura e função são determinadas pelo desenvolvimento da sociedade.

Em seus estudos, Bruscini (1990) procurou compreender a estrutura familiar tendo como foco as pessoas que a compõe, principalmente a mulher, porém a autora tratou de uma mulher com posição privilegiada: branca, heterossexual e de classes médias e altas. Inicialmente, a autora propõe uma dissolução da aparência de naturalidade da família, admitindo-a como uma criação da sociedade (DURKHEIM, MAUSS; 1981) e constatando que o natural da humanidade é a reprodução, e não a instituição familiar. Além disso, há outros estudos sobre a família que evidenciam o papel da mulher, como o de Sacks (1988), que constatou que o trabalho social da mulher não anulou o trabalho doméstico, mas o tornou um adicional; e o de Gough (1980), que propõe a divisão sexual do trabalho como uma base da família; e ainda, o de Levi-Strauss (1980), que estudou o modelo nuclear da família (marido, esposa e filhos), e considerou que os membros do núcleo familiar fossem definidos por

laços legais, direitos e obrigações econômicas e religiosas, originadas no casamento monogâmico e no estabelecimento independente do casal.

Bruscini (1990) utiliza esses estudos para questionar a formação e a divisão do trabalho por laços familiares, enfatizando a obrigação feminina de realizar o trabalho doméstico para além do trabalho social. Essa obrigação foi definida por laços legais, religiosos e econômicos, admitindo a importância do trabalho doméstico para a reprodução social, definido como trabalho gratuito e realizado na esfera privada da família (MELO, MAROCHI, 2019). Parsons (1942) coloca a organização da família como determinante para a posição social da mulher, a qual tem como principal papel o de criar e educar as crianças dentro da unidade familiar.

Nesse sentido, o papel maternal alcança um significado ideológico e psicológico, sobressai por sua intensidade, seu significado emocional e sua importância fundamental na vida das mulheres, passando a definir o sentido de suas vidas (BRUSCINI, 1990), porém esse aspecto se restringe a certas camadas sociais e raciais. Aries (1965) evidencia a supervalorização do amor materno na família moderna. A maternidade constrói uma concepção de mulher ideal, que passa a significar socialmente o feminino e organiza práticas sociais que restringem as atividades da mulher no tempo e no espaço (SWAIN, 2007; CARVALHO, 2019). Assim, mesmo sabendo que sempre existiram os filhos, esse fenômeno passou a ser visto de forma diferente pelas famílias, de modo que a maternidade se tornou o papel central na vida de todas as mulheres, e a criança um objeto de criação para a mãe, assim como um bem criado pelo operário (MITCHELL, 2013). A capacidade maternal das mulheres tornou-se um dos poucos elementos universais e duradouros da divisão sexual do trabalho (BRUSCINI, 1990; MELO, MAROCHI, 2019).

Com o passar dos anos, outras mudanças relevantes aconteceram e a mulher se inseriu cada vez mais no mercado de trabalho, de modo que a sua participação na organização financeira familiar se intensificou (WAGNER, PREDEBON, 2005) com o casamento acontecendo por interesses individuais e não das famílias. A mulher também adentrou escolas e faculdades, mas sua educação ainda era centrada no papel de educar os filhos e cuidar da casa. Assim surgiu uma nova esposa: moderna, consciente, menos submissa, mas ainda dedicada ao lar e à família

(BRUSCINI, 1990). Em meio a essas mudanças, o papel social da mulher (branca, heterossexual, e de certas camadas sociais) permaneceu associado à vida privada, esperando sua submissão ao marido, acatando ordens sem muitos questionamentos, bem como cuidando da família, da casa e dos filhos. Já o papel masculino permaneceu com foco na vida pública como profissional, sendo o homem visto como provedor e dono das decisões relativas à sua família (NADER, 2019).

As mudanças relativas à mulher também se refletiram nos homens. Reavaliaram-se alguns valores tidos como masculinos e incluíram novos, como a sensibilidade e a afetividade, construindo uma nova masculinidade, mesmo que vista somente na vida privada (NOLASCO, 1995). Tais valores são diferentes das características que se espera que um homem carregue, como a virilidade, a robustez, a força e o heroísmo. Além de lhes terem reservado a produção material e a política (NADER, 2019). Também na contemporaneidade, observam-se mais homens compartilhando ou assumindo tarefas domésticas ou educativas nas residências, porém, esse crescimento ainda não é homogêneo e muito menos proporcional ao esperado, quando comparado à participação da mulher na vida pública (WAGNER, PREDEBON, 2005).

Por outro lado, há estudos que corroboram com a tradicional divisão de papéis de acordo com o gênero (BIASOLI-ALVES, CALDANA, DIAS DA SILVA, 1997; AMATO, BOOTH, JOHNSON, ROGERS, 2007), nos quais se observa que mesmo que a mulher seja mais bem remunerada que o marido, ela ainda é responsabilizada pelo serviço doméstico (FLECK, WAGNER, 2003; ROCHA-COUTINHO, 2003; MANSUR, CURSINO, 2019).

Mesmo com as mulheres se voltando mais para o espaço público, seja em busca de um melhor padrão de vida ou por realização pessoal (GOLDENBERG, 2000; ROCHA-COUTINHO, 2003; THISTLE, 2006), a responsabilidade pela casa e pelos filhos continua sendo mais pesada para elas (ROCHA-COUTINHO, 2003, 2004, 2005). Entretanto, entre as gerações mais jovens vislumbra-se uma distribuição mais igualitária dos afazeres domésticos, ajustada à perspectiva da igualdade de gênero (JABLONSKI, 2010; FERREIRA, QUEIROZ- RIBEIRO, 2019), o que corrobora com Demo (1992), que verificou uma participação e um envolvimento mais efetivo dos pais na educação dos filhos.

Se por um lado os indivíduos estão sendo incentivados pela mídia para buscarem a igualdade de gênero (JABLONSKI, 2010; FERREIRA, QUEIROZ- RIBEIRO, 2019), por outro, esse modelo tem gerado inúmeros conflitos familiares, em função das responsabilidades que ainda são muito influenciadas pelos papéis de gênero na sociedade (JACOBS, 2004). A percepção de que a divisão de responsabilidades é de alguma forma injusta tem aumentado o índice de confrontos e de insatisfação marital (BLAIR, 1988; GREENSTEIN, 1996; KLUVER, HEESINK, VAN DE VLIERT, 1996; LAVEE, KATZ, 2002). Na França, por exemplo, 80% dos maridos têm um discurso igualitário, porém, no cotidiano familiar não se envolvem com a educação dos filhos, com cuidados infantis e muito menos com os afazeres domésticos (JORNAL LE MONDE, 2000).

Tais conflitos existentes pelos papéis de gênero podem provocar problemas familiares. Quando esses dilemas não são solucionados, o divórcio pode ser uma saída, mesmo que ele ainda seja associado a um mal-estar provocado entre pais e crianças e que reflète diretamente na família (AMATO 2000; BERKMAN et al. 2015; WEITTOFT et al. 2004; JIMÉNEZ-GARCÍA, CONTRERAS et. al. 2019). Sendo um fenômeno que está em crescimento e faz surgir novas configurações familiares. O IBGE registrou no ano de 2016 um total de 344.526 divórcios no Brasil, sendo que 47,5% deles ocorreram entre casais com pelo menos um filho menor de idade (IBGE, 2016). Dentre os casos, a guarda dos filhos ainda tende mais para as mães (74,4%), assim como é grande o número daquelas mulheres que criam seus filhos sozinhas (GRZYBOWSKI, 2002), as mães-solo, embora o número de casos de guarda compartilhada também esteja crescendo.

O aumento do número de divórcios traz grandes implicações para os contextos em que as crianças são socializadas e educadas, podendo originar a disseminação de famílias monoparentais com a introdução ou não de novos parceiros dos pais (AMATO, 2000), a madrasta ou o padrasto, os quais são considerados “da família” após coabitarem no núcleo familiar por aproximadamente dois anos (WAGNER; BANDEIRA, 1996; WAGNER; FÉRES-CARNEIRO, 2000). Muitos estudos, inclusive, já mostram um crescimento na diversidade da estrutura familiar (GOLDANI, 1994; KOPSTEIN, ZANELLA, 2019), passando a ser reconhecido um contexto no qual já não é tão simples identificar e classificar quem é da família (WAGNER, 2008). Com essas novas possibilidades legitimadas, os aspectos de

autoridade, poder, regras e limites foram alterados, sendo mais complicado estabelecer esses limites e gerenciar a organização entre os seus membros (WAGNER, 2008).

Considerando a dinâmica dos limites e com o intuito de abranger mais formas de instituições familiares, este estudo incluiu famílias heterossexuais e famílias homoafetivas, nas quais os papéis de gênero se comportam de maneira diferente do que foi explicitado até aqui. O reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo, em 2011 (STF, 2001), e a legalização do casamento homoafetivo, em 2013 (CNJ, 2013), legitimaram essa forma de família no Brasil. Esse reconhecimento proporcionou as famílias homoafetivas a possibilidade de construir suas famílias de forma legítima, como uma prática reconhecida e valorizada socialmente (RODRIGUEZ, GOMES, 2012).

Dados do IBGE apontam que em 2010 existiam mais de 60 mil casais homossexuais. Nessa forma de organização familiar os papéis sociais são distribuídos de forma diferente, ela é distinta devido à ausência de papéis fixos para os indivíduos, inexistência de hierarquias e maior movimentação das lideranças do casal, o que favorece a troca dos papéis (PASSOS, 2005) e questiona o modelo complementar e antagônico (NADER, 2019) que sempre existiu entre feminino e masculino. Eles perpassam por um momento de elaboração de outras maneiras de existirem e se relacionarem, atrelados às vivências de funções na família (RODRIGUEZ, GOMES, 2012; ARALDI, SERRALTA, 2019).

No entanto, existem outros conflitos em relação a essa modalidade familiar. Quando se trata de um casal homossexual constituído por homens, questiona-se a ausência da figura materna, o que reforça o papel feminino do cuidar e do educar (RODRIGUEZ, GOMES, 2012). E quando se trata de um casal homossexual constituído por mulheres, questiona-se a ausência da figura paterna, ainda atrelada à ideia do provedor (SAFFIOTI, 1987). Entretanto, já foi constatado que a posição “materna” e “paterna” pode ser desenvolvida por qualquer um dos parceiros, mesmo que um ou outro executem certa função de forma mais evidente (ZAMBRANO, 2006, OLIVEIRA, DIAS, 2019).

Desse modo, na atualidade, são múltiplas e irregulares as formas familiares existentes (WAGNER, PREDEBON, 2005), o que possibilita novas estruturas familiares na contemporaneidade (XAVIER; GOMES, 2011; ZANARDO; VALENTE, 2009; SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003; SILVA, 2008; GUISSO, BOLZE et. al., 2019). E, por isso, é fundamental explorar os aspectos históricos que têm estruturado as famílias ao longo do tempo e espaço (WAGNER, PREDEBON, 2005) além de também elaborar uma análise da realidade familiar brasileira, mas, sem classificar nem julgar os modelos de famílias existentes (RIOS-GONZÁLEZ, 2004).

Em suma, as famílias têm se estruturado de maneira mais ampla e algumas questões de gênero têm se alterado ao decorrer de longos anos (GOMES, PAIVA, 2003, GUISSO, BOLZE et. al., 2019), de maneira que, na prática, a integração em torno disso é complexa e demorada (RODRIGUEZ, GOMES, 2012). O que ocorre na contemporaneidade não implica na dissolução da família (ROUDINESCO, 2003, TANNURI, SILVA, 2019), mas indica que essa instituição estimula novas experiências, já que ela participa diretamente do dinamismo social e é impactada pelo contexto cultural, político e econômico (PETRINI, 2012).

Conforme diversos delineamentos, as novas formas de gerir a vida familiar (GUERREIRO, ÁVILA, 1998; TORRES, 2004; WALL E GUERREIRO, 2005) revelaram que essa instituição é muito robusta e ainda é um porto seguro na vida dos indivíduos, mesmo quando em configurações mais fluidas (PETRINI, 2012) e plurais, representando, também, grupos sociais mais duradouros (GUERREIRO, 2007). Em um conceito amplo, pode-se dizer que família é a “unidade básica de interação social” (ZIMERMAN, OSORIO, 1997, p. 49), sendo a convergência da natureza e da cultura que, com o passar dos tempos, adquiriu formas e organizações diversas, coexistindo na atualidade sob vários tipos de instituições familiares formadas sobre princípios psicológicos e morais (ZIMERMAN, OSORIO, 1997). Tamanha diversidade dificulta uma definição genérica que especifique o que é família (FURLAN, MÜLLER, 2013; WALSH, 2016). O conceito amplo apresentado anteriormente abarca essa diversidade na medida em que oferece espaço para as mudanças que têm ocorrido nos papéis sociais e nos laços biológicos.

De Lauwe (1965) afirma que a instituição família deixou de ser tão rígida e agora os indivíduos estão mais desligados dos papéis tradicionalmente preestabelecidos,

confirmando que a vida familiar é uma contínua criação (WALSH, 2016). Observa-se também que os laços biológicos estão perdendo a relevância que já tiveram (GARCÊZ DE SOUZA SANTOS et al., 2013, WAGNER, 2008). Como reflexo, em substituição à maternidade e à paternidade, surgiu o termo parentalidade (RODRIGUEZ, GOMES, 2012), cujo significado é o exercício da função parental que, necessariamente, não vai ser realizado pelo pai e pela mãe (GARCÊZ DE SOUZA SANTOS et al., 2013). Já que o vínculo biológico não é mais um fundamento para a parentalidade (RODRIGUEZ, GOMES, 2012) há espaço para outros conceitos que permitam compreender a complexidade dessas relações (WAGNER, 2008; RODRIGUEZ, GOMES, 2012).

A proposta desta pesquisa se aproxima da abordagem de práticas familiares, que incentivam o foco nas práticas e interações cotidianas que compõem e são constituídas pela vida familiar (MILLAR, RIDGE, 2013). A partir daí, proponho estudar a família como organização fluida, dinâmica e criativa (PETRINI, 2012), composta por membros com regras, valores, hierarquias, expectativas e influências mútuas e cujas dinâmicas estão relacionadas com os contextos sociais em produção (ZIMERMAN, OSORIO, 1997). Não se deve supor sobre quem são os membros da família e sim averiguar o que realmente acontece no cotidiano dessa instituição, buscando a compreensão sobre como os indivíduos estão fazendo a família (VALENTINE, 2014).

Para realizar essa proposta, optou-se por romper com abordagens nas quais as famílias são classificadas e colocadas em “caixas”, seja em artigos científicos (SANTOS; SCORSOLINI-COMIN, DOS SANTOS, 2013; RODRIGUES, GOMES, 2012, WAGNER, LEVANDOWSKI, 2007; ROUDINESCO, 2003; ZIMERMAN, OSORIO, 1997; ARIES, 1981) seja na sociedade em geral. A alternativa é investigar como acontece o organizar da família, criando um caminho para criticar classificações e generalizações acerca dela e evidenciar que nenhuma é igual a outra, pois existe e sempre existiu, multiplicidade, heterogeneidade, diversidade e fluidez em cada uma delas. Ignorar isso nos estudos organizacionais é optar por simplificar um fenômeno complexo e perder o potencial que ele oferece em torno de uma diversidade de temáticas do campo.

Para abarcar as variadas estruturas familiares, não se busca entender a família como algo compreendido a partir de princípios específicos, preconcebidos ou categorizações simplistas. No lugar disso, proponho considerar as relações estabelecidas na vida social organizada (CERTEAU, 1988, CORREIA, CARRIERI, 2019). Em busca de um entendimento mais próximo da vivência cotidiana pode-se dizer que a família é a “unidade básica de interação social” (ZIMERMAN, OSORIO, 1997, p. 49), isto é, a interação social acontece no cotidiano familiar.

Guerreiro et. al. (2007) relevam os processos de reconfiguração familiar e os modos de organizar o cotidiano. Esses novos organizares permitem aos autores enfatizar as dinâmicas que ocorrem nas novas configurações, os novos significados construídos por essas famílias e as diferentes convicções sobre o modo de viver e os afetos que não conseguem ser capturados ou definidos *a priori* por meros rótulos conceituais. Por conta disso, não se busca um novo conceito uníssono de família ao corroborar com Guerreiro et. al. (2007), busca-se uma maior ênfase nos organizares do cotidiano familiar, com a proposta de enfatizar as dinâmicas como elas acontecem na interação social, por meio das relações em qualquer formação familiar, não apenas a família nuclear.

Sendo assim, busco uma concepção que vai ao encontro da ideia de que “a família do futuro deve ser mais uma vez reinventada” (ROUDINESCO, 2003, p.199), sem defender uma reinvenção estática ou única. Faz mais sentido oferecer espaço para que a própria família se reinvente em seu cotidiano, portanto, para nós, é o organizar familiar no cotidiano que define a família. Vê-se a necessidade de entender família a partir da sua prática cotidiana e de como as pessoas realmente vivem, e assim, que ela deve ser observada por outras lentes temporais e processuais que permitam novos entendimentos de família. Com isso, ela pode ser entendida como uma produção social continuada e que emerge por meio das práticas, pois as famílias acontecem no cotidiano, (re)organizando-se de múltiplas formas para que possam existir.

Para isso, utiliza-se a perspectiva processual e reflexiva do *organizing* (COOPER; BURRELL, 1988), que pode proporcionar novos olhares e novos entendimentos para a família e maneiras criativas do fazer cotidiano aos indivíduos comuns (CERTEAU, 1988). Um aspecto a se destacar é que a lente teórica do *organizing*

exige a contextualização do fenômeno estudado, implicando em considerar o contexto formativo dele (CZARNIAWSKA, 1997). Adota-se, então, que a família é uma produção social coletiva continuada e que emerge mediante práticas familiares, ou seja, fundamentalmente feita de realizações sociais manifestadas no cotidiano.

Assim, inserimos na discussão elementos das teorias da prática, investigando o que realmente acontece na sociedade contemporânea das famílias. Com isso ampliamos as fronteiras do que é o organizar familiar dentro ou fora, além dos outros tipos de organizar que se misturam como o organizar que ocorre nas chamadas organizações familiares, dentre muitos outros aspectos e fenômenos que podem ser analisados nos estudos organizacionais. Ao tratar deles, abandonamos a visão de família como um sistema social limitado às relações de gênero preestabelecidas, com estruturas restritas aos laços biológicos, objetivos e determinações associadas à posição social. Compreender família como organização permite oferecer um novo olhar para os estudos organizacionais, ao reconhecer a família como uma unidade básica de interação em qualquer sociedade, como um fenômeno organizativo legítimo.

A proposta de abordar o organizar familiar aproveita a ruptura da organização como entidade fixa e estável (CHIA, 1995; CZARNIAWSKA, 2004) e permite aos estudos começarem a enxergar a família como uma realização, sempre em curso, um fenômeno organizativo que coloca em evidência o homem ou a mulher comum, aproximando discussões contemporâneas da sociologia sobre dinâmica familiar e estudos organizacionais. Acreditamos que assim tornam-se visíveis as dinâmicas e complexidades do processo organizativo familiar e volta-se a atenção dos pesquisadores para questões produzidas por esse processo e não por noções assumidas *a priori*. A concepção de organizar da família é uma proposta para alcançar entendimentos expandidos sobre família, sem normatizar os mais variados tipos de organização, não no intuito de simplificá-la, mas de evidenciar sua complexidade.

Essa complexidade da família contemporânea foi investigada com base nas suas práticas, nas maneiras de se preparar, frequentar um lugar, locomover, sociabilizar e várias outras ações que constituem juntas o fenômeno do lazer familiar. A

complexidade familiar sempre existiu e busco ressaltá-la através do lazer familiar em espaços públicos. Para investigá-lo, utilizei contribuições dos campos de Turismo e Lazer. Desse modo, apresento no tópico seguinte as abordagens utilizadas nos dois campos do conhecimento, destacando as principais convergências e divergências encontradas.

## 2.2 TURISMO E LAZER: PRÁTICAS INTERLIGADAS

Tive que recorrer, queiram me compreender, sempre mais a pequenos prazeres, quase invisíveis, substitutos. Vocês não fazem ideia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso.

(FREUD, O Mal-estar da civilização, 1930)

Nos pequenos prazeres da vida que os campos de turismo e lazer possuem seus pontos em comum, a relação entre os dois campos do conhecimento já é tradicionalmente investigada, havendo diversos estudos que discutem suas ambivalências (FIORI, 2010; CORIOLANO, VASCONCELOS, 2014; CAMARGO, 2019). Alguns autores colocam o prazer como principal ponto de convergência entre os dois (CORIOLANO, VASCONCELOS, 2014), já outros sugerem que é a motivação lúdica e o ócio (CAMARGO, 2019). Para Santos (2000), “lazer é distrair-se e ser distraído” (SANTOS, 2000, p. 31). Meister (2005) relaciona lazer com o prazer de viver.

De forma hegemônica, o lazer é considerado como um contraponto do trabalho. Este trabalho vai em oposição a isso e se direciona ao encontro da abordagem que o considera uma prática social complexa que contempla vivências e culturas variadas que estão situadas num contexto histórico (GOMES, 2014). Messa et. al. (2005) defendem que a prática de lazer se trata de um conjunto de atividades com propósito, que possui uma dimensão educativa e enriquecedora de interação social.

O lazer foi considerado um direito de todos os cidadãos brasileiros a partir de 2015, sendo relevante a compreensão desse acontecimento para a sociedade brasileira (Emenda Constitucional nº 90, 2015). Já o turismo não é considerado um direito do cidadão brasileiro, sendo mencionado na Constituição Federal como um fator de desenvolvimento social e econômico (CF, 1988).

A Organização Mundial do Turismo define turismo como “a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado” (OMT, 2001, p.38). Nessa definição pode-se visualizar a importância dos aspectos temporais e espaciais no conceito de turismo para a OMT. Alguns autores, porém, simplificam essas divergências, como, por exemplo, Marc Boyer (1972), que afirma que o turismo é apenas um lazer praticado fora da cidade onde mora.

Para Pronovost (2018), os primeiros trabalhos de turismo simplesmente importaram a noção de lazer, mas personificaram o objeto. Enquanto as ciências de lazer utilizam termos como “praticar uma atividade”, sem necessariamente explicar quem está praticando, as ciências do turismo já iniciam suas abordagens personificando e centralizando o homem ou a mulher como principal agente do turismo, o denominado turista. Santos (2000) recomenda que não se pense sobre turismo e lazer como fenômenos separados. Nesta dissertação, realizei uma bricolagem que articula as ambições teóricas (CERTEAU, 1998) dos dois campos do conhecimento, ao entender que, turismo e lazer possuem fronteiras tênues, principalmente entre dois aspectos: (1) espaço e tempo e (2) dualidade de agência.

No primeiro caso, entende-se que a separação entre tempo e espaço é uma das principais divergências entre os dois conceitos. Porém, a partir do momento que aceitamos que cada indivíduo possui uma relação única a respeito de tempo e espaço, isso dificulta uma separação entre os conceitos. Não buscamos então, um conhecimento acerca do que é tempo e do que é espaço, mas sim sobre o que acontece no tempo e no espaço e como os diversos atores eles se relacionam na prática (CERTEAU, 1998).

No segundo caso, assumimos aspectos do lazer quando investigamos a prática de uma atividade ao invés de centralizar nosso foco no turista, abordagem convergente com os estudos baseados em prática, que rejeitam a dualidade de separação entre humanos e não humanos (INTRONA, 2007, ORLIKOWSKI, 2009), assumindo que o mundo social é composto por indivíduos e objetos que possuem propriedades conectadas (ORLIKOWSKI, 2009). A bricolagem entre os campos possibilita um aproveitamento das contribuições de ambos para alcançar o objetivo para oposto.

O turismo possui inúmeras abordagens epistemológicas e ontológicas. Para Wahab (1977), o turismo é uma atividade humana de caráter intencional, que proporciona aos indivíduos uma interação entre povos, além de servir como um meio de comunicação. Já para Arrillaga (1976), ele é a soma de deslocamentos opcionais e temporais determinados por um conjunto de bens, serviços e uma organização que torna esse deslocamento viável. De acordo com Moesch (2002), o produto turístico é um somatório da dimensão sociocultural, que produz um fenômeno cheio de objetividade e subjetividade, cuja composição integra práticas sociais com bases culturais e heranças históricas, conceito que se aproximadas abordagens sociológicas recentes, as quais apresentam o turismo como parte integrante da vida social organizada.

Nesse sentido, Cohen (2019) concorda que o turismo é aceito na Sociologia como um dos constituintes centrais da vida social contemporânea, e se tornou uma modalidade significativa pela qual o cotidiano social é organizado. De maneira convergente com esse entendimento das Ciências Sociais, Edensor (2001) define turismo como um conjunto de práticas corporificadas e entendimentos reproduzidos pelos indivíduos em suas performances turísticas (EDENSOR, 2001), contudo, cada indivíduo vivencia essa prática de maneira única (PINE, GILMORE, 1998). Dentro dessa ótica, para visualizar o turismo como um campo de estudo, é preciso realizar um diagnóstico dessa prática que relacione as relações entre o turismo, as tendências e as dinâmicas da sociedade (BERTONCELLO, 1998).

A sociedade contemporânea lida com alta fluidez nas mudanças sociais, econômicas e culturais (COHEN, 2018; BAUMAN, 2000), aspecto que influencia diretamente na prática do turismo. Pois, essa prática é influenciada pelo mundo que o cerca (HALL, 2004) e também o altera, proporcionando mudanças nas práticas sociais. Certeau (1998) enfatiza a influência do ambiente na prática quando menciona os “contextos de uso”, que situam o ato na sua relação com as circunstâncias do ambiente, sendo a prática um efeito do contexto social no qual ela acontece.

Na medida em que o campo de estudo reconheceu a relação do turismo com o contexto no qual ele acontece, disseminou-se o entendimento de que, para investigar esse fenômeno, deve-se ter em mente duas noções básicas: a prática

social e a atividade produtiva (CRUZ, 2001). Ambas realizadas pelo turista que, para alguns estudiosos, é o principal elemento que caracteriza o espaço turístico (CRUZ, 2003), o que se contrapõe à abordagem utilizada nesta dissertação.

Para Santana (1996), porém, é preciso elaborar uma definição que seja abrangente, sem centrar o foco no seu agente ativo, mas sim vê-lo como um fenômeno social, que abrange o surgimento e o desenvolvimento de diversas instituições. Um dos conceitos que possibilita isso é de Andrade (1992), que visualiza o turismo como um misto de práticas (atividades e serviços) relacionadas aos deslocamentos, à alimentação, ao transporte, à hospedagem, ou seja, atividades culturais que propiciam de lazer e entretenimento.

O emaranhado de práticas que desenvolvem o turismo se distancia da ideia de relacioná-lo apenas ao ato de viajar (HALDRUP, 2004; JOHNSON, 2010; URRY, 2007, OMT, 2001) ou utilizar um aspecto temporal (OMT, 2001; QUINLAN CUTLER; CARMICHAEL; DOHERTY, 2014) ou, ainda, estar em um “lugar diferente do seu habitual” (OMT, 2001, p. 38). Isso permite enxergar o turismo como fruto de um conjunto de práticas que estão acontecendo (BISPO, GODOY, 2012; JAMES, HALKIER, 2014; VALTONEN, 2009; VALTONEN, VEIJOLA, 2011, DESFORGES, 2000), as quais proporcionam compreender identidade, lugares e experiências vividas (URRY, 2007). A prática de turismo pode envolver a experiência de habitar em movimento (HALDRUP, 2004; URRY, 2007), moldando nossa vida diária por meio da autopercepção (QUINLAN, CUTLER, CARMICHAEL, 2010), de forma entrelaçada ao cotidiano (ENDENSOR, 2001).

Ao adotar esse entendimento, consideramos o turismo como cada vez mais imbricado com o dia a dia da sociedade contemporânea, já não estando contido em locais ou períodos específicos (FRANKLIN, CRANG, 2001), sendo indefinidas as fronteiras de separação de tempo e espaço na prática turística. Ao invés de se preocupar com aspectos estáticos, preocupou-se em compreender a dinâmica na qual a experiência turística incorpora elementos humanos, como os aspectos físicos, emocionais, espirituais e intelectuais do indivíduo (PINE, GILMORE, 1999), e também aspectos não humanos, que são associados ao lugar vivenciado (QUINLAN, CUTLER; CARMICHAEL; DOHERTY, 2014). Para compreender essas experiências, deve ser investigado como os aspectos da prática e do lugar se

relacionam com o desenvolvimento da identidade do indivíduo (DESFORGES, 2000).

Vários estudos já demonstraram que as experiências turísticas são agregadas à construção de autoidentidade ao agir como agente transformador do indivíduo (ARNOULD, PRICE, 1993; DESFORGES, 2000, NEUMANN, 1992; NOY, 2004). Nesse sentido, Tung e Ritchie (2001) revelaram quatro dimensões que tornam o turismo uma experiência memorável, a saber: o afeto, a expectativa, a consequência e a lembrança. Esses aspectos estão interligados: no afeto estão as emoções do turismo; na expectativa, as intenções; na consequência, o valor percebido pelo turismo, como melhoria de relacionamentos, aquisição de conhecimento, mudança nas percepções do indivíduo e superação física; e, na lembrança, a narrativa e o compartilhamento da experiência. Pontos que se interligam com o conhecimento sensível (GHERARDI, 2009a), utilizado na Teoria da Prática para expressar as sensações de prazer ou desprazer por meio dos sentidos do ser humano.

Sob essa ótica, as teorias da prática trouxeram algumas contribuições para o estudo do turismo (VALTONEN, 2009, RANTALA et al., 2011, VALTONEN, VEIJOLA, 2011, BISPO, 2012, JAMES, HALKIER, 2014, BISPO, 2016), já que essas teorias possibilitaram romper com algumas dicotomias como: corpo e mente; estrutura e agência; sujeito e objeto; razão e emoção (GHERARDI, 2014; OLIVEIRA, 2016). Esse aspecto converge com estudos sociológicos do turismo pós-moderno que têm rejeitado dicotomias estruturalistas ou oposições binárias para a compreensão do mundo social (APPIGNANESI et. al., 2004), já que a complexidade, heterogeneidade e multiplicidade contemporânea não podem ser compreendidas pelas estruturas binárias tradicionais, pois elas silenciam a diversidade e o conflito existentes no turismo (COHEN, 2019).

Dentre as contribuições para o estudo do turismo a partir das teorias da prática adotamos a abordagem de Bispo (2016), que ao teorizar o turismo pela ótica da prática apresenta a noção de “turismo como prática”. Para o autor, “o turismo é um fenômeno organizativo resultante de um contexto cultural oriundo de várias singularidades que se encontram e se misturam (interagem) na prática turística em si” e deve ser compreendido “como um fenômeno dinâmico e complexo a partir de

suas práticas culturais” (BISPO, 2014, p.130). Nesta dissertação, ao utilizar esse conceito para compreender turismo, convergimos com as ideias de Andrade (1992), que vê o turismo como um misto de práticas, e com as de Santana (1996), que o considera como um fenômeno social que origina e desenvolve diversas organizações.

No Turismo como prática, as concepções de mobilidade e performatividade são centrais na prática de turismo. Esse conceito possibilita compreender e gerar conhecimentos acerca do turismo, cujo intuito é romper com dualismos. O tema fundamental do Turismo como prática é que as práticas são o objeto de análise. Humanos e não humanos interagem criando atividades que, em conjunto, constituem a prática e, conseqüentemente, a organização. O primeiro passo é identificar esses atores para descobrir como um conjunto de atividades cria as práticas de turismo, mas, de maneira ampla e híbrida, e não em nível micro (BISPO, 2016).

Com base nessa abordagem, a prática de turismo é um fenômeno a ser estudado, em que esses aspectos acontecem, são moldados e “visíveis” (BISPO, 2015; GHERARDI, 2006; LAVE, WENGER, 1991; NICOLINI, 2013; PICKERING, 1993; RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2001, 2006, 2012, BISPO, 2016). Porém, essa abordagem também possui suas limitações, Cohen (2018) destaca que existe um entendimento raso de colocar a abordagem da prática com outras abordagens como a de performatividade, mobilidade e a teoria ator rede. Essas abordagens possuem aspectos em comum, o principal deles é o questionamento de suposições modernistas, o que pode levar a novos entendimentos e interpretações de turismo, de forma mais abrangente e sutil (COHEN, 2019), contudo, cada uma possui sua particularidade.

Uma das particularidades das teorias da prática é a visão diferenciada para a tradição de performatividade na Sociologia do Turismo (COHEN, COHEN, 2012; EDENSOR, 2001). Essa perspectiva sociológica opera sobre o papel e a relevância das emoções no turismo e pode se beneficiar da relação entre as teorias da prática e as teorias sociais de Goffman (2017) e Durkheim (1977), seja nos rituais de interação para opostos por Collins (2004) seja no recente interesse do papel das emoções nas experiências turísticas (LIN et. al., 2014; NAWIIN, FRICKE, 2015). Ao

compreenderem as experiências turísticas pela ótica da prática, as emoções que surgem da prática turística são entendidas como uma propriedade de práticas sociais, conforme Lamers (2017) destaca.

Nesta dissertação utilizam-se particularidades da abordagem da prática para a compreensão do lazer com bebês em espaços públicos, na qual são explorados aspectos como: as maneiras de fazer dos praticantes, o conhecimento sensível utilizado para se organizarem no lazer, a materialidade e outros aspectos que são explorados na análise de dados. Esses tópicos foram selecionados mediante convergência entre as teorias da prática e os estudos de sociologia do turismo.

Para Cohen (2019), os pesquisadores em turismo devem explorar alguns aspectos que estão à frente nos estudos atuais sobre turismo. Ele lista sete pontos que considera como os mais relevantes: emoções, experiências sensoriais, materialidades, gênero, ética, autenticação e os fundamentos filosóficos das teorias do turismo. Desses aspectos, optou-se por utilizar a teoria da prática para compreender as emoções, as experiências sensoriais e a materialidade no lazer em parques públicos com bebês. Pontos que convergem com agendas de pesquisa já reconhecidas nos estudos organizacionais, como as emoções nas organizações (OLIVEIRA, 2016, SCHATZKI, 2006), os sentidos humanos no conhecimento estético (GHERARDI, 2009a; 2009b; 2014; STRATI, 2007; BISPO, 2013) e a materialidade nas organizações (FIGUEREDO, 2014, CHARMAN, 2013; GAGLIARDI, 2006; STRATI; 1992).

Cohen (2019) destaca ainda que, a “virada emocional” no turismo possibilita extrapolar os aspectos econômicos tradicionais do campo e compreender os aspectos psicológicos e emocionais dos turistas, refletindo o reconhecimento das emoções e aspectos cognitivos no desempenho das experiências e prática turística, podendo incluir até mesmo as emoções do pesquisador quando vai a campo (POCOCK, 2015; COHEN, 2019). As emoções possibilitam estudos sobre desigualdade social (AHMED, 2004), conexões ou separações emocionais entre turistas e guias (BUDA et. al, 2014), empatia (TUCKER, 2016) e política cultural da emoção (FRAZER, WAITT, 2016), que utiliza o pensamento feminista pós-estruturalista para compreender a política dos sentimentos de voluntariado nas Filipinas. Fraser e Waitt (2016) sugerem que a intensificação da dor empática dos

voluntários produza espaços ambivalentes, convergindo com Oliveira (2016), que destaca as emoções como constituintes da política emocional do organizar, ou seja, que as emoções organizam o espaço e tempo de organizações culturais, que, nesse caso, foi o voluntariado.

As emoções também atravessam o conhecimento sensível, que pode ser utilizado como um instrumento eficiente para moldar os sentimentos e comportamentos em determinados espaços (BALDRY, 1999). O conhecimento sensível é construído pelas experiências sensoriais que possuem relevância para o turismo, entretanto, o campo possui foco na visão (URRY, 1996; RAKIĆ, CHAMBERS, 2012), como se o turista fosse agente passivo na prática do turismo e não interagisse com os elementos locais, sejam eles humanos ou não humanos. Os outros sentidos foram negligenciados no turismo, mas tem se disseminado uma vertente sensorial que veio para suprir essa lacuna (COHEN, 2019). Passaram a ser consideradas diversas sensações que antes eram negligenciadas, como o sentido de equilíbrio, o sentido de movimento, o sentido visceral e a sensação de dor e temperatura, que foram incorporadas por alguns pesquisadores de turismo (AGAPITO et al., 2013).

Para Smith (2007), os sentidos não são universais, existe neles um aspecto histórico inserido no tempo e no espaço, e a forma com que as pessoas os percebem mudou no decorrer da história. Com isso, inseriram-se novos sentidos para a compreensão da dimensão cultural e sociais que possuem no turismo, sendo necessárias novas pesquisas para entender o papel dos sentidos no comportamento do turista (AGAPITO et. al., 2013). O aspecto sensorial converge com a estética organizacional, na qual o corpo é um instrumento que utiliza os sentidos para gerar sensações de prazer ou desprazer, ao se relacionar com o mundo vivido (GHERARDI, 2009b). A estética possibilita compreender como os sentidos influenciam na experiência e na prática turística (BISPO, 2016).

O aspecto sensorial, porém, não foi investigado de maneira isolada, mas sim na forma com que ele se relaciona com os demais atores. Um desses atores é o ponto material do lazer, que possibilita uma compreensão das múltiplas configurações que a materialidade desenvolve na prática (ORLIKOWSKI, 2010). A materialidade é amplamente estudada no turismo, com foco no simbolismo dos artefatos comumente. Todavia, esse foco deixa em aberto uma lacuna na qual a

materialidade vai além disso, considerando como os não humanos produzem o ambiente de turismo. Um caminho para preencher essa lacuna nos estudos organizacionais tem se baseado na adoção da Teoria Ator Rede (BEARD et al., 2016, HALDRUP, LARSEN, 2006) e em algumas discussões provenientes dela que são aproveitadas por diversas abordagens das Teorias da Prática. Um exemplo disso é o trabalho de Cohen (2019), que propõe que a investigação do turismo deve abandonar seu foco histórico no sujeito, permitindo uma compreensão mais complexa da relação entre humanos e não humanos na prática de turismo, relação que foi estudada a partir de estudos baseados em prática.

A materialidade possui um valor importantíssimo para o turismo, pois existe uma quantidade enorme de “coisas materiais” que são necessárias para a prática do turismo, como, por exemplo, ferramentas nas práticas cotidianas de turismo de massa, como o balde e a pá na areia da praia, estudadas por Franklin (2014), que demonstram como objetos cotidianos aparentemente triviais co-constituem o turismo de maneiras complexas. Nos estudos organizacionais, a materialidade incorpora diversas práticas, como, por exemplo, o artesanato, que possui particularidades para se pensar a relação entre pessoas, artefatos e ambiente no contexto organizacional (FIGUEREDO, 2014). Optou-se por inserir neste trabalho os estudos baseados em prática devido a recentes contribuições específicas dessa abordagem ao turismo.

Lamers (2017) afirma que as Teorias da Prática podem contribuir de três formas com o turismo: possibilitando uma análise aprofundada de práticas de consumo ou produção de turismo, facilitando a análise de alterações no turismo, no decorrer do espaço e tempo, e revelando a inserção das práticas de turismo na sociedade, sendo essa última contribuição a principal nesta dissertação. Alguns pesquisadores utilizaram a abordagem para estudos sobre roteiro turístico (FERNANDES, 2018); outros sobre mobilidade no turismo (LUZECKA, 2016); outros sobre turismo na floresta (RANTALA, 2010) e sobre turismo voluntário (BARGEMAN et. al, 2016). Estudos que aproveitaram o potencial da abordagem da prática para tratar do turismo e do lazer familiar não foram encontrados, portanto, preencher essa lacuna é uma das contribuições deste trabalho.

Ao utilizar a abordagem da prática, como a ontologia, entende-se que não é possível isolar uma prática da outra, determinando que elas acontecem de forma imbricada no cotidiano. Desse modo, reconheço que as práticas de lazer e as práticas de turismo se sobrepõem no tempo e no espaço, e, eventualmente, se conectam, já que alguns autores consideram práticas que são correlatas (SCHATKI, SHOVE, 2017; JULIO, 2019). Com isso em mente, elaborei um esquema conceitual, com os aspectos convergentes e divergentes entre elas, para explicar como ocorre o emaranhado de práticas que foram investigados nesta pesquisa (CERTEAU, 1998). Aproveitam-se, então, as contribuições dos dois campos teóricos da seguinte forma:

Figura 1 - Esquema conceitual com as convergências e divergências entre Lazer e Turismo



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do conceito de Bispo (2016) para a definição de turismo acrescento o principal ponto de convergência com a concepção de lazer, a fim de investigar a prática do lazer em família no espaço público. O ponto de convergência é o propósito da ação, seja ele prazer ou diversão, o qual atravessa as emoções como constituintes da prática. Dessa forma, utilizo os aspectos principais do turismo como prática, a mobilidade e a performatividade, e acrescento a dinâmica emocional no lazer e no turismo, pois ela é importante para constituição do objetivo da ação. Ademais, já que toda prática implica exercício emocional (RECKWITZ, 2013), entendo que os fenômenos emocionais são essenciais nos processos de organizar, principalmente no que tange ao turismo e lazer.

Por meio da dinâmica emocional é possível investigar as relações de poder que organizam a prática do lazer e turismo em família, relações que passam pelas mães, pelos pais, pelas crianças e demais atores envolvidos. As emoções são importantes fenômenos de análise e possibilitam compreender como se relacionam o espaço e o tempo no processo de organizar, na produção de conhecimento que advém dele e as lógicas de ação presentes nas práticas sociais (OLIVEIRA, 2016).

Os aspectos relacionados com turismo e lazer, como práticas sociais que foram articulados neste tópico, oferecem potencial para investigar o cotidiano de lazer na esfera familiar, conforme o objetivo proposto nesta dissertação. Desse modo, o próximo tópico versará sobre as formas como as pesquisas trataram o turismo e o lazer familiar na literatura científica.

### **2.2.1 Turismo e Lazer no cotidiano familiar**

No intuito de abarcar a diversidade e a multiplicidade dos estudos sobre o cotidiano de lazer e turismo da família, foi realizada uma busca sobre turismo e lazer familiar utilizando as Teorias da Prática, porém, não foi encontrado nenhum estudo com essa abordagem.

Utilizaram-se as palavras: *Tourism, Practice, Family e Leisure, Practice, Family*, nas bases: *Google Scholar, Scopus, Emerald Insight, Web of Science, Spell and Wiley*, nas quais os termos foram procurados nos títulos e nos respectivos resumos, algumas bases possibilitaram a busca em todo o texto. Entretanto, não foi localizado nenhum trabalho que utilizasse a via das práticas para investigar o turismo ou lazer familiar. Desse modo, a seguir, apresento uma revisão de literatura sobre turismo e lazer familiar, destacando os trabalhos mais relevantes desse assunto que foram publicados pelo mundo.

Existe uma escassez de estudos sobre turismo familiar na literatura (PORIA, TIMOTHY, 2014; SCHÄNZEL, YEOMAN, 2014; OBRADOR, 2012), o que é contraditório, já que milhares de pessoas realizam essa prática no mundo todo. A literatura existente acerca do assunto é fragmentada, individualizada e incompleta (SCHÄNZEL, SMITH, 2014). A maior parte dos estudos encontrados foi da Europa

e da Ásia e possuem um viés funcionalista que utiliza os estudos empíricos apenas para gerar indicadores para o mercado de turismo (OBRADOR, 2012).

Nesses estudos, diferentes aspectos do turismo familiar foram tratados, dentre eles, a importância das crianças nas famílias, como grupo de consumidores do turismo, evidenciada por Schanzel, Smith e Weaver (2005). Thornton et al. (1997) destacam as influências das crianças na tomada de decisão dos adultos, seja por suas necessidades infantis seja pela capacidade de negociação. Decrop e Snelders (2004) descobriram que, primeiramente, se decide as pessoas que participarão da viagem, para depois decidir outros aspectos, como, por exemplo, o destino. Khoo-Lattimore et al. (2015) exploraram as necessidades específicas de pais asiáticos em *resorts* com crianças pequenas, com implicações gerenciais e de *marketing*. Curtale (2018) analisou o impacto das crianças nas escolhas turísticas dos pais. Fodness (1992) discutiu a importância do ciclo de vida familiar nas tomadas de decisão do turismo. Carr (2006) evidenciou as diversas motivações dos adolescentes na família. Mottiar, Quinn (2004) analisaram a questão de gênero ao explorar papéis distintos e relações de poder entre um casal, na tomada de decisão durante o turismo.

Mesmo com tantos estudos, existe uma corrente predominante que se volta para a descrição dos aspectos objetivos do fenômeno ao invés de compreender os aspectos sociais subjetivos que o envolvem (SMALL, 2008), pouco se encontra sobre as dimensões sociais e culturais da família no turismo (SCHANZEL et al., 2005). Isso causa estranheza, visto que pesquisar os fenômenos familiares sem considerar tais dimensões, que envolvem a vida contemporânea, impossibilitam tratar de aspectos diretamente relacionados ao fenômeno.

Outro aspecto observado foi a invisibilidade das crianças nos estudos de turismo (OBRADOR, 2012; PORIA, TIMOTHY, 2014, SMALL, 2008). Para Obrador (2012), a ausência delas é um problema teórico, resultante da forma de pensar o turismo, não há espaço para relações de domesticidade e socialidade, tornando-se desconcertante. Mesmo quando os estudos incluem as crianças, a maioria utiliza a perspectiva dos adultos sobre elas e as trata como atores (SCHANZEL ET AL., 2005) ou objetos (CARR, 2011) passivos. Poria, Yaniv et al. (2014) destacam que para promover o conhecimento do turismo deve-se explorar as vozes das crianças,

em vez dos pressupostos dos adultos ou especialistas acerca do assunto. Para alcançar isso, pode-se utilizar o organizar da dinâmica familiar (LEHTO, XINRAN et al, 2009) ou o recorte de grupos específicos (KHOO-LATTIMORE et al. 2015). Para Obrador (2012), os estudos de turismo devem romper com a vertente homogênea, que neste caso é funcionalista, e reconhecer os múltiplos pontos de vista existentes, que por meio de suas subjetividades constroem a família de maneira diversa (OBRADOR, 2012).

Seymour e McNamee (2012) defendem a reintegração das crianças dentro das famílias, abordando toda a família na pesquisa, o que pode possibilitar um *insight* sobre a dinâmica desse grupo (SCHÄNZEL, SMITH, 2014). Os estudos também podem progredir e adquirir uma compreensão inicial das experiências das crianças acerca das férias em família (PORIA, TIMOTHY, 2014), ao utilizar a ideia de que elas podem ser informantes delas mesmas (ATZABA-PORIA, PIKE, DEATER-DECKARD, 2004; MEASELLE et al., 1998), bem como realizar estudos com elas e não sobre elas. Para isso podem ser utilizados grupos etários específicos, já que as idades as diferenciam (SCHÄNZEL, YEOMAN, 2014). Os grupos etários comumente são definidos como: primeira infância (0 até 2 anos), segunda infância (3 a 6 anos), meia infância (7 a 10 anos) e adolescência (11 a 18 anos). Esses intervalos consideram as habilidades cognitivas, de linguagem e as necessidades psicológicas (PORIA, TIMOTHY, 2014), além das diferentes necessidades das crianças (SCHÄNZEL, YEOMAN, 2014).

Alguns estudos de lazer familiar se assemelham com os de turismo. Trussel et. al. (2017) destacam que as vozes das crianças foram silenciadas nos estudos de lazer, existindo poucos estudos que investigam como elas experimentam o lazer e sua posição na vida familiar (JEANES, 2010). Isso é um reflexo da indiferença com que a ciência tratou as crianças, por exemplo, até hoje, algumas culturas não as atestam como seres humanos plenamente realizados e sim como seres humanos em formação. Em contraponto, recentemente, a sociologia da infância proporcionou estruturas para reconhecer e compreender a agência e os direitos da criança (JAMES, 2015), sendo aceitas como agentes sociais capazes que moldam e são moldadas pelas circunstâncias (DANBY, FARRELL, 2004). Neste trabalho, foi adotada a ontologia relacional, em que a agência não está situada no adulto, na

criança ou nos objetos, mas sim distribuída entre humanos e não humanos, conforme as práticas (MALONE, 2017).

Quando esses estudos discutem agência das crianças, muitos discutem sobre a questão da mobilidade infantil em diversas cidades (WHITTLE, 2018, CLEMENT, WAITT, 2018, HOLT, 2013, MITCHELL ET. AL., 2007; JENSEN, 2017). Holt (2013) dá visibilidade às geografias cotidianas dos bebês ingleses, ele busca desvendar como o poder opera para produzir sujeitos com agência, mesmo que limitada. Corroborando com esse aspecto, Mitchell et. al. (2007) investigam as experiências do trajeto entre a casa e a escola de crianças de escola primária em três bairros de Auckland, Nova Zelândia. Eles concluem que, as crianças preferem transitar pela cidade com agência ilimitada, decidindo as formas e os acessos que terão no espaço público.

Já outros trabalhos exploram como a materialidade pode influenciar na mobilidade familiar. Dentre eles, Whittle (2018) investiga como os *slings* podem mudar a experiência da mobilidade familiar no norte da Inglaterra. Ao fazer isso, a autora oferece importantes *insights* sobre a mobilidade familiar, ampliando a compreensão da experiência emocional e relacional das mobilidades íntimas para as famílias. Clement e Waitt (2018) destacam como as mobilidades dos carrinhos de bebê possuem papel na organização espacial e temporal da maternidade e da infância, moldando a experiência urbana na cidade de Wollongong, Austrália. Jensen (2017) utiliza o mesmo objeto de estudo, mas o relaciona com a acessibilidade urbana da cidade de Copenhague. Ele explora como o passeio de carrinho de bebê é moldado por projetos de materiais e experimentado em atmosferas afetivas, práticas incorporadas e interações sociais.

Outros estudos exploram espaços da cidade reservados para o público infantil, como, por exemplo, *playgrounds* (SARAGIH, 2018, CORDEIRO, MELLO, 2017). Saragih (2018), ao pesquisar sobre a indisponibilidade de *playground* para as crianças na cidade de Jakarta, Indonésia, descobriu que mesmo com um espaço limitado, elas conseguiam brincar e se divertir em algumas áreas. Enquanto Saragih (2018) sente falta de espaços reservados para as crianças, Cordeiro e Mello (2017) criticam esses espaços, afirmando que eles muitas vezes obstruem uma experiência genuína da cidade. Os autores criticam a modernidade, alegando que

ela reconfigurou a paisagem urbana, distanciando casa e rua, o que impacta consideravelmente a experiência sensorial da criança urbana. Os autores partem da perspectiva brasileira para construir sua discussão. Os perigos do trânsito, os carros, bicicletas, motos, patinetes e o perigo social contribuem para a reclusão da criança no espaço doméstico. Isso impacta em problemas como obesidade infantil, que aumentou, segundo o último censo do IBGE (2010), e no uso das tecnologias pelas crianças, o que impacta em hábitos infantis, agregando fatores sociais, culturais, comportamentais e comunicacionais (MARTINELLI, MOINA, 2009).

A contemporaneidade afeta também a restrição da criança ao espaço privado, dificulta a percepção que ela constrói da cidade onde vive, já que elas percebem o mundo nos próprios termos (KALLIO, HAKLI, 2010) e diminui o senso de responsabilidade da sociedade pelas crianças. Desse modo, observa-se um contraste com um espaço social orientado pelo adulto (CORDEIRO, MELLO, 2017) ou um espaço social restrito às crianças, dificultando que elas caminhem e descubram a cidade por suas práticas.

Ao investigar os modos como os bebês e as crianças praticam lazer nos espaços públicos da cidade, podem-se obter *insights* sobre o funcionamento da família fora do espaço doméstico, seja nos momentos de turismo, de lazer, ou na sobreposição de ambos (LASHLEY, LYNCH, MORRISON, 2007, SCHANZEL, SMITH, 2014). Sabe-se que a parentalidade vai além do espaço doméstico e é uma prática pública observada e reconhecida por toda a sociedade (TRUSSELL, SHAW, 2012). Nesse sentido, o próximo tópico irá tratar da abordagem teórica da pesquisa, que está situada na ontologia das práticas, a qual admite o caráter dinâmico, relacional e fluido da vida social organizada. Busquei elucidar aspectos importantes das Teorias da Prática e do Organizar para os Estudos Organizacionais, que permitiram compreender as maneiras com as quais as famílias se relacionam com o contexto social, econômico, físico e político das cidades que elas praticam o lazer familiar.

### 2.3 AS TEORIAS DA PRÁTICA E O ORGANIZAR

No intuito de explorar as mais variadas maneiras de fazer lazer das famílias encontradas, optou-se por uma epistemologia e ontologia também polissêmica, que é a das práticas sociais. Ela possibilita o entendimento da vida social organizada

mediante práticas que são realizadas no cotidiano, que o criam e recriam continuamente. As teorias da prática têm como cerne que a sociedade se produz por meio das ações recorrentes dos atores (FELDMAN, ORLIKOWSKI, 2011). Existe uma pluralidade de teorias da prática, compondo um amplo leque de abordagens teóricas e que são ligadas por semelhanças históricas e conceituais (NICOLINI, 2012).

Em comum, as teorias da prática buscam o rompimento de algumas dualidades como: mente e corpo, cognição e ação, estrutura e agência, objetivo e subjetivo, micro e macro, de forma dinâmica e transitória, por meio da produção contínua de sentido (RECKWITZ, 2002). Atuam na esfera relacional, com foco na dinâmica das práticas, deslocando a agência do indivíduo e assumindo que o mundo é criado e recriado por sujeitos, sejam eles pessoas, objetos ou animais.

O objeto de análise é a prática, na qual o indivíduo é apenas um veículo (CERTEAU, 1998). O próprio conceito de prática reflete a diversidade existente na teoria, de modo que vários autores já tentaram conceituá-la. Para Certeau (1998) prática é simplesmente uma maneira de fazer. Para Giddens (1984) ela é uma ação social que produz e reproduz as estruturas que delimitam e possibilitam o agir. Para Schatzki (2003, 2005), as práticas são os “ditos” e “feitos” dos sujeitos, um conjunto organizado e amplo de ações interpostas continuamente. Para Reckwitz (2002), a prática é uma performance constante do ser humano, ligada ao objetivo da ação, ao conhecimento sustentado, à interpretação pessoal e aos níveis emocionais do indivíduo, que utilizam esses aspectos para usufruir e transportar as práticas que acontecem no cotidiano.

Neste trabalho foi utilizado o conceito de Gherardi (2009b), que situa a prática como uma atividade socialmente sustentada, em constante aprendizagem e refinamento, e como fonte geradora de conhecimento (GHERARDI, 2009a). As práticas também foram vistas como uma maneira de fazer, mas elas não são criadas no vácuo, e sim, em um contexto social (CERTEAU, 1998). Gherardi (2012a) situa o conceito de prática como “*in-between*”, estando entre hábito e ação e reprodução e produção. Para ela, a prática tem aspectos habituais porque se baseia na repetição de atividades, mas também tem o caráter de uma ação intencional, não é nem instintivo, nem intencional (GHERARDI, 2007). Ao investigar como as famílias

praticam o lazer no cotidiano, analisou-se como as pessoas realizam suas atividades ao discutir as múltiplas maneiras de realizar uma prática e a construção social adjacente a elas.

É importante tratar das diferenças ontológicas que existem na teoria, a principal delas, e que será tratada nesta dissertação, gira em torno da agência. São divergentes os modos com que os autores da prática tratam esse aspecto, alguns pendem mais para o aspecto social, outros para a simetria com o material, reconhecendo a agência de não humanos de forma tão significativa quanto a dos humanos. Existem muitos estudos que abordam essa questão, por exemplo, Orlikowski (2007), que investigou a relação entre o motor de busca do *Google* e o desenvolvimento de conteúdo pelos humanos, que advém disso.

Para Orlikowski (2007, 2010), toda prática emana da sociomaterialidade, e, para se estudar o aspecto material, é preciso compreender as configurações dinâmicas e múltiplas da sociomaterialidade, já que elas são realizadas na prática. A própria noção de sociomaterialidade converge com os significados e materialidades que acontecem no conjunto de práticas cotidianas (BARAD, 2007; INTRONA, 2007; SUCHMAN, 2007), em que o ponto de partida compreende as configurações e reconfigurações de práticas sociomateriais que interagem de maneira relacional (SUCHMAN, 2007).

Dentre os autores que pendem mais o lado do humano está Certeau (1998), que dá um destaque ao social e coloca o indivíduo não no sentido da intenção da ação, mas o reconhece apenas como autor ou veículo (SILVA, SILVA, 2019). Como se utilizam as contribuições dele como base para a construção desta dissertação convém salientar que não há uma inconsistência ontológica entre ele e as teorias da prática. Silva e Silva (2019) reconhecem que Certeau (1998) apresenta elementos que o afastam de um entendimento tradicional de agência quando ele reconhece a resistência que advém pela tática.

Poster (1992) afirma que na abordagem *certeuniana* rejeita-se a centralidade do sujeito, ele relembra que, para Certeau, a prática “diz respeito aos modos de operação ou esquemas de ação, e não diretamente os sujeitos (ou pessoas) que são seus autores ou veículos” (POSTER, 1992, p. 201). Para ele, então, a agência

é algo sustentado em relação a um campo social habitado por outros atores, não havendo impedimento para que esses atores sejam não humanos. A agência, assim, “não é mais algo que você possui ou não. Pelo contrário, é algo que você mantém em relação a um campo social habitado por outros atores sociais. Agência é, portanto, altamente dependente de situações sociais” (UTAS, 2005, p. 407).

As práticas incluem aspectos humanos e não humanos, de modo que a agência está distribuída entre eles e possibilita investigar a relação existente entre a sociedade e a materialidade (GHERARDI, 2009a). Assim, as práticas produzem um organizar que tem sido cada dia mais fluido, múltiplo, interligado, temporário e disperso (CIBORRA, 1996; STARK, 1999; CHILD, MCGRATH, 2001; LAW, URRY, 2004), em que se deve abster do fazer uma separação entre material e social, o que proporcionará uma lente mais adequada para compreensão das práticas.

Na busca da compreensão das práticas, existem abordagens que estudam os efeitos sociais gerados por uma prática em relação às outras, considerando a prática para além do “fazer” no que se refere ao objeto, abarcando em seu “fazer” na sociedade (CORRARDI et al, 2010). Dois fenômenos são destacados em particular: primeiro, as práticas estão interligadas umas às outras (SWIDLER, 2001) e, em segundo lugar, a recursividade (ou reprodução) é uma característica que distingue a prática de ação.

Adota-se a recursividade da prática como essencial para a produção e reprodução das práticas, ela pode se constituir de hábitos socialmente sustentados, conhecimento no domínio da ação e valores que conferem responsabilidade social para a ação, tornando-se maneiras compartilhadas de realizar qualquer prática (GHERARDI, 2009a). Para Giddens (1984), ela é o elemento que proporciona aos praticantes e pesquisadores o reconhecimento dessa prática como responsabilidade normativa e estética. Dessa forma, à medida que as práticas se repetem, elas moldam os praticantes e são igualmente moldadas por eles.

A recursividade é uma forma diferente de realizar a mesma prática, isso porque os vários fatores que a influenciam não se reproduzem exatamente da mesma forma, apesar de possuírem uma aparente estabilidade. A recursividade é ligada aos eventos passados e futuros, à medida que as atividades são praticadas, elas

resgatam a historicidade dos processos organizativos, deixando em evidência que a prática está inserida em um contexto histórico e situada no espaço e tempo (JULIO, 2019). Sendo assim, associa-se a recursividade ao conhecimento, que, neste estudo, é característica dos atores que praticam o lazer em família.

O conhecimento não está nas pessoas, nos objetos ou nos lugares, mas sim “em uma atividade situada em práticas sociais, laborais e organizacionais.” (GHERARDI, STRATI, LIVRO, p.14). Ao afirmar que não se deve tomar o outro como idiota, Certeau (1998) explana como os sujeitos possuem conhecimentos dos quais não sabem, pois ele está encarnado em seu corpo em suas ações cotidianas e na relação que possuem com a materialidade do mundo que os cerca. O conhecimento então é uma bricolagem que os atores criam para praticar suas atividades de forma mais eficaz e prazerosa, por meio das maneiras de fazer qualquer prática compartilhada, já que o contexto influencia na prática e a prática influencia no contexto.

O conhecimento, por sua vez, é ligado à aprendizagem da prática, porém, esta aprendizagem não é adquirida pela esfera formal e tradicional, mas sim pelo ato de “praticar” (STRATI, 2007). Corradi et al. (2010) afirmam que a aprendizagem não é um fenômeno de uma pessoa só, mas de várias, como um processo social participativo e *locus* de aprendizagem, estudo e compreensão. Para Nonaka e Takeuchi (1995), a aprendizagem possui aspectos explícitos e tácitos que juntos constroem os processos de organizar. Sendo assim, a aprendizagem possibilita o organizar e o organizar possibilita a aprendizagem (STRATI, 2007), e, a prática.

O conhecimento tácito é explorado na estética organizacional que contribui para entender como os sentidos humanos (olfato, paladar, tato, audição e visão) influenciam as experiências turísticas e a geração de conhecimento e aprendizagem (BISPO, 2016). Assim, é por meio desses cinco sentidos humanos que o indivíduo adquire gosto por determinadas práticas. E essa capacidade de distinguir e criticar as práticas efetivadas permite compreender como o juízo estético contribui para sustentar os modos locais e estabelecidos do praticar, refinando suas modalidades e proporcionando um maior ou menor prazer ao realizar aquela prática (GHERARDI, 2009b). A formação de gosto trazida por Gherardi (2009b) engloba mais aspectos, gosto é uma consciência do que é esteticamente conveniente dentro de uma

comunidade de praticantes, tendo também uma inclinação à subjetividade, em como essa prática é aprendida e ensinada, até se tornar um praticante, sendo atividade coletiva e situada. A formação de gosto acontece em três etapas: ao se ter um vocabulário compartilhado entre os praticantes, na criação de comunidades de aprendizagem e no aperfeiçoamento das performances (GHERARDI, 2009b).

Outro aspecto importante é o julgamento estético, que se sustenta pelo conhecimento sensível, ao expressar as sensações humanas de prazer ou desprazer (GHERARDI, 2009b). Esse processo é permeado pelos cinco sentidos do ser humano: audição, olfato, paladar, visão e tato. O corpo é utilizado como um instrumento e uma relação com o mundo em que vive (GHERARDI, 2009b). Nesse sentido, muitos pesquisadores enxergam o conhecimento estético como um mecanismo eficiente que pode moldar as emoções, os pensamentos e os comportamentos das pessoas em determinados espaços (GAGLIARDI, 1996; WITKIN, 1990; BALDRY, 1999; HENLEY, 1977).

Assim como as Teorias da Prática, o organizar também pode oferecer um novo olhar para os estudos organizacionais (DUARTE, ALCADIPANI, 2016), pois coloca em evidência o homem e a mulher comuns (BARROS; CARRIERI, 2015; CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014; CERTEAU, 1998) como os membros da família que são os praticantes no organizar da prática do turismo familiar investigado neste estudo. Esse conceito provoca uma ruptura da organização como entidade fixa e estável e começa a enxergá-la como uma realização (CHIA, 1995; CZARNIAWSKA, 2004), sempre em curso, um fenômeno, “como resultado de processos heterogêneos contínuos e precários que, por estarem em constante produção, geram uma aparente estabilidade” (DUARTE, ALCADIPANI, 2016, p. 57).

Nessa ótica, entende-se que uma atividade em organização proporciona aos sujeitos um conjunto de instâncias cognitivas e uma maneira própria de agir (TSOUKAS, CHIA, 2002), uma “maneira de fazer” (CERTEAU, 1998). Essa atividade constante e dinâmica possibilita uma realidade social que é renegociada em paralelo com as interações sociais, de forma mais ordenada. Para dar sentido a essa realidade, utiliza-se a ideia de *sensemaking*, uma sequência na qual as pessoas envolvem circunstâncias contínuas para extrair significado e fazer sentido enquanto promulgam alguma ordem nessas circunstâncias. Ele é um processo

significativo de organização, que pode dar sentido às colaborações equívocas e propagar esse sentido novamente na realidade social, tornando-a mais ordenada (WEICK, 2005).

Para Latour (2011), organizar é reorganizar o tempo todo, sendo assim, nada está organizado para sempre (CZARNIAWSKA, 2008b). Com essa concepção ontológica, salienta-se que organizações são situações temporárias, pois o organizar nunca termina (CZARNIAWSKA, 2004). O *organizing* é uma conexão, reconexão e desconexão de diversas atividades coletivas que se relacionam conforme uma ordem já estabelecida ou de maneira criativa (DUARTE, ALCADIPANI, 2016).

Dito isso, pode-se afirmar que o organizar sofre influências da sociedade e da cultura da região. Nesse sentido, Scott (1995, p.151) enfatiza que “nenhuma organização pode ser adequadamente entendida à parte de seu contexto social e cultural mais amplo”. Ao utilizar o organizar como lente temporal e processual (DUARTE, ALCADIPANI, 2016) busca-se compreender as organizações como elas acontecem (SCHATZKI, 2006). Uma forma simples de se pensar é substituindo o substantivo (organização) pelo verbo (organizar) (COOPER; LAW, 1995), o que possibilita enxergar o *organizing* em diversos fenômenos sociais, tais como o lazer familiar, o qual será explorado neste estudo.

Assim, dentro do organizar para a prática do lazer familiar encontra-se inserido outro organizar, o organizar da prática familiar. Isso porque a família é compreendida como uma organização dinâmica, fluida e heterogênea que sofre influências da sociedade e possui em sua prática características e formas criativas de organizar próprias, as quais se pretende identificar com este estudo. Esses “organizares” serão explorados com o cotidiano de lazer familiar, visando atender a sua multiplicidade, heterogeneidade, dinamicidade e fluidez.

#### 2.4 O ORGANIZAR COM O COTIDIANO

É possível abordar o cotidiano na pesquisa de diversas formas, dentre elas destacamos a diferença em pesquisar “no” cotidiano, “do” cotidiano, “com” o

cotidiano e “sobre” o cotidiano (FERRAÇO, 2003; ESTEBAN, 2003; ALVES, 2003). Na pesquisa sobre o cotidiano existe uma separação entre sujeito e objeto, com o intuito de captar a lógica da distinção, do controle. Como se o pesquisador estivesse “fora” do cotidiano para poder pesquisá-lo, isento dele, e se colocando como um sujeito de dominação do objeto, superior a ele (FERRAÇO, 2003). Ao criticar esse tipo de abordagem, Ferração (2003) propõe realizar a pesquisa “com” o cotidiano, de “fazer junto”, em que se manifestam as tramas das relações cotidianas nos diferentes espaços e tempos habitados pelos sujeitos de pesquisa. Esse sujeito não é somente um ser biológico, ele resulta de uma construção social em variados contextos. É por meio de vínculos sociais que ele se organiza e também é organizado, com afeto, linguagem e comportamento, tornando-se uma organização complexa habilitada a estabelecer acordos, produzir o imaginário ordinário e, portanto, a própria realidade (NAJMANOVICH, 2001). Ao realizar a pesquisa “com” o cotidiano, assumem-se como sujeitos de pesquisa os personagens do cotidiano, considerando a narrativa deles como discurso legítimo, necessário e importante, tais como as escolhas teóricas que o pesquisador faz para seu projeto (FERRAÇO, 2003).

Esteban (2003) explica que a pesquisa “com” o cotidiano não pretende somente tecer explicações para os fenômenos observados, mas busca aprofundar a compreensão acerca da realidade, em um olhar dialógico associado a processos de intervenção. Porém, a autora alega que a pesquisa “com” não se separa tão facilmente da pesquisa “sobre” o cotidiano. Na pesquisa com o cotidiano existe uma preocupação de discutir, confrontar, negociar e transformar o discurso do sujeito de pesquisa, sempre procurando a compreensão do outro. Todavia, muitas vezes o pesquisado não se abre facilmente, o que conduz o pesquisador a realizar discursos plausíveis sobre o outro (ESTEBAN, 2003).

De acordo com o escopo deste estudo, que pretende investigar as práticas familiares no cotidiano de turismo, e, sendo essa pesquisadora uma nativa no âmbito pesquisado, será adotada a perspectiva de pesquisa “com” o cotidiano (FERRAÇO, 2003). Será evitada a elaboração de narrativas sobre o outro, optando-se pelo comprometimento de “fazer com” (CERTEAU, 1998) e colocando a narrativa dos sujeitos de pesquisa em evidência como discurso legítimo (FERRAÇO, 2003), porém, com o cuidado de “beber em todas as fontes”, atendendo à heterogeneidade

e à multiplicidade do cotidiano (ALVES, 2003). Nesse ponto de vista, será evidenciada a dinâmica das relações cotidianas (FERRAÇO, 2003) perante o lazer, na qual os sujeitos se organizam pelos vínculos sociais (NAJMANOVICH, 2001), na procura minuciosa das entrelinhas que surgem nessas relações. Ao adotar essa perspectiva, assume-se também que a presença da pesquisadora em campo será notória para essa construção, assim como a presença de animais, objetos, espaços, lugares, onde tudo se entrelaça e produz o cotidiano de pesquisa.

Dentro dessa produção do cotidiano de pesquisa, adotamos alguns conceitos de Certeau (1998), que privilegiou as diferenças e enxergou diversos sujeitos de pesquisa, evidenciando a voz do outro com os discursos comuns (ordinários) dos praticantes do cotidiano. Certeau (1998), em sua busca pela cultura ordinária, enfatiza a diversidade das situações, da pluralização e da multiplicidade das diferenças. Para ele, a cultura ordinária é uma “ciência prática do singular”, que toma às avessas os hábitos de pensamento do indivíduo, em que a racionalidade científica é conhecimento do geral, abstração feita do circunstancial e do acidental (CERTEAU, 1998, p. 341-342). Assumimos esse entendimento para investigar os saberes que são originados das práticas ordinárias, sendo o alvo dessa dissertação as práticas familiares de lazer com bebês, um conhecimento comum, simples, popular, que escapa da lógica da racionalidade produtivista e não é alvo constante de pesquisas científicas, mas que pode proporcionar novos conhecimentos e entendimentos da cultura e do organizar que envolve essa prática

A cultura para promove conflitos e, de vez em quando, legitima, altera ou domina a razão do mais forte, é criada em um oceano de tensões, até de violência, porém, fornece equilíbrio simbólico, acordos de conformidade e compromissos ocasionais. O enfoque da cultura começa quando o homem e a mulher ordinários se tornam os narradores da própria história, definindo o lugar de fala (RIBEIRO, 2017), o lugar da prática (SILVA, FANTINEL, 2018) e o espaço obscuro de seu desenvolvimento (CERTEAU, 1998).

Acerca da cultura, Certeau (1995, 1998) desenvolveu muitos trabalhos que se transformam num livro posteriormente, intitulado “A Cultura no Plural” (1995). Para o autor a cultura é produzida pelas “redes de criação anônimas e práticas significativas” (FERRAÇO, SOARES, 2018, p. 76) que constroem o presente do

cotidiano. O termo “no plural” se refere então às múltiplas culturas existentes no espaço e no tempo, capazes de produzir sentido aos praticantes e podendo ser, no âmbito formal ou informal, sendo esse último mais interessante para o autor. A cultura pode ser investigada pelos conflitos cotidianos da contemporaneidade, nos quais algumas práticas possibilitam aos praticantes uma arte (que implica num conhecimento) capaz de enfrentar hierarquias e estruturas sociais (FERRAÇO, SOARES, 2018).

Sendo assim, Certeau (1995) afirma que “a cultura pode ser comparada com essa arte, condicionada pelos lugares, regras e dados; ela é uma proliferação de invenções em espaços circunscritos” (CERTEAU, 1995, p. 19), entende-se então que a cultura também é situada em um contexto. Giard (1995) considera que cultura é algo muito diferente de valores a serem preservados, mas que ela é criada e recriada continuamente no cotidiano, constituindo-se em uma extensão da vida social organizada, dando ênfase às práticas que a produzem. Para Mayol (1996, p. 40), as práticas culturais sugerem uma bricolagem, “mais ou menos fluida, mais ou menos coerente, de elementos cotidianos (concretos, ideológicos, simbólicos, tradicionais, institucionais)” e também materiais, que acontecem todos os dias por meio da expressão corporal e material dos praticantes, possibilitando a eles criarem e assumirem uma identidade perante aquele ambiente no qual estão circunscritos (MAYOL, 1996; MARTONI, 2018).

O corpo e o comportamento transmitem juntos uma mensagem para a sociedade (MAYOL, 1996). No que se refere à prática, o corpo muitas vezes transporta e (re)produz as práticas, sendo um veículo para elas (CERTEAU, 1998). Os gestos e os discursos (re)criam juntamente as práticas cotidianas de homens e mulheres comuns e produzem sempre heterogeneidade, multiplicidade e diferença (FERRAÇO, SOARES, 2018). Muito ainda nos falta para compreender os artifícios dos homens e das mulheres ordinários, dos heróis e heroínas comuns, que vivenciam as incríveis abundâncias criativas das práticas cotidianas (CERTEAU, 1998). Essa procura pelo conhecimento subalterno abre espaço para as artes de fazer das pessoas comuns, para descobrir o que há de específico nelas, fazendo-as protagonistas da sua própria história (MATOS, 2002). Busca-se também, o entendimento dos usos e consumos dos usuários da cultura, invenção ordinária que ele denomina *poética*, bricolagem que não é feita com produtos próprios, mas com

o que é imposto pela ordem dominante (FERRAÇO, SOARES, 2018; CERTEAU, 1998).

Para Certeau (1998), o cotidiano não é uma rotina, mas é onde habitam opressões e resistência, é algo ofertado (CERTEAU, GIARD, MAYOL, 2009). Para Guarinello (2004), o cotidiano reproduz as estruturas sociais e também instaura o momento da mudança, assim, qualquer acontecimento histórico é fruto dele. Na produção da cultura e, conseqüentemente, da história, os indivíduos criam sua vida, individual e também coletiva, em um movimento de constante transformação (PEREZ, 2003). Isso corrobora com Souza (2003), quando afirma que:

todos aqueles que perdem o vínculo com a história correm o risco de perder o vínculo significativo com a existência humana que continua a se fazer e refazer no cotidiano, e que nunca foi única e absoluta, pois sempre habitou a pluralidade e as diferenças (SOUZA, 2003, p. 259).

Um aspecto crucial do cotidiano e, conseqüentemente, da cultura é saber que as redes de relações vivenciadas hoje foram criadas pelo passado por meio de experiências vividas e da memória. Mesmo que alguma ação seja provisória ou imediata, isso não anula o vínculo com as experiências passadas, os saberes da comunidade, como o movimento e a oralidade. Essa dinâmica entre passado e presente proporciona a cada pessoa desenvolver habilidades por intermédio das experiências adquiridas em sua comunidade de aprendizagem cultural e social, sendo necessário conhecer e reconhecer os saberes provenientes da experiência familiar e comunitária, visando favorecer o desenvolvimento e o enriquecimento desse conhecimento. As coisas não se criam do nada, não se aprendem do nada, mas sempre se encontram alicerçadas pelas experiências e aprendizagens já existentes, na memória, no passado, na cultura de um povo, entre outros (SOUZA, 2003). A memória para Certeau (1994, p. 162-163) “desenvolve a aptidão para estar sempre no lugar do outro, mas sem se apossar dele [...] torna possível uma inversão, uma mudança de ordem e de lugar, uma passagem a algo diferente, uma metáfora da prática ou do discurso”. A análise com o cotidiano é desenvolvida por meio de perguntas que revelam a situação, visando compreender as relações complexas do cotidiano.

A dinâmica da pesquisa com o cotidiano é marcada pelo incerto e evidencia que, muitas vezes, pode ser difícil dar visibilidade aos vínculos que ligam o fragmento e

as relações que o formam. A imprevisibilidade e a invisibilidade fazem parte do cotidiano, assim como a previsibilidade e a visibilidade. Esses opostos cruzam-se, misturam-se, aproximam-se, distanciam-se e convivem nas contradições ao criar uma onda difícil de ser compreendida e acompanhada (ESTEBAN, 2003). Isso é refletido no cotidiano das organizações, conforme apresentam Oliveira e Cavedon (2013), que compreendem que o cotidiano organizacional é um ambiente de práticas, em que é possível discutir a origem dos processos formados na sociedade, no lugar pesquisado e nas contradições da vida cotidiana. As autoras criticam a ideia de que o cotidiano é uma rotina e convergem com Vidal (2005), que acredita que as práticas possibilitam mil maneiras diferentes de jogar o jogo do outro.

Refletir o cotidiano é operar no interstício, no entre-lugar, porque até o pensamento habita no cotidiano (SOUZA, 2003). Ao pensar o cotidiano, é impossível discriminar tudo o que é visto ou sentido, justamente por ele residir nas entrelinhas da sociedade. Para Souza (2003, p.252), “o cotidiano é plural, híbrido, miscigenado e complexo”, e, para Perez (2003, p. 117), “cotidiano é o movimento, é construção social e história da ação humana”. A pesquisa no cotidiano é um terreno incerto, híbrido, movediço, arriscado, no qual o pesquisador e os pesquisados estão “à deriva” ao percorrerem um caminho que vai sendo construído em conjunto (ESTEBAN, 2003).

Ao assumir esse entendimento, nesta dissertação ele é adotado para compreender o organizar da prática do lazer no cotidiano de famílias com bebês. Posto que o cotidiano é um oceano de práticas que são criadas, recriadas, produzidas e reproduzidas continuamente, de forma dinâmica, fluida e infinita. Assim como no oceano, o cotidiano sofre influências de humanos, animais, objetos, sociedade, culturas diversas e fenômenos inesperados. Desse modo, como o cotidiano reproduz as estruturas sociais (GUARINELLO, 2004) e nele habitam a pluralidade e as diferenças (SOUZA, 2003), pretende-se identificar as maneiras de fazer e as contradições das práticas familiares no turismo. Isso porque, embora seja um terreno incerto (ESTEBAN, 2003) e complexo (SOUZA, 2003), ele precisa ser explorado, já que nele se erguem construções sociais nas quais acontece a história da humanidade (PEREZ, 2003).

Certeau (1998, 2006), ao elaborar sua teoria sobre práticas sociais, ofereceu uma abordagem que possibilita analisar as práticas no cotidiano das organizações. Diversos estudos já utilizaram as ideias do autor, seja na gestão (CARRIERI *et al.*, 2014; BARROS, CARRIERI, 2015; JUNQUILHO *et al.*, 2012), na estratégia (SILVA, CARRIERI, JUNQUILHO, 2011; SILVA; CARRIERI; SOUZA, 2012; JARZABKOWSKI, BALOGUN, SEIDL, 2007; ABDALLAH, LANGLEY, 2014), no espaço urbano (FORTALEZA, IPIRANGA, 2010, XAVIER *et al.*, 2012; FRANCO, OLIVEIRA, 2016), na cultura (MENDES; CAVEDON, 2012; OLIVEIRA, CAVEDON, 2012; FANTINEL, CAVEDON, 2009; IPIRANGA, 2009), em práticas de resistência (THANEM, 2012, DEY; TEASDALE, 2015, PAULSEN, 2013), entre outros. As convicções *certeaunianas* estimulam e favorecem novos olhares sobre fenômenos já estudados por outras vias, possibilitando a aproximação entre a filosofia e os estudos organizacionais (FARIA, SILVA, 2017), além da desnaturalização de fenômenos vistos como importantes (MACHADO, FERNANDES, SILVA, 2017).

Nessa perspectiva, como o cotidiano é dinâmico e fluido, e intentando compreender como ele é “inventado” com as práticas, será explorado o conceito de formalidade das práticas: “Toda sociedade mostra sempre, em algum lugar, as formalidades a que suas práticas obedecem” (CERTEAU, 1998, p. 83). Certeau (1998) ainda classifica as práticas em duas categorias, estratégias e táticas, não no intuito de normatizar, mas como ações circulares, que vêm e vão, como ondas no oceano, que se infiltram e planejam astúcias de interesses e de desejos diversos. A estratégia é:

o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças [...]. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do outro (CERTEAU, 1998, p. 99).

A tática é:

a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha [...]. A tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo, e no espaço por ele controlado... ela opera golpe a golpe, lance a lance... o que ela ganha não se conserva (CERTEAU, 1998, p. 100).

A tática é a força do outro, que é o mais fraco, o oculto, o invisível aos olhos do próprio, ele não possui um lugar de privilégios e precisa corromper o sistema por meio de táticas para sua resistência e sobrevivência (FARIA, SILVA, 2017) enquanto o outro é subestimado, possui querer e poder que são garantidos a ele pelas estratégias (CERTEAU, 1998). O Quadro 1, a seguir, facilita a distinção entre essas práticas:

Quadro 1 - Distinção entre as práticas.

<b>Estratégia</b>	<b>Tática</b>
Sujeito de querer e poder	Arte do fraco
Lugar do próprio	Lugar do outro
Saber que sustenta e determina poder	Movimento em território inimigo
Estabilidade	Astúcia, Oportunismo

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao comparar as formalidades das táticas a jogos, tais como xadrez ou baralho, Certeau (1998) assume que as regras que organizam os lances do jogo constituem também uma memória de planos de ação que desencadeiam novos lances. Os relatos de jogos se transformam em histórias que, quando bem memorizadas, tornam-se repertórios de planos de ação entre parceiros ao ensinar as táticas possíveis nesse sistema social existente.

Uma formalidade das práticas cotidianas se sobressai nessas histórias, que podem inverter as relações de força, pois quem iria esperar que a foca saísse livre de um tubarão? É algo inesperado, é como um milagre que garante ao mais fraco a vitória. Como no cotidiano experimenta-se uma relação de forças, cada situação tem rodadas específicas com jogadas praticadas pelos sujeitos, porém, essas jogadas que estão nas entrelinhas não são explícitas (CERTEAU, 1998).

As práticas são entendidas como maneiras de fazer que Certeau (1994) se refere como imprescindíveis para o estudo do cotidiano, produzidas em modo temporal,

social e histórico, e proporcionam aos sujeitos uma produção astuta, silenciosa, quase invisível, que passa alheia a eles. As práticas astutas são exploradas por Ferraço, Soares e Alves (2017) ao darem ênfase à performatividade das práticas e à distinção operadas por elas nos sistemas de referência, seja operando por intermédio da performatividade dos discursos, dos objetos, da imagem ou pelas normas instituídas em manuais e leis. Para Certeau (1994), essas maneiras de fazer compõem as diversas práticas apropriadas pelos sujeitos do espaço organizado por meio dos modos de produção social e cultural, nas brechas criadas pelo tempo. Com essas “maneiras de fazer” os sujeitos se apropriam do espaço social, nelas existe uma dimensão micropolítica que é reafirmada pela normatividade social, podendo transgredi-la ou reforçá-la (OLIVEIRA, CAVEDON, 2013).

Essas transgressões táticas ocorrem por meio da bricolagem, uma arte de “adaptar” (GIARD, 1998) ou de “combinar” (FRANCO, OLIVEIRA, 2016). A bricolagem é um conjunto de práticas realizadas por indivíduos que abusam de criatividade, mas que não possuem especialidade técnica (FARIA, SILVA, 2017). A importância da compreensão da bricolagem ficou evidente na pesquisa de Domingues, Gripp e Fantinel (2017) que, ao estudarem aspectos simbólicos em uma determinada organização, encontraram o “jeitinho brasileiro” como característica marcante de gestão, dado o constante improviso na gestão e nas apropriações do espaço urbano praticado por ela. As bricolagens são constantes no cotidiano e proporcionam aos sujeitos formas experimentais e próprias de realizar uma prática.

O espaço urbano também pode ser explorado pela ótica *certauniana*, ou seja, com conceitos de lugar e espaço. “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 1998, p. 201). No lugar, a lei do próprio que domina é um ponto estável, planejado, em que cada elemento tem um local definido. Já o espaço é um lugar praticado (CERTEAU, 1998, p. 202), no espaço podem acontecer subversões dos lugares, ele é produzido pelo conjunto dos movimentos que são praticados (CERTEAU, 1998).

O autor também discute a relação entre itinerário e mapa, sendo o mapa “uma descrição redutora totalizante das observações” e o itinerário “uma série discursiva de operações” (CERTEAU, 1998, p. 204), colocando assim o mapa como um subterfúgio insuficiente para compreensão das práticas sociais. No intuito de

evidenciar as práticas ocultas da sociedade, Certeau (1998) recorre à categoria de “trajetória”, como uma “unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos” (CERTEAU, 1998, p. 98), capaz de provocar um movimento pelo espaço e pelo tempo. Porém, a trajetória não se resume somente a uma linha do tempo, mas a uma “articulação temporal dos lugares em uma sequência espacial de pontos” (CERTEAU, 1998, p. 98). Na trajetória, ocorrem momentos únicos e, portanto, irreversíveis, marcados por atos e lembranças.

A adoção dos estudos Certeau (1998) como fundamento para esta dissertação decorre das aprofundadas e ricas análises que podem surgir dos conceitos do autor, além do mais, são poucos os estudos de turismo que aproveitaram suas contribuições para o campo. Para opõe-se, então, uma junção entre os aspectos da Teoria da Prática, principalmente em torno de contribuições de Gherardi (2009a, 2009b), Orlikowski (2010), Weick (2005) e Bispo (2016), com os conceitos de Certeau (1998). Com base neles será estudada a prática de turismo familiar, em um entendimento no qual os aspectos de mobilidade e performatividade acontecem, são moldados e “visíveis” (BISPO, 2015; GHERARDI, 2006; LAVE, WENGER, 1991; NICOLINI, 2012 PICKERING, 1993; RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2001, 2006, 2012, BISPO, 2016). Serão utilizadas também as noções de conhecimento sensível (GHERARDI, 2009a), de estética (BISPO, 2016) e de *sensemaking* (WEICK, 2005) para compreender a experiência na prática turística e as relações estabelecidas e criadas no cotidiano do turismo.

### **3 METODOLOGIA: VAMOS DE QUÊ?**

#### **3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA**

A abordagem metodológica empregada neste estudo é qualitativa e consiste em uma opção adequada para compreender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON, 1999), apropriada para compreender a complexidade social que perpassa pelas práticas cotidianas (CERTEAU, 1998). Conforme sugestão de Certeau (1998) deu-se uma grande importância à produção de dados e se utilizou de um olhar minucioso para os dados produzidos, na tentativa de captar a multiplicidade das práticas e torná-las perceptíveis (GIARD, 1996). Não existe um modelo de pesquisa qualitativa preconcebido, ao passo que pesquisas com essa abordagem proporcionam descobertas inesperadas (BANSAL, CORLEY, 2011) e emergentes (CRESWELL, 2007; GRAY, 2013). Nesse tipo de pesquisa entende-se que a realidade é construída por intermédio da relação dos indivíduos com seu mundo social (GODOI, BALSINI, 2010).

O foco do estudo esteve em compreender os diferentes modos de a família organizar a prática do lazer, investigando as formas heterogêneas de manifestação do cotidiano (CERTEAU, 1998). Ao adotar a perspectiva de pesquisa com o cotidiano, pretendeu-se compreender as singularidades das práticas e a multiplicidade dos fazeres que promovam a participação dos indivíduos em suas dinâmicas. Para isso, os procedimentos não devem ser estáticos, tampouco podem simplificar a complexidade das práticas exercidas “com” o cotidiano (ESTEBAN, 2003). Isso porque o acesso às práticas cotidianas é árduo, pois as pessoas desenvolvem atividades sem perceber (BISPO, 2014), uma vez que nem todas as ações humanas são intencionais e reflexivas (GARFINKEL, 1967; GHERARDI, 2006). Não obstante, Esteban (2003) aponta a necessidade de adotar metodologias que evidenciem os fragmentos desprezíveis e irrelevantes do cotidiano, pois neles habita uma conexão complexa e múltipla de formas de viver e pensar a sociedade.

Como recorte, foram definidas categorias que refletissem o objetivo da dissertação. Nessa perspectiva foi escolhida a delimitação de faixa etária das crianças, de modo a refletir os organizares específicos de cada idade, sendo assim definido o interesse em pesquisar os bebês, que, neste trabalho, correspondem às crianças de 0 a 2

anos. Selecionamos cidadãos da Grande Vitória, principal área metropolitana do estado do Espírito Santo, local mais acessível para a pesquisadora. O principal interesse da pesquisa é sobre lazer familiar, sendo assim, definiu-se que o bebê estaria acompanhado da própria família, nos momentos de lazer em parques públicos.

Como *locus*, foi definido o espaço público, pois é um local de acesso a todas as classes sociais e que reflete como os praticantes lidam com as estruturas que o limitam e o restringem, tais como: horário de funcionamento e estrutura física, vias de acesso disponíveis, convivência com outros cidadãos, dentre outros. Destaca-se ainda, que foram selecionadas famílias já praticantes de lazer nesses espaços públicos, para compreender os organizares delas, as quais já incluem em seu cotidiano passeios com o bebê nesses locais. Dessa forma, foi definido o seguinte recorte para contemplar os sujeitos da pesquisa:

- 1- Ter um filho entre 0 a 2 anos;
- 2- Residir na Grande Vitória-ES;
- 3- Ser praticante de lazer familiar em espaços públicos metropolitanos;
- 4- Frequentar espaços públicos com a família e o bebê;

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados conforme técnica da bola de neve, que consistiu em descobrir informantes-chaves que, por sua vez, indicaram novas pessoas com o perfil definido para a pesquisa, essa técnica é adequada para estudar questões delicadas, de esfera privada (VINUTO, 2016), que no caso deste estudo ocorrem dentro da prática familiar quando estão realizando o lazer. Inicialmente, os praticantes foram selecionados mediante rede de contatos da pesquisadora, que confeccionou um convite (Apêndice A) para divulgação da pesquisa em suas mídias sociais, como *Instagram* e *Whatsapp*. O fato de a pesquisadora ser mãe e nativa no fenômeno estudado favoreceu a localização dos pesquisados. No planejamento inicial da pesquisa foi estabelecido um número de 3 a 5 famílias que seriam suficientes para a coleta de dados, considerando que, acima disso, não seria viável para o aprofundamento necessário para tratar o tema em questão. Porém, ao longo da coleta de dados surgiram diversas famílias com

interesse em participar e a pesquisadora também passou a ter interesse em ampliar a quantidade de idas a campo, optando por acompanhar 8 famílias nas idas aos parques públicos da Grande Vitória-ES.

Dessa forma, foram realizadas 7 idas a campo nos parques públicos da cidade de Vitória-ES e 1 ida a campo na cidade de Vila Velha - ES. A cidade de Serra - ES também foi alvo de sugestões dos pesquisados para ir a campo, porém, a disponibilidade de tempo dessas famílias não foi suficiente para serem incluídas neste estudo.

### 3.2 PRODUÇÃO DE DADOS

Na pesquisa foram utilizados diversas técnicas de coleta de dados no intuito de alcançar os objetivos traçados, conforme o Quadro 2 a seguir, que apresenta os métodos selecionados.

Quadro 2 - Métodos de pesquisa selecionados

<b>Método</b>	<b>Autor</b>	<b>Objetivo</b>
<i>Shadowing</i>	CZARNIAWSKA (2004, 2008a, 2008b, 2014).	Acompanhar e observar a prática.
Entrevista não estruturada	FONTANA e FREY (2005)	Fazer questionamentos sobre aspectos específicos que surgiram no campo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na busca por um método que pudesse acompanhar as práticas e seus desdobramentos (MCDONALD, SIMPSON, 2014) optou-se por utilizar o *shadowing* como principal metodologia do estudo. Essa metodologia implica em “sombrear” os atores em suas práticas que, neste estudo, será o lazer familiar em espaços públicos.

Segundo Czarniawska (2004; 2008a), o *shadowing* possui como principal vantagem a mobilidade, que pode proporcionar uma observação mais ampla e profunda da dinâmica das práticas do organizar, já que elas ocorrem em espaços diversos, em contextos fragmentados e múltiplos (CZARNIAWSKA, 2008b). Essa metodologia possibilitou entendimentos cruciais para este estudo, principalmente no que tange à mobilidade das famílias com bebês, conforme será explorado na análise dos dados.

Bispo (2014) também sugere a adoção desse método para estudar o turismo como prática, já que ele pode acontecer em diversos lugares, de forma simultânea ou não. Sendo assim, utilizaram-se aspectos da abordagem do turismo como prática para investigar o lazer como prática familiar. Essa abordagem mostra-se eficaz para pesquisar a vida de atores que se deslocam de forma frequente e rápida, de um lugar para outro, oferece facilidades ao possibilitar sombreado não humanos e também oferece dificuldades, como a necessidade de estar em sintonia com o sombreado (CZARNIAWSKA, 2014). Ao permitir esse deslocamento, busca-se visualizar as diferenças entre sombreador e sombreado pela atitude de “*outsiderness*”, que substitui a idealização sentimental pelo respeito mútuo entre estranhos. Essas diferenças poderão ser identificadas e compreendidas, gerando conhecimento acerca delas (CZARNIAWSKA, 2014). Sendo assim, o *shadowing* pode ser concebido como uma construção coletiva (CZARNIAWSKA, 2004), fato que foi observado nitidamente durante a inserção da pesquisadora em campo. Essa técnica de pesquisa foi pensada para acontecer no ritmo e no *locus* do cotidiano estudado (CZARNIAWSKA, 2014), implicando em algumas posturas do pesquisador. McDonald e Simpson (2014) destacam que o sombreado gera uma imensidão de dados, tendo o pesquisador o desafio de gerenciá-los.

Ao longo desta pesquisa foram produzidas 1279 imagens, 30 vídeos e 9 diários de campo e, realmente, a gestão desses dados foi muito complexa. Tendo como *locus* de pesquisa o espaço público, é comum a presença de fotógrafos profissionais e pessoas comuns fotografando o local, dessa forma, optou-se por explorar a produção de dados audiovisuais, o que foi facilitado pelo fato de a pesquisadora também ser fotógrafa. A câmera fotográfica foi aceita com mais facilidade em campo do que alguém tomando notas enquanto acompanhava a prática do lazer com bebês, que foram muito receptivos com a presença de alguém os fotografando e

até faziam pose para a câmera. As mães e os pais também aceitaram muito bem essa posição de pesquisadora-fotógrafa e ficavam ansiosos e agradecidos em receber as imagens do campo.

Dessa forma, o pesquisador está presente nas práticas estudadas, corroborando com a escolha de pesquisar “com” o cotidiano. Assim, o *shadowing* é uma técnica metodológica e uma atitude do pesquisador (CZARNIAWSKA, 2014), assim como dos pesquisados, que ao entenderem a dinâmica do campo já se comportavam de uma forma que possibilitava a pesquisadora acompanhá-los, inclusive muitas vezes os bebês a esperavam.

A finalidade de aplicar o *shadowing* no presente estudo consistia em seguir a prática do lazer em espaços públicos com bebês (que nesta pesquisa era uma criança de 0 a 2 anos), com o intuito de captar a organização da prática do lazer cotidiano. Assim, busca-se sombrear a prática (BISPO, 2015). Ao fazer isso, automaticamente, os atores-chaves envolvidos nesse processo são sombreados, porém, cabe salientar que o foco não está nos indivíduos, mas na organização da prática. Nesse contexto, Quinlan (2008) afirma que o *shadowing* é uma metodologia adequada para fazer esse tipo de análise, na qual o indivíduo não é o principal, é a relação social que o envolve.

Para facilitar a compreensão dessa dinâmica, buscou-se elaborar o que foi denominado nesta pesquisa de “Trajetória SILE”, que trata do circuito percorrido pelos atores de pesquisa enquanto estão praticando a ação observada, que foi construída a partir de um aplicativo de *smartphone*. Essa metodologia se dá pela pluralidade metodológica que o pesquisador qualitativo pode utilizar, podendo combinar e até criar práticas de pesquisa que se mostrem mais adequadas ao seu objeto (DENZIN, LINCOLN, 1994).

Lahlou (2010) afirma que o uso da tecnologia digital traz contribuições para os estudos que têm como foco a vivência, que no caso deste estudo foi a prática do lazer. Pimentel e Nogueira (2018) afirmam que o uso de mecanismos portáteis pode retratar o ponto de vista do sujeito. Uma nova corrente do turismo já utiliza a tecnologia GPS como artifício metodológico para rastrear o movimento de turistas pelos destinos, por meio de pesquisa incorporada em aplicativos de *smartphones*,

combinados com a tecnologia GPS (HARDY, 2017). Shoval, Schvimer e Tamir (2018) utilizaram os avanços tecnológicos para elaborarem um mapa emocional da cidade de Jerusalém, eles utilizaram a interação entre espaço e emoção, possibilitando mapear as características emocionais da cidade por um aplicativo de *smartphone*.

Para o desenvolvimento da trajetória SILE, a pesquisadora utilizou um aplicativo gratuito de corrida no celular dos atores envolvidos quando começamos a realizar o *shadowing* no parque público, o percurso foi finalizado quando se concluiu o *shadowing* da referida ida a campo. Essa plataforma registrou a trajetória percorrida pelos atores quando estavam praticando lazer familiar, gerando dados e conteúdo para serem analisados posteriormente. A Figura 3 contém uma das trajetórias construídas com o aplicativo *Strava*, como forma de ilustração.

Figura 2 - Trajetória SILE desenvolvida pelo aplicativo *Strava*.



Fonte: Elaborado pela autora.

Para questionar sobre os aspectos específicos que surgiram em campo, foram realizadas entrevistas não estruturadas com os pesquisados. Como a pesquisadora

deve ser capaz de assumir o papel dos entrevistados, tendo como foco principal a compreensão (FONTANA, FREY, 2005) e a possibilidade de suscitar opiniões e concepções dos participantes acerca do fenômeno estudado (CRESWELL, 2010), a aplicação desse tipo de entrevista possibilitou obter mais amplitude para os questionamentos, o que foi crucial para esta pesquisa, devido à subjetividade dela. Na entrevista não estruturada foi fundamental estabelecer um bom relacionamento com os entrevistados, o que foi facilitado pela ida ao parque com as famílias no momento anterior a entrevista.

Também no intuito de complementação, foram utilizados recursos audiovisuais para análise do fenômeno que, segundo Creswell (2010), podem ser uma forma criativa de atrair a atenção visualmente, bem como possibilitar a captura de informações úteis não coletadas durante a entrevista, ainda que sejam difíceis de interpretar. Para a coleta desses dados, a pesquisadora utilizou seu *smartphone* e uma câmera fotográfica, sendo toda a mídia coletada nos espaços públicos durante o *shadowing*. O *locus* escolhido facilitou a utilização desses recursos tecnológicos, pois, na maioria dos parques visitados, era comum as pessoas estarem com seus celulares e câmeras fotografando as crianças e paisagens. A pesquisadora só se sentiu à vontade para fotografar e filmar após a chegada ao parque, para não expor as residências dos participantes, visto que, é também importante destacar que a maioria deles morava em áreas consideradas nobres e próximas aos parques pesquisados.

Quando a pesquisadora retornava do *shadowing*, escrevia um diário de campo, com a descrição cronológica dos acontecimentos e alguns *insights* que surgiam. Após isso, realizava o *download* de toda a mídia digital daquela família: fotos, vídeos e da trajetória produzida pelo aplicativo. Uma primeira análise do campo foi feita antes de agendar as entrevistas com cada família, dando à pesquisadora a oportunidade de questionar práticas observadas naquele momento da pesquisa. Logo após, foram agendadas as entrevistas, que foram devidamente gravadas e transcritas. Finalizada a etapa de produção de dados, iniciou-se a gestão deles, o material produzido foi organizado da seguinte maneira: para cada família foi criada uma pasta com todo o conteúdo referente a ela, como o diário de campo, as fotos e os vídeos produzidos, o roteiro da entrevista, o áudio da entrevista, a transcrição da entrevista e a trajetória SILE.

### 3.2.1 Perfil da família capixaba que participou da pesquisa

A pesquisa de campo teve seu início em julho/2019 e término em outubro/2019, durando um total de 4 meses. Nesse período, apesar de curto, houve muitas desmarcações das idas a campo, principalmente nos meses de inverno (Julho/Agosto), pois, apesar das temperaturas terem se apresentado amenas, com mínimas de 17°C e máximas de 27°C (INCAPER, 2019), houve um esvaziamento dos parques em dias considerados frios para os capixabas.

Após divulgar o convite de participação da pesquisa, mais de 30 famílias entraram em contato querendo participar da pesquisa, mas algumas não se enquadravam nos requisitos da família (por exemplo, devido à idade dos filhos) e por isso foram eliminadas durante o processo de seleção dos sujeitos. Das 23 famílias que atendiam aos requisitos familiares, 2 foram eliminadas porque só frequentavam pracinhas e parques privados; 5 foram eliminadas porque não levavam os bebês ao parque; 8 frequentavam parques públicos, mas não tiveram tempo disponível para participarem da pesquisa; e 8 frequentam parques públicos e participaram da pesquisa.

As 8 famílias participantes possuem alguns aspectos em comum. A maior parte delas se considera como classe média capixaba, o que não era esperado no momento da seleção dos sujeitos, porém, esse aspecto pode ser justificado pela identificação com o perfil da pesquisadora ou com a disponibilidade de tempo para participar da pesquisa. Outro aspecto identitário das famílias é que muitos dos pais e mães pesquisados se encontram no ambiente educacional, seja trabalhando ou estudando, são professores, pesquisadores ou estudantes de pós-graduação e talvez a identificação com a comunidade acadêmica tenha despertado o interesse em participar da pesquisa. Esse aspecto pode ser observado pelo grau de instrução dos 16 pais pesquisados: 1 possui ensino médio, 7 possuem curso superior, 3 possuem mestrado e 5 possuem doutorado, aspecto que também não era esperado pela pesquisadora, que optou por estudar parques públicos, considerando o requisito da acessibilidade “a todos” que viviam próximos a esses ambientes. O elevado grau de instrução das famílias participantes reflete diretamente na forma

com que elas criam seus filhos (KOBARG; VIEIRA, 2008) e isso foi observado nas idas a campo e, principalmente, durante as entrevistas.

Dentre outras características em comum dos pesquisados está o fato de que das 8 famílias, 7 moram em apartamentos na cidade de Vitória-ES, sendo que a única família que mora em casa reside no município de Vila Velha - ES. Outro ponto a se destacar é que a maior parte deles possui um funcionário para auxiliar nos serviços domésticos, alguns todos os dias na semana e outros em determinados dias na semana. Acredito que esses aspectos também refletiram na forma com que eles praticam o lazer com os filhos nos parques públicos, o que será discutido durante a análise dos dados.

No quadro 3, a seguir, apresento os dados sintetizados dos participantes. Ressalto que os nomes utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade deles e as informações sobre idade, formação e classe social foram dadas por eles cabendo a pesquisadora somente descrever o tipo de residência.

Quadro 3 - Dados dos participantes da pesquisa.

<b>Família</b>	<b>Integrantes</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Tipo de residência</b>	<b>Classe social</b>
Buarque	Alcione	41	Curso Superior	Apartamento em Vitória	Classe Trabalhadora/ Classe média
	Chico	32	Curso Superior		
	Cássia	1 ano e 8 meses			
Jobim	Elza	36	Doutorado	Apartamento em Vitória	Classe média alta
	Tom	34	Mestrado		
	Roberta	2 anos e 3 meses			
Gilberto	Elba	43	Curso Superior	Apartamento em Vitória	Classe média
	Marisa	36	Curso Superior		
	João	1 ano e 5 meses			
Velooso	Rita	34 anos	Doutorado	Apartamento em Vitória	Classe média alta
	Caetano	37 anos	Doutorado		
	Tim	1 ano e 10 meses			
Bethânia	Maria	30 anos	Mestrado	Apartamento em Vitória	Classe média
	Dorival	31 anos	Cursando Doutorado		
	Alceu	8 meses			
Costa	Raul	57 anos	Doutorado	Casa em Vila Velha	Classe média
	Gal	42 anos	Curso Superior		

	Noel	1 ano e 9 meses			
Leão	Nara	32 anos	Curso Superior	Apartamento em Vitória	Classe média
	Vinicius	36 anos	Ensino Médio		
	Fafá	4 anos			
	Milton	1 ano e 6 meses			
Matogrosso	Ney	40 anos	Cursando Doutorado	Apartamento em Vitória	Classe média
	Carmem	35 anos	Curso Superior		
	Maysa	1 ano e 9 meses			

Fonte: Elaborado pela autora.

Para compreender as múltiplas maneiras de realizar o lazer como prática familiar, a pesquisadora foi até a casa de cada uma das famílias e as acompanhou até o parque público, tendo o bebê como foco principal do acompanhamento. Esse percurso proporcionou à pesquisadora percorrer mais de 50 km em companhia das famílias.

Para participar da pesquisa, as famílias autorizaram a pesquisadora a entrar nas suas residências para acompanhar a preparação antes da ida ao parque. Inicialmente, o tempo de preparação seria problematizado, porém, ao realizar o *shadowing* foi observado que quando a pesquisadora entrava nas residências, todas elas já tinham se preparado previamente para a realização da prática. Sendo assim, atribuiu-se a grande diferença de tempo a outros aspectos como: ficar à vontade com a presença da pesquisadora; horário em que o bebê acorda; horário em que teria acabado a organização da casa; e teve até uma família na qual não foi possível acompanhar essa etapa, pois no horário agendado a família já havia chegado ao parque.

### 3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados coletados foi utilizada a análise de narrativa. Quando se fala em narrativa é interessante pensar que ao contar uma história e ou um relato

existe um acréscimo científico do pesquisador, pois, ao narrar uma história, ele acaba inserindo o seu modo de contar, tornando-se um “narrador praticante” (ALVES, GARCIA, 2003). À vista disso, a pesquisadora se tornou uma narradora-praticante, mas com olhar atento para proporcionar visibilidade aos sujeitos da pesquisa (FERRAÇO, 2003), e “uma possibilidade de fazer valer as dimensões de autoria, autonomia, legitimidade, beleza e pluralidade de estéticas dos discursos dos sujeitos cotidianos” (FERRAÇO, 2003, p. 86).

A narrativa para Certeau (1998) é mais uma prática das variadas que ocupam o cotidiano, é uma maneira de dizer, uma das artes do fazer. Sendo assim, a narrativa foi vista como uma das práticas observadas pela pesquisadora. As narrativas podem incluir dados imprecisos e subjetivos que são modificados conforme as vivências de cada sujeito (ALVES, GARCIA, 2003) e, para captar isso, pretende-se alcançar uma comunicação conjunta com o entrevistado, em que a pesquisadora deve demonstrar contínuo interesse pelo assunto, de modo a construir uma boa relação com o pesquisado (SCHÜTZE, 2014), relação que foi facilitada pelo fato da pesquisadora ser também uma praticante.

Com essa relação instituída, a finalidade foi obter histórias consoantes com os objetivos da pesquisa. Nesse sentido, Certeau (1998) salienta que existem histórias capazes de transmitir para a prática uma narratividade, descrevendo apenas fragmentos ou metáforas delas. Isso ocorre de forma contínua e “sugere uma pertinência teórica da narratividade no que concerne às práticas cotidianas” (CERTEAU, 1998, p. 142). Certeau (1998) argumenta que tanto a prática observada quanto a narrativa devem ser interpretadas, e não somente descritas.

Isso pode fazer com que a análise de narrativas seja desafiadora, pois a entrevista produz muitos dados devido às histórias e os exemplos relatados pelos indivíduos sobre seu mundo de vida (ZACARELLI, GODOY, 2014). Quando esses dados são analisados deve-se atentar pela rigorosidade acadêmica, com o objetivo de captar as complexidades do mundo dos pesquisados (COFFEY, ATKINSON, 1996), análise que pode revigorar o campo de estudos organizacionais (CZARNIAWSKA, 1998).

A análise de narrativas também possibilita observar o *sensemaking* em que as narrativas são contadas, como uma forma de interpretar e administrar os fenômenos (ZACARELLI, GODOY, 2014). Para Weick (1984), as histórias colaboram com a compreensão, à medida que transmitem uma organização temporal entre os fenômenos e possibilitam às pessoas discursarem os eventos que veem na sua memória, além de nortear as atividades e o compartilhamento de significados.

A investigação narrativa se baseia no específico, o pesquisador se interessa em como o pesquisado organiza a sequência de eventos e de que forma comunica significados utilizando a linguagem e as imagens (ZACARELLI, GODOY, 2014). Para Riessman (2008), o pesquisador que utiliza a análise de narrativa deve questionar a finalidade e a forma de falar (linguagem), evidenciando os “comos” e os “porquês” das narrativas, e não simplesmente o conteúdo da fala.

Neste estudo foi utilizada a análise dialógica de Riessman (2008) para ir além dos dizeres e das experiências (análise temática) e adentrar nos modos de criar as narrativas (análise estrutural) considerando-se o ambiente no qual a narrativa é praticada e produzida pelos sujeitos de pesquisa em toda sua complexidade. Dessa forma, o pesquisador se torna praticante da narrativa junto aos pesquisados, para oposição que foi respeitada pela pesquisadora ao utilizar o termo lazer para definir a prática realizada, conforme já fora explicado. Essa forma de análise possui ênfase no desempenho e nas identidades construídas e desempenhadas pelos pesquisados visando entender o destinatário das narrativas, quando, onde e por que elas acontecem. Isso corrobora com a concepção de pesquisar com o cotidiano, em que o pesquisador é praticante do cotidiano e da narrativa junto aos pesquisados.

Para elaborar as análises, a pesquisadora revisitou as pastas que continham o material de cada uma das famílias como se fosse fotodiários (SCHULTZE, 2012), com imagens, narrativas da pesquisadora, entrevistas e vídeos, o que permitiu compreender os comportamentos dos atores, devido à facilidade de visualizar os momentos de interação e de lazer das famílias (JARRET, LIU, 2016). Ao rever os dados, a pesquisadora os organizou por aspectos em comum, separando imagens e vídeos, trechos dos diários e trechos das entrevistas que continham assuntos

semelhantes para realizar as análises, considerando o contexto no qual os dados foram produzidos (REISSMAN, 2008).

Com isso, emergiram dos dados os três aspectos que interagem para constituir o lazer familiar: o organizar da família, o organizar da cidade e o organizar do lar. Esses elementos foram utilizados em conjunto para produzir uma narrativa que respondesse ao problema da pesquisa, explicando como as famílias capixabas com bebês organizam o cotidiano para a prática do lazer nos espaços públicos metropolitanos.

### 3.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

As entrevistas e *shadowing* possuem limitações específicas que foram percebidas pela pesquisadora. Nas entrevistas, percebeu-se um pouco de tensão em algumas perguntas, principalmente naquelas que foram realizadas com a presença de toda a família reunida. Quando o entrevistado estava sozinho, percebeu-se uma maior liberdade de falar abertamente sobre assuntos embaraçosos.

No *shadowing*, a pesquisadora teve problemas com a mobilidade. Algumas vezes, teve que se distanciar da família por breves períodos devido a diversos fatores: idas ao banheiro dos pesquisados ou da pesquisadora; conversas íntimas dos familiares; momentos de stress da família, principalmente do bebê, como choros, birras etc.; e outros breves momentos que ocorreram.

Como a pesquisadora utilizou uma rede de contatos para localizar os participantes, mediante técnica da bola de neve, apareceram famílias com perfis sociais e econômicos parecidos, a maioria de classe média e residente em bairros nobres. Isso restringiu a diversidade entre os participantes, que possuem, em sua maioria, aspectos semelhantes nos modos de se organizarem para o lazer.

A restrição etária dos bebês também dificultou que a pesquisadora encontrasse famílias mais diversas. Foram encontradas famílias de mãe-solo, por exemplo, que possuem diferentes modos de se organizar, já que não tem com quem dividir as tarefas, mas elas não puderam participar devido a idade dos filhos. Também não foi possível incluir famílias com uma maior variação etária dos responsáveis pelos

bebês, por exemplo, avôs e avós que acompanham os netos nos parques, o que não permitiu tratar da prática do lazer intergeracional.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS: VAMOS BRINCAR, BEBÊ?

Se eram cientistas, diziam-lhes que deviam ser mães.  
Se queriam ser mães,  
diziam-lhes que, então, era melhor que se adaptassem perfeitamente ao  
papel.  
Se queriam inventar algo, diziam-lhes que fossem práticas.  
(ESTES, 2018, p. 144)

No decorrer de dois anos do mestrado e de três anos de maternidade admito que esteja longe de me “adaptar perfeitamente” a qualquer um destes papéis. Todavia, busco ser prática, privilégio que adquiri por uma enormidade de fatores que estão incluídos no meu cotidiano. Mesmo que eu discorde de rótulos dicotômicos de referência, pois acredito que o sujeito é plural e está em constante construção social, vou me situar estrategicamente entre estereótipos conhecidos para facilitar a sua compreensão do meu lugar de fala. Eu sou mulher, branca, heterossexual, cis, cristã e feminista. Sou mãe de uma menina que se enquadra no perfil dos bebês pesquisados. Sempre tive acesso aos direitos básicos do cidadão, como educação, moradia e lazer. Por muitas vezes questionei o meu lugar de fala nesta dissertação, afinal, estou pesquisando uma prática que eu vivo, algo que faz parte do meu cotidiano e que se aproxima muito do meu lugar na sociedade.

Porém, por mais que a minha vivência como mãe tenha influenciado toda a minha trajetória acadêmica, principalmente na escolha do tema para a dissertação, não são as minhas práticas que estou analisando, nem a minha família, nem os meus momentos de lazer. Entretanto, muitas vezes ouvi dos meus pesquisados: “mas a gente acorda muito cedo” ou “a minha casa pode estar bagunçada” ou “o horário de saída depende do meu filho”, frases com as quais eu me identifico e compreendo, visto que, também passo por isso.

Em outros momentos trocamos informações sobre a criação dos nossos filhos, desde a marca de um repelente até sugestões de escolas, indicações de livros e conversas francas de mãe para mãe ou de mãe para pai. Por mais que muitas leituras da fundamentação teórica já tivessem alterado a minha forma de ser mãe, a pesquisa de campo influenciou bastante na prática de lazer com a minha família, na qual utilizo hoje várias estratégias e táticas que aprendi com meus pesquisados.

Sabendo disso, assumo aqui meu viés de pesquisadora-mãe, porém, deixo claro que as práticas familiares analisadas foram das famílias que participaram da pesquisa, nos lugares que elas escolheram, no horário em que elas escolheram, e da forma que elas escolheram. Fiz um esforço para reconhecer as vozes das famílias pesquisadas, principalmente das crianças, que, apesar de não falarem, se comunicam perfeitamente. Tentei também, não influenciar ativamente durante a pesquisa de campo, deixando as famílias livres para fazerem o que quisessem, afinal, era o momento de lazer deles e eu entendo o quanto isso é importante para as relações familiares. No entanto, ao me permitir sombrear a prática (BISPO, 2015), o *shadowing* (CZARNIAWSKA, 2014) me colocou muito perto dos bebês, que demonstraram muita curiosidade por mim, o que facilitou o envolvimento com eles no nível micro, mas dificultou a observação do nível macro.

O *shadowing* garantiu a mobilidade e a observação profunda e ampla da dinâmica de lazer familiar, conforme propôs Czarniawska (2008b). As crianças se interessaram muito pela personagem “diferente” que estava presente no lazer deles, elas fizeram inúmeras poses para a câmera, pediram o meu colo, me chamaram para brincar, fizeram penteados no meu cabelo, dentre várias práticas que me envolveram no campo, garantindo a construção coletiva da metodologia (CZARNIAWSKA, 2004) e a presença ativa do pesquisador no campo (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018).

Gostaria de compartilhar também as emoções que emanaram em mim ao longo da construção desta dissertação, já que toda prática implica dinâmica emocional (RECKWITZ, 2013). Após um longo período de estresse, ansiedade e solidão devido ao término das disciplinas e à qualificação, a pesquisa de campo me proporcionou muito prazer e gratidão. Todas as 9 idas a campo me fizeram muito bem e promoveram muita alegria e satisfação por estar realizando a pesquisa em um ambiente ao ar livre, com a presença de crianças, bebês, animais, e paisagens muito agradáveis a meu ver.

Os aspectos cognitivos são muito relevantes nos estudos de práticas turísticas e podem incluir até mesmo as emoções do pesquisador em sua ida a campo (POCOCK, COHEN, 2019). Dentre esses aspectos, destacam-se as emoções, que estão imbricadas na produção do cotidiano e permitem compreender a produção de

saberes sobre práticas cotidianas (OLIVEIRA, 2016) e, nesse caso, coloco a minha prática de produção desta dissertação. Estas características certamente influenciaram a “questão de gosto” (GHERARDI, 2009a) pela prática de ser pesquisadora.

Em meio a essas questões pessoais, busco responder o seguinte problema de pesquisa: **Como as famílias capixabas com bebês organizam o cotidiano para a prática do lazer nos parques públicos metropolitanos?** Para respondê-la, utilizo três aspectos do organizar que emanaram na pesquisa de campo: (1) Organizar da família; (2) Organizar da cidade; (3) Organizar do lar. Essas três dimensões analíticas se mostraram mais relevantes ao se relacionarem mutuamente para organizar a prática do lazer familiar com bebês. Segue abaixo um esquema dos aspectos mencionados:

Figura 3 - Aspectos do organizar do lazer em família nos espaços públicos



Fonte: Elaborado pela autora.

Esses aspectos serão explorados nos tópicos seguintes da análise de dados, que tem a seguinte estrutura:

- 4.1 A cidade no organizar para a prática do lazer,
- 4.1.1 O Espaço público de lazer com (e dos) bebês,
- 4.2 O lar no organizar para a prática do lazer,
- 4.3 A família no organizar para a prática do lazer.

#### 4.1 A CIDADE NO ORGANIZAR DA PRÁTICA DO LAZER... PORQUE VIVER A CIDADE É UMA COISA IMPORTANTE!

Utilizo a abordagem do cotidiano para compreender os espaços sociais que a prática do lazer em família produz na cidade. Ao direcionar o olhar organizacional da dinâmica urbana, ou seja, o caráter relacional inerente às interações das pessoas com os equipamentos de lazer na cidade abrem-se possibilidades para a observação de uma vida social organizada (SARAIVA; CARRIERI, 2012; FIGUEREDO, CAVEDON, 2012; COIMBRA et. al, 2013), que permite lançar novos olhares sobre o que vem a ser a cidade praticada, como ela acontece com base nos espaços públicos de lazer familiar.

Nesta dissertação, a cidade é entendida a partir de Certeau (1994), que propõe o deslocamento desse conceito de cidade para práticas urbanas, argumentando que para além de um conceito substantivo a cidade é um “verbo” praticado cotidianamente. Posto isso, entende-se que a cidade é criada por meio das práticas que destacam “as maneiras de fazer” que produzem as organizações e, conseqüentemente, a cidade (FRANCO, OLIVEIRA, 2016; MENDES, CAVEDON, 2012; SARAIVA, CARRIERI, 2014, IPIRANGA, 2010; CAVALCANTI; BISPO; SOARES, 2015).

A seguir discutirei sobre os caminhos sinuosos que as famílias percorreram para criam e ocupar os espaços públicos de lazer com (e dos) bebês na região Metropolitana de Vitória – ES.

#### 4.1.1 O espaço público de lazer com (e dos) bebês

O espaço público foi selecionado como *locus* para execução desta pesquisa, a partir dela a abordagem de pesquisa pelos praticantes possibilitou-me ir além da análise tradicional de lazer, incorporando também informações sobre mobilidade e o lar dos pesquisados, que se organizam em casa antes de adentrarem os espaços públicos.

Muitas informações importantes surgiram quando conheci a residência das famílias e as acompanhei no trajeto até o local do lazer. Nem todas usaram como *locus* de lazer os locais denominados institucionalmente como parques. Foram 4 parques visitados: 3 na cidade de Vitória-ES e 1 na cidade de Vila Velha - ES; 1 PRAÇA na cidade de Vitória e uma ida ao calçadão da principal praia de Vitória-ES, ambos realizados de bicicleta. Esses locais foram escolhidos pelas famílias pesquisadas, partindo da perspectiva do praticante (CERTEAU, 1998) e já eram lugares nos quais eles tinham costume de frequentar, soube de detalhes sobre o horário de abertura do parque, a melhor entrada na visão deles, o dia e o horário em que o parque fecha para manutenção e até informações inesperadas (BANSAL, CORLEY, 2011), como por exemplo, o sabor preferido de bolo do ganso de estimação do vendedor de água de coco do Parque Pedra da Cebola (o nome do ganso é Luiz e ele gosta de comer bolo de chocolate).

Para apresentar os locais visitados, exponho os locais a seguir e apresento a trajetória SILE de cada uma das famílias nos parques, com o intuito de revelar graficamente a prática do lazer da família e as múltiplas formas de ocupação do espaço de lazer pelos praticantes, gerando análises pelos formatos sinuosos das trajetórias e apresentando a ideia de movimento temporal e sombreamento da prática (CZARNIAWSKA, 2014). A trajetória foi marcada pela sequência de pontos que acontecem no espaço temporal, nos quais se tem momentos únicos, marcados por atos e lembranças (CERTEAU, 2008; FRANCO, OLIVEIRA, 2016).

O movimento temporal da prática foi construído no espaço, que, nesta dissertação é o espaço praticado (CERTEAU, 1998), que é criado pelos praticantes por meio das maneiras de praticar o espaço da cidade. Isso acontece de acordo com o que é dado pela cidade, obrigando os praticantes a jogarem com o que é fornecido pelo sistema, possuindo diferentes maneiras de sinalizar o desvio operado pela prática (CERTEAU, 1998). O espaço é produzido pelo conjunto de movimentos dos

praticantes e nele ocorrem subversões dos lugares. Nos espaços, as relações de forças são instáveis e não configuram lugares próprios, operando pelas táticas dos praticantes (FRANCO, OLIVEIRA, 2016).

Esse conjunto de movimentos das famílias pesquisadas provocou uma movimentação inclusive em mim, que as acompanhei por 36,4 km. Foram 21,65 km no trajeto entre residência e parque e 14,75 km durante a prática de lazer com bebês nos espaços públicos. Por uma questão de sigilo das famílias não vou disponibilizar todo o percurso realizado, mas criei um mapa no *Google Maps* com os pontos de lazer visitados pelas famílias durante a pesquisa de campo. O referido mapa encontra-se disponível para navegação através do link: <https://drive.google.com/open?id=1iYVbWmYEwdqBquZYbyWdQjYGpi7nr1Tj&usp=sharing>

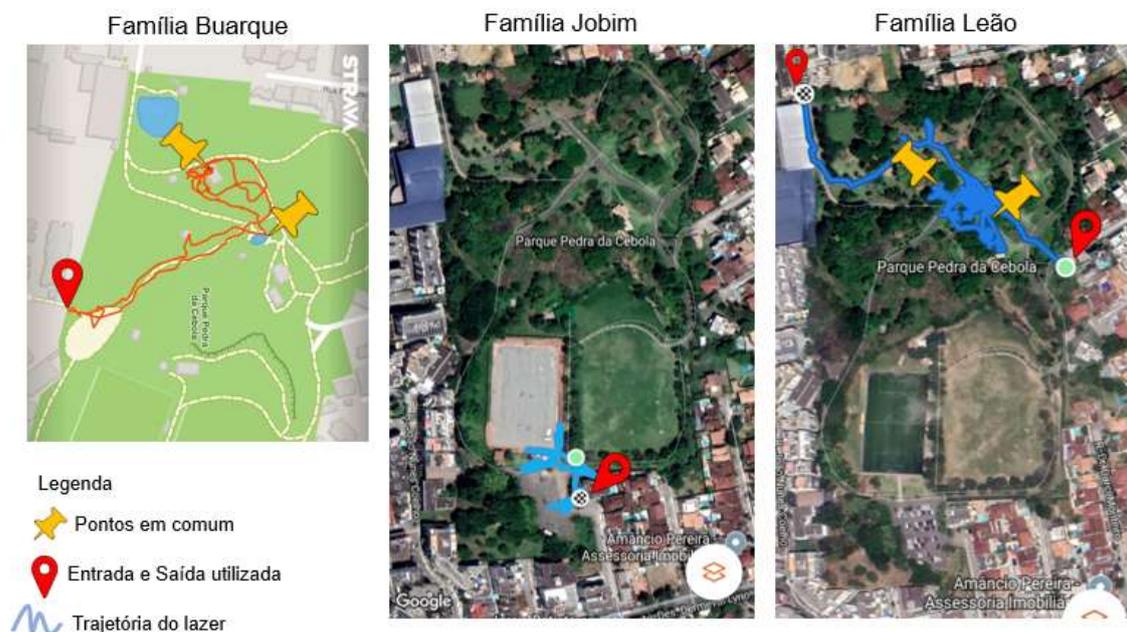
#### 4.1.1.1 Parque Pedra da Cebola

O Parque Pedra da Cebola fica numa área nobre da cidade de Vitória - ES, entre os bairros Mata da Praia e Jardim da Penha. Possui acesso facilitado por estar em frente a uma das principais avenidas da cidade, mesma avenida que permite o acesso à Ufes, com várias linhas e pontos de ônibus nas proximidades (na Grande Vitória - ES o único meio de transporte público é o ônibus).

O parque foi fundado em 1997 e possui mais de 100.000 m<sup>2</sup> de área (PMV, 2019), sendo citado pela maioria das famílias (mesmo aquelas que foram convidadas, mas que não puderam participar da pesquisa) como um ambiente agradável e promissor para o lazer com bebês.

Estive nesse local em três momentos, com a família Buarque, Jobim e Leão.

Figura 4 - Trajetória SILE das famílias na Pedra da Cebola.



Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se observar que, mesmo com o perfil semelhante entre as famílias, cada uma delas utiliza o parque de maneiras bem específicas. Nota-se que nenhuma utilizou as mesmas entradas para o parque, e isso se justifica pelo meio de transporte distinto utilizado por cada uma para chegar até lá. A Família Buarque foi ao parque a pé, a Família Jobim foi ao parque de carro e por isso utilizou a entrada mais próxima do estacionamento e a Família Leão foi ao parque de transporte de aplicativo e pediu ao motorista para ser deixada na entrada que é mais próxima ao parquinho de areia. Existem dois pontos em comum nas trajetórias das famílias Buarque e Leão, que utilizaram o parquinho de areia e o lago para brincar com seus bebês. Mesmo assim, cada uma apresentou particularidades, que podem ser observadas nas fotos abaixo.

Figura 5 - Família Buarque brincando com a filha no parquinho de areia.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 6 - Mãe da família Leão acompanhando o filho andando com um patinete emprestado.



Legenda



Localização do parquinho de areia

Fonte: Elaborado pela autora.

O parquinho de areia está logo atrás do ponto em amarelo. Observem que os bebês, que tem somente 2 meses de diferença — Cássia (1 ano e 8 meses), da família Buarque, e Milton (1 ano e 6 meses), da família Leão —, mesmo estando bem próximos, interessam-se por uma atividades específicas, vontade que é respeitada pelos responsáveis, que, na maioria das vezes, os acompanham mais do que impõem ações.

Isso demonstra como as ações dos bebês interferem diretamente na forma com que a família se organiza no cotidiano do lazer. Ao reconhecer isso, estabeleço contraponto com o constante negligenciamento que os bebês e as crianças sofrem em muitas pesquisas científicas, que não os reconhecem como seres agentes (MALONE, 2018). No entanto, nesta dissertação, trabalhou-se com a ontologia das teorias da prática, que entendem a agência como distribuída entre atores diversos, sejam humanos ou não humanos (ORLIKOWSKI, 2010), ao tentar romper com a dualidade entre estrutura e agência (GHERARDI, 2009).

Sendo assim, neste estudo, a agência é relacional e está inserida nos diversos atores envolvidos, inclusive o bebê, mesmo que ele não seja considerado um humano em sua plenitude em outros estudos (MALONE, 2018). Isso pode ser observado na figura 6, na qual o bebê Milton está andando em um dos patinetes que ele mesmo negociou o empréstimo com outra criança. A mãe faz o acompanhamento e interfere somente quando ela julga necessário, buscando respeitar a própria agência do filho. Fato que demonstra que a agência do lazer familiar está distribuída entre diversos atores envolvidos, inclusive o bebê, que possui esferas de agir que refletem na forma como as famílias praticam o lazer nos espaços públicos. Outro aspecto relevante, é como acontecem os desvios operados por uma prática, mesmo sendo uma prática específica, em um local específico, cada família pratica o espaço de uma maneira única e particular (CERTEAU, 1998). Essas particularidades são reflexos de vários aspectos que agem em conjunto no organizar familiar, pois cada família possui uma relação emocional diferente com o lazer, dentre eles, destaco a memória da prática, que pode ser observada nos trechos das entrevistas a seguir:

Não tem outros contextos muito diferentes, a gente não busca muitos contextos diferentes... Os locais que a gente vai, que **já é comum para a**

**gente...** É a Pedra da Cebola, é a casa dos avós do Chico, a casa dos pais do Chico. E o Parque da Vale.<sup>1</sup>

(Trecho da Entrevista da Família Buarque – AN-01)

Mas na pedra da cebola a gente não gosta de ficar nos brinquedos, **a gente gosta de ficar embaixo**. A gente prefere o ar livre e não o brinquedo, dela fazer o que ela quiser sem ter uma atividade norteadora, dela explorar o ambiente por conta própria.

(Trecho da Entrevista da Família Jobim – AN-02)

Só que como eu te falei... ali no da Pedra da Cebola, que **eu já tive essa experiência**, vai ficando escuro e na hora de sair tem uns morcegos. E aí me lembrei dessa situação...

(Trecho da Entrevista da Família Leão – AN-03)

Quando as famílias destacam “o que é comum”, “eu já tive essa experiência” e o local de preferência do parque, isso mostra o ponto da memória relativo àquela prática. A memória é um aspecto crucial do cotidiano e, conseqüentemente, da cultura, na qual as experiências vividas hoje remetem a um passado e a um aprendizado (CERTEAU, 1998; SOUZA, 2003). A memória desencadeia novos lances no cotidiano, por exemplo, a Família Leão altera seu horário de saída do parque para evitar morcegos, porque já tiveram essa experiência em outro momento. A memória também é um aspecto relativo ao conhecimento, no qual as emoções são revividas de maneira experimental, ainda que não da mesma forma, eles evocam os sentidos que surgiram naquela prática (GHERARDI, STRATI, 2007). Em alguns momentos, as emoções chegam a ser descritas pelas famílias, como no trecho NA-02, “a gente não gosta de ficar nos brinquedos”, “a gente prefere o ar livre”. Sendo assim, Nara, mãe da família Leão, relembra quando foram atacados por morcegos e ela teve que sair correndo com os filhos no colo, e, ao evocar o sentimento da situação, antecipa sua saída do parque e altera sua prática, tentando evitar os sentimentos de estresse e angústia.

#### 4.1.1.2 Parque Pianista Manolo Cabral

O Parque Pianista Manolo Cabral é mais conhecido como Parque da Petrobrás, pois está localizado ao lado da maior sede da Petrobrás no Espírito Santo e foi criado com esse prédio. O parque foi fundado em 2013 e a prefeitura não disponibiliza no site a área em m<sup>2</sup> de extensão do parque (PMV, 2019). Ele fica

---

<sup>1</sup> O Parque da Vale é um parque privado localizado na cidade de Vitória – ES.

localizado entre dois bairros nobres de Vitória, Barro Vermelho e Praia do Canto, e não possui um acesso mediante transporte público facilitado. Apesar de ser bem próximo de uma das principais avenidas da cidade, o acesso ao parque fica quase que restrito aos moradores e frequentadores da região.

Estive nesse parque em companhia das famílias Gilberto e Bethânia, que o utilizaram de maneira muito parecida, explorando pouco o ambiente e se concentrando mais na área do parquinho instituída para bebês. Esse parque me proporcionou trajetórias SILE's muito parecidas:

Figura 7 - Trajetória SILE das famílias Bethânia e Gilberto.



Fonte: Elaborado pela autora.

A trajetória SILE da família Gilberto foi prejudicada visualmente, por um problema no aplicativo, e foi necessária a utilização de outro aplicativo para sua construção. Porém, pode-se notar que a trajetória de ambas iniciou de um mesmo ponto, das proximidades da Rua Chapot Presvot, e percorreram um local bem específico e restrito do parque, que é onde fica localizado o parquinho para bebês — local que costuma estar cheio frequentemente e ser motivo para reclamação por vários visitantes. As duas famílias também utilizaram a mesma entrada do parque, e

chegaram até lá a pé, empurrando os carrinhos com os bebês, já que ambas residem a cerca de 450 ou 500 metros dessa entrada.

Figura 8 - Movimentação dos bebês no Parque Pianista Manolo Cabral, área do parquinho



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9 - Movimentação dos bebês no Parque Pianista Manolo Cabral, área do toldo



Fonte: Elaborado pela autora.

O lugar possui algumas particularidades quanto ao lazer com os bebês. Enquanto na maioria dos parques visualizei os bebês sendo levados por seus pais, mães ou avós, no Parque Pianista Manolo Cabral é mais comum que os bebês estejam acompanhados de suas babás. Isso foi facilmente identificado pelas vestimentas que elas usavam, camiseta branca e bermuda branca, e pela forma como se comportavam perante as poucas mães e pais que frequentavam o lugar nos

momentos que eu estive presente. As babás possuem organizares específicos, como, por exemplo, retirem-se do parquinho de brinquedos para bebês e irem em direção a um toldo que é usado para atividades físicas em determinados horários, movimento que não observei nas mães pesquisadas, conforme vídeo a seguir:

Vídeo 1 – Babás se deslocando para o toldo.

<https://youtu.be/NgqSKiAOf1Y>

Elas também organizam eventos no parque, piqueniques, festas de final de ano, festas no dia das crianças, dentre outras atividades que são organizadas por meio de um grupo de Whatsapp que elas possuem. Em sua maioria, são babás negras cuidando de crianças brancas, elas se conhecem, chamam umas às outras pelo nome, conversam e elaboram atividades para as crianças brincarem em conjunto.

Bebês com babás são maioria, mas estive nesse parque com bebês que eram acompanhados por suas próprias mães, das famílias Gilberto e Bethânia, ambas moradoras da região. Inclusive, Maria, da família Bethânia é negra e frequentava<sup>2</sup> o lugar duas vezes por dia seu filho Alceu, de 8 meses. Porém, ela não se sente muito confortável nesse espaço, conforme destaca um dos trechos da entrevista:

**Pesquisadora: Você se incomoda com alguma coisa deste parque?**

As pessoas, né?! Uma bolha muito grande, não tenho o pudor de falar que são eleitores de Bolsonaro, têm posturas racistas, comportamentos que para mim, assim... não gosto que meu filho conviva diretamente.

**Pesquisadora: Mas mesmo assim você vai?**

Eu vou porque eu acho que o espaço é dele também. O espaço é público e a gente tem que tá lá, né?! E procuro, assim... né...claro, encontrar com quem sempre dialoga de uma maneira melhor comigo.

(Trecho da Entrevista de Maria, da família Bethânia, AN-04)

Fica evidente que Maria frequenta o parque como forma de resistência e que não se sente confortável naquele espaço. Para Certeau (1998) a resistência advém da tática, como astúcia do outro que se articula para transgredir aquele lugar. Sendo assim, Maria ocupa o lugar do outro, ao frequentar o parque diariamente, subvertendo a estrutura racista que é facilmente visto ali, onde as negras geralmente ocupam a posição de babá. Embora, às vezes, ela saia do lugar do outro

---

<sup>2</sup> A família Bethânia estava de mudança para outro bairro de Vitória, atualmente eles frequentam outro parque da cidade.

e ocupe o lugar do próprio, em conversas sobre maternidade, gravidez, brinquedos, escolas e outros assuntos referentes aos bebês que se enquadram naquela classe social. Conforme trecho da entrevista abaixo:

Aos poucos vão chegando mais mães e babás ao redor do tapetinho e conversando sobre vários assuntos. Fica nítido que é um ambiente de sociabilidade para estas mulheres também e não somente para as crianças. Nesse momento devia ter em torno de 6 mulheres conversando no tapete e mais umas 6 ou 7 brincando com as crianças ali por perto. Os assuntos são predominantemente sobre maternidade, queda de cabelo na gestação, inseminação artificial, gravidez, brinquedos, etc.

(Diário de campo da família Bethânia, DC-01.)

Por mais que exista um distanciamento entre mães e babás, a prática de lazer com os bebês aproxima os indivíduos em alguns momentos, como nesse dia que mães, babás e crianças se sentaram ao redor do tapete e socializaram “de igual para igual”. Os bebês também provocam essa aproximação, muitos já possuem amigos no parquinho e não faz diferença para eles quem está acompanhando o amigo, se é babá, mãe ou pai. O que confirma que os bebês praticam o lazer utilizando a própria agência, sendo possível reconhecê-los como agentes sociais legítimos (JAMES, 2008) e não como seres passivos.

O que foi visto nesse dia foram mulheres e babás conversando ao redor desse tapete que uma babá levou e onde todos os bebês se sentaram. Porém, não é sempre assim, conforme trecho de entrevista abaixo:

Ela me diz que o ambiente do parque é muito elitista por causa da região onde ele fica, fala que não é normal mães e babás conversarem juntas como aconteceu hoje, que isso só aconteceu porque a maioria das mães ali era nordestina, que, normalmente, as mães ficam sentadas no banco e as babás cuidando dos bebês, que as mães nem conversam.

(Trecho da Entrevista de Maria, da família Bethânia, AN-05.)

O distanciamento entre mães e babás foi observado pela pesquisadora nas duas idas a campo. Existe uma maior aglomeração de mães em determinadas regiões e horários, como, por exemplo, próximo ao brinquedo dos bebês e nos finais de semana. Já as babás são, frequentemente, vistas em horários comerciais (8h às 17h) e durante a semana. Porém, algumas vezes essa lógica é reconfigurada e todos se relacionam de maneira harmônica, fato que ocorre devido ao interesse em comum dos praticantes, que, nesse caso, é o lazer dos bebês.

#### 4.1.1.3 Parque Moscoso

O Parque Moscoso fica localizado no centro de Vitória e possui acesso facilitado mediante transporte público da região. Ele foi inaugurado em 1912 e é o parque mais antigo da cidade, com 24.000 m<sup>2</sup> de área. Estive nesse parque com a família Veloso, que apesar de possuir um padrão de vida elevado (conforme entrevista), enfatizou que mora no centro da cidade por opção.

A gente foi para lá de propósito. Para a gente poder botar criança no carrinho, no *sling*<sup>3</sup> ou no colo e descer para andar. Porque viver a cidade, para a gente, é uma coisa bem importante... senão, não faz sentido.

(Rita, mãe da família Veloso, AN-06)

Nesse trecho percebe-se como a mobilidade com bebês é uma questão importante para a família. E como o espaço urbano é algo praticado, quer dizer, essa família se planejou para morar no Centro, pois, para eles, viver a cidade é importante e esse bairro permite isso. O campo nos apresenta muitas surpresas, uma das mais marcantes foi o fato das famílias terem dificuldades de irem juntas praticar o lazer, como aconteceu com a família Veloso:

Já tinha passado uma semana que havia combinado uma ida a campo com a família da Rita. Mandeí mensagem para ela confirmando nosso encontro. Ela me confirmou, mas me avisou que o marido não iria poder ir porque teria que trabalhar. Fui para a casa dela assim mesmo, fiquei pensando que isso devia fazer parte da realidade deles. Chegando lá ela me confirmou: isso que aconteceu hoje é bem comum para a gente, viu? Um sai para o parque com o filho para o outro conseguir trabalhar. Às vezes sou eu, às vezes é ele. É difícil conseguirmos ir os três juntos.

(Relatório de campo Família Veloso, DC-02)

Essa estratégia da família Veloso revela a dinâmica complexa da realidade contemporânea das mães e dos pais com filhos pequenos, na qual a organização familiar é impactada pelo dinamismo da sociedade, possibilitando novas formas de administrar a vida familiar (PETRINI, 2012; TORRES, 2004, WALL, GUERREIRO, 2005). Ela reforça também que o lazer está interligado com a rotina da família contemporânea, na qual um responsável leva o filho para passear enquanto o outro trabalha, não havendo uma separação de tempo e espaço nítida na prática turística (FRANKLIN, CRANG, 2001). Tanto que, no mesmo dia, acompanhei a Rita até a casa dela na volta do parque, e encontramos o pai saindo de casa para nos

<sup>3</sup> *Sling* é um recurso, geralmente fabricado em tecido, utilizado para carregar os bebês próximos ao corpo do responsável.

encontrar. Eles me disseram que, provavelmente, o pai iria com o filho para algum lugar naquele momento enquanto a mãe fazia o jantar. Essa dinâmica relacional apresenta um misto entre a estratégia da família de sair de casa com a criança (organizar da família), a apropriação do espaço urbano como lazer familiar (organizar da cidade) e a divisão de tarefas entre pai e mãe para o funcionamento do lar, em que um vai para o parque com o filho enquanto o outro prepara o jantar (organizar do lar). Esses três organizares se sobrepõem para juntos possibilitarem o organizar do lazer familiar.

O acompanhamento da família Veloso no parque produziu a seguinte trajetória SILE:

Figura 10 - Trajetória SILE da Família Veloso



Fonte: Elaborado pela autora.

Notei uma grande diferença na mobilidade da família Veloso em relação às outras. Enquanto na maior parte das famílias as mães e os pais utilizam estratégias e táticas para entreter os bebês durante percurso até o parque, Rita parece ter mais facilidade para caminhar com o filho. Para isso, ela utiliza o *sling*, que é um recurso material, geralmente fabricado em tecido, que permite às mães e aos pais

carregarem o bebê junto ao seu corpo, com os braços livres, destacando a importância do *design* e da materialidade para a mobilidade familiar (JENSEN, 2016, 2017).

Podemos pensar que a materialidade é usada nas estratégias e táticas das famílias para possibilitar aos bebês e às crianças o uso do espaço público, já que ele normalmente não é construído para atender às necessidades familiares, sendo focado nas necessidades de grandes corporações e do capital (BOYER, 2018, 2014; WHITTLE, 2018). Considera-se que o *sling* tem a capacidade de reinserir mães, pais e crianças no espaço urbano, por meio da habilidade de lidar com alguns dos desafios da paisagem urbana (WHITTLE, 2018). Para Orlikowski (2009) o mundo é composto por indivíduos e objetos que se conectam pelas suas propriedades. Aspecto evidenciado pela sociomaterialidade, mediante agência do aspecto material que existe na relação entre a mãe, o bebê e o *sling*, e na forma com que eles se movimentam pela cidade.

Com o uso do *sling*, Rita se movimentou por 2 km dentro do parque, traçando o maior percurso dentre as famílias que andam a pé.

Figura 11 - Rita carregando seu bebê no *sling* no Parque Moscoso



Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.1.1.4 Praça da Ciência e a Orla de Camburi

A Praça da Ciência e a Orla de Camburi fazem parte do percurso da família Matogrosso, nas quais normalmente o pai vai duas vezes por semana com a filha. Ele faz todo o passeio de bicicleta com ela, que adora. Para conseguir acompanhá-los utilizei a caminhada, o patinete elétrico e a bicicleta. Percorremos cerca de 8 km no total, se considerarmos as duas idas a campo. Optei por acompanhá-los duas vezes, pois na primeira ida a campo tive problemas com a bicicleta e com a quantidade de peso que levei, o que atrapalhou a minha mobilidade, impedindo-me até de calcular a rota pelo aplicativo. Na segunda ida a campo consegui captar melhor a maneira como o pai pratica lazer com a filha. Não tenho a trajetória SILE da primeira ida a campo devido aos problemas encontrados, porém, fiz uma simulação aproximada de como seria. Na segunda ida a campo consegui desenvolver a trajetória SILE, ambas podem ser encontradas na figura a seguir:

Figura 12 - Simulação e trajetória da Família Matogrosso na Praça da Ciência e na Orla de Camburi



Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura da simulação, fizemos uma rota que se aproxima da traçada pela linha azul escuro. Ney, pai da família Matogrosso, já possui lugares que ele prefere passar, lugares que considera mais fácil de transitar com a bicicleta. Ele verbalizava isso durante o *shadowing*, usando expressões como “por aqui é melhor”, “essa rua é mais fácil porque tem sinal” ou “vamos por essa calçada porque tem sombra”, dentre outras expressões que demonstraram possuir conhecimento sobre a prática de lazer com bicicleta. É possível observar a diferença entre as trajetórias simuladas e as que realmente acontecem, com os desvios e percursos variados no campo. No entanto, a maior diferença desse trajeto para os outros foi novamente quanto ao meio de transporte utilizado. Ao utilizar a bicicleta para praticar o lazer com a filha, o pai consegue percorrer um trajeto maior e explorar lugares que fogem do convencional com ela.

A primeira ida a campo com eles teve como destino à Praça da Ciência, que fica situada próximo à Praça dos Namorados. A Praça da Ciência possui um acervo com 16 equipamentos que podem ser manipulados para o estudo de conceitos científicos, principalmente da Física (PMV, 2019). Esse espaço não foi projetado para a utilização de bebês, porém, a família Matogrosso aproveita o local, subvertendo um local institucionalmente creditado como de ensino científico para somente um local de diversão e lazer.

Figura 13 - Maysa brincando com os recursos científicos na Praça da Ciência.



Fonte: Elaborado pela autora.

Na segunda ida a campo com a família Matogrosso, percorremos um trecho maior em direção a Orla de Camburi, que fica na praia mais extensa de Vitória. No dia, Ney me mandou mensagem no WhatsApp pela manhã, dizendo que o vento estava muito forte e que talvez ele não iria passear com ela naquele dia. Achei impressionante, pois, moro relativamente perto deles e não havia observado nada sobre o vento. Mais tarde, ele decidiu ir assim mesmo e chegando lá, entendi o que ele queria dizer, conforme vídeo abaixo:

Vídeo 2 – Família passando pela ciclovia da Ponte de Camburi.

<https://youtu.be/W3R2WfCJoH8>

Fonte: Elaborado pela autora.

Durante a entrevista o questioneei sobre como ele sabia que o vento estaria forte:

Eu observo, de fato, e normalmente eu a busco na escola a pé, ou de bicicleta mesmo e quando vou de carro, eu observo porque eu já penso na sequência do que vai acontecer. O dia que tá ventando, chovendo eu tenho que pensar em outra coisa para fazer e já me programar mentalmente para o que vem pela frente, porque vai ser um dia mais difícil do que se eu pudesse sair com ela.

(Trecho da entrevista da família Matogrosso, AN-07.)

Nesse trecho, percebe-se o conhecimento que Ney adquiriu quanto à prática do lazer com a filha Maysa (de 1 ano e 9 meses). À medida que o passeio de bicicleta foi inserido como prática de lazer no cotidiano, Ney foi adquirindo conhecimento sobre os fatores que influenciam o organizar dessa prática, dentre eles está o vento, a chuva, dentre outros. Evidenciando que a prática gera um processo de aprendizagem sobre o lazer que reflete no organizar desse lazer, de maneira recursiva. Gherardi (2009) posiciona a prática como uma atividade em constante aprendizagem e refinamento, e como fonte geradora de conhecimento, assim como Reckwitz (2002) que assume que a prática é ligada ao conhecimento sustentado e aos níveis emocionais do indivíduo, que os utiliza para desfrutá-la e transportá-la.

Sendo assim, Ney, em busca de desfrutar um momento de lazer com sua filha Maysa, adquiriu um conhecimento sobre essa prática, utilizando suas emoções e da sua filha para isso, construindo o conhecimento dos fatores necessários para que essa prática atinja seu objetivo, que, nesse caso, é o lazer dos dois. Porém, esse conhecimento não está separadamente em Ney ou em Maysa ou na bicicleta,

mas sim na relação constituída entre eles, quando executam juntos a prática de uma atividade social, laboral e organizacional (GERARDI, STRATI, 2007).

Pode-se observar que o clima é crucial para a prática de lazer ao ar livre com os bebês, inserindo a agência não humana como elemento externo que influencia o organizar ao ar livre (RANTALA et. al., 2011). Quando Ney comenta que “no dia que tá ventando, chovendo eu tenho que pensar em outra coisa para a fazer”, ele confirma que o clima influencia diretamente na prática de lazer com os bebês, muitas vezes o impedindo de realizar essa prática ao ar livre. Isso provoca uma alteração no lazer e o que antes aconteceria ao ar livre, agora será realizado dentro de casa ou em outro lugar fechado, aspecto que diminui o prazer de Ney, que considera “um dia mais difícil do que se eu pudesse sair com ela”, provavelmente porque Maysa já espera esse passeio com o pai nas tardes em que estão juntos. Fato que observei na primeira ida a campo com eles, quando, enquanto Ney colocava a garrafa de água e as fraldas na bolsa, Maysa já estava na porta esperando por ele para passear. Durante o *shadowing*, no trajeto entre a residência da família Matogrosso e os locais visitados, percorremos uma região que não possuía ciclovias em grande parte do percurso. Isso não atrapalhou Ney, que se movimentou pela região com sua bicicleta de forma muito eficaz, conforme nota de campo abaixo:

Ney anda pelas calçadas mesmo e, às vezes, pela rua, ele conhece a região muito bem, sai passando pelas ruas, já sabe onde tem a rampa para subir de bicicleta, sabe também onde as ruas são mais tranquilas, pois nessas ele nem sobe na calçada e anda entre os carros mesmo.

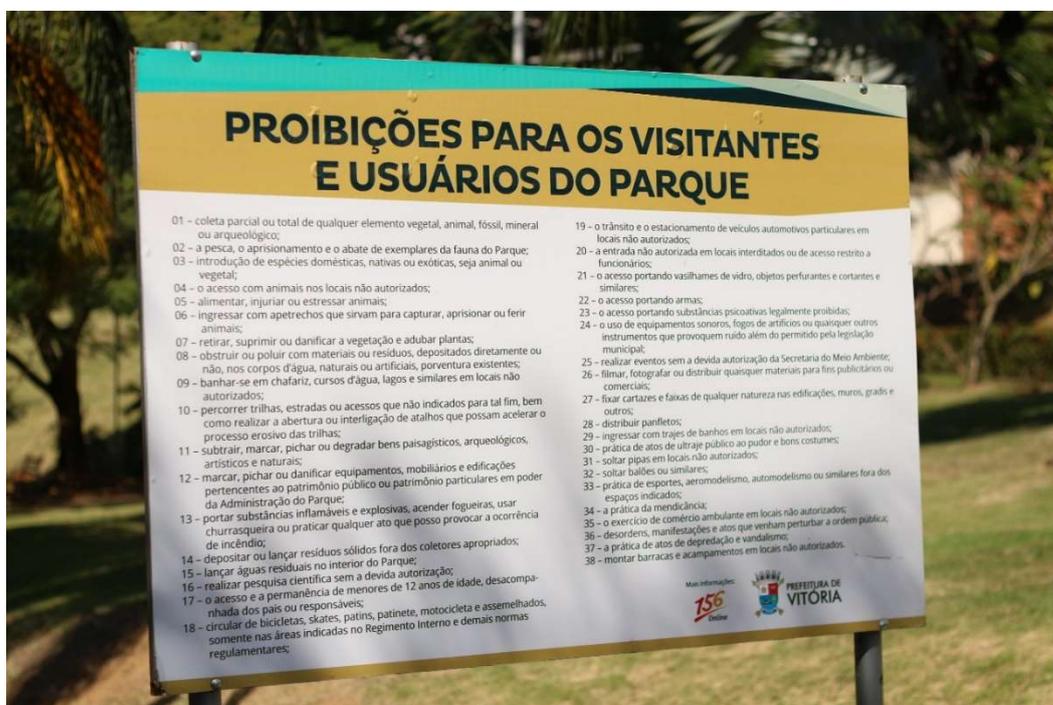
(Diário de campo família Matogrosso, DC-03)

Pode-se perceber que Ney já construiu um conhecimento sobre como se movimentar de bicicleta pela cidade, mesmo com a ausência de ciclovias na maior parte do trajeto. Ele utiliza o conhecimento da prática para se movimentar pela cidade, organizando-se por meio desse conhecimento. Strati (2007) afirma que a aprendizagem possibilita o organizar e o organizar possibilita a aprendizagem, fato que é observado nesse trecho do diário de campo citado. O conhecimento então é uma bricolagem que os atores criam juntos, possibilitando praticarem suas atividades de forma mais eficaz e prazerosa, por meio de maneiras de fazer uma prática compartilhada.

#### 4.1.1.5 Parque Urbano de Cocal

O Parque Urbano de Cocal está localizado na cidade de Vila Velha – ES, que apesar de ser outra cidade, é próxima de Vitória, estando apenas a 7 km da capital, separadas por uma ponte. A ida ao parque em outra cidade possibilitou-me muitos *insights* referentes às diferenças entre as gestões públicas, que interferem na prática do lazer em família. Uma diferença marcante está no quesito sinalização, visto que, enquanto a cidade de Vitória possui placas informativas sobre as regras dos parques, em Vila Velha existem somente placas de localização, sem explicitar regras e funcionamento dos parques, conforme imagens abaixo:

Figura 14 - Placa da cidade de Vitória



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 15 - Placa da cidade de Vila Velha



Fonte: Elaborado pela autora.

A família Costa foi a única que visitou um parque de Vila Velha. Por morarem em uma casa próxima, visitam-no com frequência na companhia do filho Noel. Eles possuem uma particularidade, é a única família que mora em uma casa, todas as outras residiam em apartamentos e justificam que a maior frequência de idas aos espaços públicos se deve à falta de “ter mais espaço” e à necessidade de “sair do apartamento”. Quando questionei a família Costa sobre o motivo de frequentarem o parque público a mãe disse:

Eu gosto, porque vejo gente. Ele, assim, ele ainda não sabe brincar com outras crianças, mas ele um segundo ou outro mexe com uma criança... pega um brinquedo, né?! E uma mãe coloca ele com o filho no brinquedo para brincar com ele. Eu acho, assim, muito importante.

(Gal, mãe da família Costa, AN-08)

Nesse trecho, vemos a importância que a mãe dá para a convivência do filho com outras crianças, quando “um segundo ou outro ele mexe com uma criança”. Ela também destaca que o momento de lazer no parque é importante para ela, por que ela “vê gente”. Esse trecho destaca que a sociabilidade é uma questão crucial para os momentos de lazer familiar. Nesse caso, a família Costa tem uma casa espaçosa, com quintal e árvores, um espaço privilegiado que não vi em nenhuma das outras residências que visitei. Porém, ainda assim, a vida contemporânea implica isolamento da família na sua própria casa, fazendo com que eles busquem

estratégias para sociabilizar com outras famílias. Uma dessas estratégias é a visita frequente ao parque, permitindo interação com outras famílias.

As sociabilidades são consideradas importantes por Fantinel, Cavedon e Fischer (2014) na construção e reconstrução dos espaços organizacionais no cotidiano. Pode-se considerar que os parques urbanos são espaços de sociabilidade intensiva, que Fantinel (2016) define como espaços nos quais a razão de ser se sustenta nas práticas de interação que ocorrem ali. Na contemporaneidade, as sociabilidades urbanas acontecem cada vez mais em espaços organizacionais, e quando buscamos compreendê-los, abrimos caminho para a compreensão não só deles, mas também da vida urbana contemporânea em geral.

As sociabilidades também possibilitam adquirir recursos que influenciam na prática de lazer familiar. Como, por exemplo, Noel (de 1 ano e 9 meses), que mesmo ainda sem falar, interessou-se por uma bola que estava com uma moça no parque. Ela percebeu o interesse dele e ofereceu a bola emprestada, ele ficou satisfeito com a negociação e brincou com a bola durante um período. Essa ação proporcionou uma sociabilidade entre Noel (o bebê), Raul (o pai), a pesquisadora e a moça do parque. Enquanto os adultos conversavam, Noel permaneceu brincando e chutando a bola. Logo após, Raul comentou que já era hora de ir embora e chutou a bola em direção à saída do parque, uma tática do pai para direcionar e facilitar a ida para a casa com o filho, conforme pode ser observado na Figura 16:

Figura 16 - Raul utiliza a bola como tática para direcionar o filho até a saída do parque.



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 17 - Trajetória SILE da Família Costa



Fonte: Elaborado pela autora.

O acompanhamento da família Costa no parque me proporcionou a trajetória SILE acima. Nela, pode-se observar que o bebê se concentrou mais na área do parquinho de areia, local criado institucionalmente como área para as crianças brincarem. Porém, ao adquirir a bola, o bebê explorou outras áreas mais amplas. Ele foi até a pista de corrida e utilizou os obstáculos no percurso, como parte da brincadeira de chutar que ele desenvolveu sozinho, com o pai somente o acompanhando. Pôde-se observar que a área do parque era um espaço que permitia movimentação menos restrita para os bebês, em contraponto com o espaço da cidade, que é construído em torno dos interesses de grandes corporações e do capital (WHITTLE, 2018).

Os estudos sobre as cidades têm sofrido críticas constantes, dentre elas, Malone (2018) afirma que os estudos de cidade têm se preocupado com temas como sustentabilidade e desenvolvimento, mas que continuam deixando as necessidades de grupos marginalizados de fora, e nesses grupos estão as crianças. Nesse ponto ela corrobora com Certeau (1998), quando assume que o conceito de cidade parte dos planejadores, arquitetos, que, ao a observarem “de cima” não buscam a compreensão de como ela é praticada. Dessa forma, a prática de lazer da família Costa mostrou que os bebês subvertem os espaços do parque que foram projetados para outras atividades e os utilizam de forma livre nas brincadeiras desenvolvidas. Por exemplo, na figura 18, Noel vai brincar de bola na pista de bicicleta e patins que tem no parque, ao invés de ir brincar de bola na quadra, que foi projetada para essa atividade.

Figura 18 - Raul acompanha Noel na brincadeira de bola na pista de bicicleta e patins



Fonte: Elaborado pela autora.

### **Que espaços as famílias com bebês criam na cidade?**

A nossa cidade não é vivida pela criança. Não tem uma estrutura que minimamente atende à demanda. É mais um demonstrativo de que a criança não tem espaço num lugar público.

(Rita Veloso, 34 anos, AN-09)

Historicamente, a cidade foi projetada pela ótica do próprio, que a construiu com base nos interesses das grandes corporações e do capital (BOYER, 2018, 2014; WHITTLE, 2018). Certeau (1998) propõe que, ao invés de permanecer no discurso que mantém os privilégios do próprio, podem-se analisar as práticas microbianas, singulares e plurais que são criadas no sistema urbanístico. Com isso, ele apresenta o olhar dos praticantes, que evidencia que a maneira como a cidade foi construída não permite que as famílias e crianças tenham uma experiência genuína da vida nela (CORDEIRO; MELO, 2017).

Ao invés dos cidadãos com crianças pequenas praticarem lazer na cidade em suas ruas, avenidas e calçadas, eles recorrem a espaços reservados para o lazer das crianças, em sua maioria parques. Além da questão cultural, a cidade em sua magnitude é inacessível e perigosa para as crianças, fazendo com que as famílias optem pelo lazer em espaços específicos. O parque é um local propício para o desenvolvimento dessa prática, pois possibilita às famílias momentos de lazer prazerosos e experiências diferentes das realizadas nas residências. Nos parques, as famílias ficam mais à vontade para burlarem alguns marcadores sociais e estruturas normalizadoras da sociedade, proporcionando aproximação de diferentes classes sociais, raças e etnias, o que é facilitado pela agência dos bebês. Porém, eles não elucidam para as crianças como é a prática de caminhar e vivenciar a cidade, criando uma ilusão de que a cidade é acessível e inclusiva para elas.

Além do paradoxo espacial, existe uma lógica contraditória sobre os hábitos dos cidadãos. Se a contemporaneidade formou um sujeito individualista, que se isola em apartamentos, casas e carros, sem interagir e sociabilizar com os indivíduos a sua volta (MACHADO, 2001), nos parques, com bebês, essa lógica é invertida. As pessoas socializam frequentemente, entre iguais e diferentes, como, por exemplo, as babás e as mães que se sentam no tapete e brincam com as crianças umas das outras. Salientando que a sociabilidade é uma prática produtora de espaço urbano (FANTINEL, FISCHER, 2012). Para conseguirem percorrer o espaço urbano, as famílias recorrem a estratégias e táticas para transitar em segurança, elas colocam o bebê no *sling*, nas costas, no carrinho, no colo ou na bicicleta, afastando-o do contato físico com a cidade.

Dessa forma, as mães e os pais jogam com o sistema da cidade e acabam afastando os filhos do contato real com ela. Como reflexo, tem-se uma redução da mobilidade do bebê urbano, que produz uma perda de habilidades e benefícios associados à mobilidade independente dos bebês, como desenvolvimento de autonomia e capacidade decisória (FREEMAN, 2006). Essa restrição dos bebês ao espaço da cidade também reflete na sociedade, minimizando o senso de responsabilidade pelas crianças por toda a comunidade (CORDEIRO, MELO, 2017), restringindo somente às mães e aos pais a responsabilidade pelos filhos.

Quando as famílias se veem limitadas a praticarem lazer com os bebês somente em determinados espaços, elas acabam fazendo do parque uma heterotopia da cidade. Para Foucault (2013), heterotopias são espaços que possuem uma lógica social contraditória, em que ocorrem resistência e subversão. Elas possuem um conjunto de ações informais que atuam na dinâmica de organização espaço-social, a partir das estratégias e práticas dos sujeitos (VALVERDE, 2009). Dessa forma, as famílias ao mesmo tempo em que tecem condições estruturantes da vida social, também as contestam.

A cidade contemporânea produz uma infinidade de cenários urbanos, que em sua maioria permitem que ela seja vivida pelo lugar do próprio. Isso posiciona os bebês no lugar do outro, já que a eles não é permitido o livre acesso da maioria dos cenários urbanos. Nos parques, as mães e os pais se sentem mais confortáveis em permitir que o bebê explore os espaços, devido à segurança, acessibilidade, tolerância e receptividade que as crianças possuem nesses ambientes. Desse modo, tecem um conjunto de práticas que produzem um espaço organizacional incoerente com o planejamento da cidade contemporânea.

Para lidar com os infinitos cenários que a cidade possui, como ruas, calçadas e travessas, as famílias se preparam antes de sair de casa. Essa preparação inclui um fazer cognitivo que possibilita a arte de organizar materiais e recursos para praticar o lazer com os bebês, assunto que será tratado no próximo tópico.

#### 4.2 O ORGANIZAR QUE PERMITE O LAZER... *EU VOU, RESPIRO... E AÍ, ORGANIZO UMAS COISAS...*

Existe um fazer cognitivo que possibilita os momentos de lazer em família. Ele acontece antes do lazer propriamente dito, dentro das residências, como uma maneira de se preparar para o evento. É constituído de uma sequência de micropráticas que apresenta um fazer cognitivo incorporado pelas famílias, as quais possuem uma maneira de fazer compartilhada entre seus membros. A esse saber-fazer Certeau (1998) denomina de “conhecimento que não se conhece” (CERTEAU, 1998, p. 143), um saber que habita entre a teoria e a prática, encontra-se retraído na memória, como uma fonte de conhecimento que aguarda para ser utilizado. Essa

arte de organizar que precede o lazer foi observada durante o *shadowing* assim comonas entrevistas, quando as famílias confirmaram a importância da preparação que ocorre antes da prática de lazer com os bebês no espaço público.

A capacidade de organizar um conjunto de atividades que vai garantir a prática. Essa sequência de ações pôde ser observada logo no primeiro contato com as famílias que buscou marcar a realização do *shadowing*. Já existe ali uma dinâmica que elas realizam para confirmar sua participação, como: olhar a previsão do tempo, verificar a disponibilidade na agenda, conversar com o restante da família, entre outros. Essa bricolagem, entretanto, não acontece no vácuo, mas dentro de um contexto social com o qual a família se relaciona com as circunstâncias do mundo.

A arte de organizar das famílias inclui inúmeras micropráticas, como: preparação da bolsa, troca de fraldas, amamentação, troca de roupa, oferecer medicamentos, separar brinquedos, checar a previsão do tempo, oferecer comida, passar protetor solar e repelente, oferecer água, colocar sapatos, preparar lanche, escovar os dentes das crianças, encher garrafa de água, pegar a chupeta, entre outros. Essas micropráticas elucidam um saber rigoroso que habita entre o consciente e inconsciente das famílias, um saber ordinário que condiciona a prática de lazer com os bebês.

Esses conjuntos da arte de organizar podem ser observados nos trechos dos diários de campo, quando as famílias relatam alguns procedimentos observados dentro das residências, antes de irem para a cidade:

Marisa faz muitos procedimentos no João, dá vitamina, dá remédio, lava o nariz, lava a boca dele com um pano, faz bombinha, depois Elba o leva para escovar os dentes e passar protetor solar. **Nenhuma precisa pedir nada para a outra**, elas já têm as atividades pré-determinadas.

(Diário de campo da família Gilberto, DC-04)

Elza pede para o Tom ver a previsão do tempo, então e ele volta dizendo que não tem previsão de chuva, somente está nublado. Por causa disso, Elza decide colocar uma calça na Roberta, que me chama para ir junto ver suas roupas. **Eles revezam a Roberta o tempo todo, um toma banho e outro fica com ela, depois um toma café e outro fica com ela, e foi assim o dia todo.**

(Diário de campo da família Jobim, DC-05)

Chico estava no sofá com a bebê Cássia, que estava assistindo à TV. Logo depois ele toma café da manhã enquanto Alcione lava a mamadeira e coloca em cima da mesa. Vejo Alcione indo para lá e para cá, mas não consigo identificar o que está fazendo. Chico termina o café da manhã e vai para o quarto enquanto a esposa troca a roupa da bebê. Os dois ficam

prontos e Chico coloca uma mochila bem grande nas costas, enquanto Alcione pega uns brinquedinhos de areia para levá-la ao parque.  
(Diário de campo da família Buarque, DC-06)

Os relatos dos diários de campo indicam uma lógica de ações que acontecem antes das famílias saírem de casa, ações que possuem uma temporalidade. Ao observar a sucessão de combinações realizadas nessas ações preparatórias, pude captar como ocorre a divisão de tarefas parentais nas atividades que compõem o momento que precede o lazer. Mães e pais executam as atividades de maneira astuta e ligeira, como se estivessem em “modo automático”. Aparentemente, cada um já sabe exatamente o que fazer, e inclusive sabem o que o outro vai fazer também, o que causa uma aparente estabilidade, o que Marisa chama de “dança harmônica para fazer funcionar, na qual, cada uma tem a sua função que foi surgindo naturalmente...”. Já para Elza, da família Jobim, a divisão de tarefas entre os pais ocorre de maneira “meio tácita”, ou seja, já está subentendido por eles o que cada um deve fazer. Tanto que, nem eles sabem explicar ao certo como dividiram as tarefas, foi acontecendo, ou “foi surgindo naturalmente”.

Portanto, compreendo que a divisão de tarefas da preparação do lazer é um fazer cognitivo que circula entre a intuição e a intenção. Isso reflete como a prática é um conceito “*in-between*”, estando situada entre o hábito e a ação (GHERARDI, 2007). Ela possui aspectos habituais que surgiram com base na repetição de atividades no cotidiano, que são implícitos e alguns aspectos intencionais que são explícitos. Por exemplo, quando Elza pede para Tom ver a previsão do tempo, fica visível a intenção dela em verificar se vai ser possível ir ao parque naquele dia ou não. Já quando a família Gilberto realiza 7 procedimentos no filho sem uma comunicação clara do que cada uma está fazendo, fica visível que está implícito para elas o que cada uma deve realizar, evidenciando que essa divisão foi acontecendo durante o cotidiano, com base na repetição. O misto de ações explícitas e implícitas entre as mães e os pais reflete como a prática não é nem instintiva, nem intencional, mas está situada entre os dois.

Essas práticas vão se aperfeiçoando pelos usos e consumos habituais que são criados no cotidiano (CERTEAU, 1998). Elas moldam os praticantes e são igualmente moldadas por eles (GIDDENS, 1984). Por exemplo, a partir do momento

em que Elba se propõe a escovar os dentes do filho todos os dias, ela se aperfeiçoou nessa microprática e engendrou conhecimento sobre ela, moldando a prática ao seu corpo, corporificando-a. Isso adaptou não somente Elba a essa prática, mas também seu filho João, que já se acostumou com a maneira de escovar os dentes dessa mãe, e sua esposa Marisa, já espera que ela faça isso.

O aperfeiçoamento das práticas ocorre nas bricolagens do cotidiano, de maneira sutil, “experimental e manual” (CERTEAU, 1998, p.138). Nesse processo, algumas famílias buscam ajuda externa para lidar com a quantidade de tarefas que o bebê demanda, recorrendo à contratação de funcionários para auxiliarem nos serviços do lar, sejam diaristas, empregadas domésticas ou babás. O campo empírico demonstrou que a contratação deste tipo de serviço facilita a prática de lazer em famílias com bebês, isso porque, ao designarem as atividades domésticas para outras pessoas, a família adquire tempo livre disponível para o filho. Dentre as famílias participantes da pesquisa, somente uma não possuía auxílio externo para o serviço doméstico. Inclusive, a família Buarque relatou na entrevista que tinha contratado uma diarista recentemente, conforme trecho de entrevista abaixo:

Desde sábado passado, com essa questão de ter outra pessoa nos ajudando, o Chico passou a ir ao parque com a gente também de manhã

(Alcione, 41 anos)

É legal, né... ela ver os pais juntos, né. Porque aqui em casa a gente tá junto, mas tá separado. Cada um tá num canto fazendo as coisas. Agora, não. Nós estamos juntos com ela, ali... brincando.

(Chico, 32 anos).

[Entrevista Família Buarque, AN-10]

Percebe-se no trecho que o organizar do lar interfere no organizar do lazer familiar. Os membros da família só têm conseguido praticar o lazer juntos no espaço público porque designaram atividades domésticas para outra pessoa, que, nesse caso, é uma diarista. As outras famílias também relataram contar com esse tipo de serviço, a família Jobim, por exemplo, disse ter contratado uma empregada doméstica com o nascimento da filha, para possibilitar mais tempo de lazer com ela. Quando questionados se a organização da casa intervém nos momentos de lazer, a mãe respondeu:

Eu percebo pelas mães na praia, dá 10 horas e todo mundo sai correndo para fazer o almoço, eu penso, nossa que maravilha, que privilégio, quando eu chegar o almoço tá pronto. Com certeza influencia, não só o lazer, mas o que a gente faz de não botar o celular na mão, por exemplo, se eu tivesse que cozinhar ela teria que ficar no celular. Provavelmente, porque ninguém faz mágica né.

(Elza, 36 anos, AN-11)

Nesse trecho pode-se notar que Elza considera um privilégio ficar mais tempo na praia com a filha enquanto as outras mães saem às pressas para fazer o almoço. O tempo fora de casa com as crianças propicia a criação de intimidade com menores restrições do que no espaço doméstico. Isso acontece porque a organização da rotina doméstica pode limitar a criação de vínculos e intimidade na família (DALY, 2001; CARR, 2011).

O vínculo familiar é a quantidade de apego, conexão ou proximidade emocional que os membros da família compartilham (BAHR et. al.; 1998), laços que são fortalecidos, conforme acontecem as experiências compartilhadas (YOUNG, 2013). Muitos familiares confirmaram a diferença de sensações entre o tempo com os filhos dentro de casa e o tempo com os filhos fora de casa, como pode ser observado no trecho de entrevista abaixo:

Porque em casa a gente não tem momentos juntos, a gente tem outros afazeres. Ah, “fica com ele enquanto eu faço isso, aí depois eu fico com ele enquanto você faz aquilo”. A gente tá sempre fazendo alguma coisa

(Marisa, 36 anos, AN-12)

As famílias têm mais facilidade de praticar o lazer com bebês no espaço público do que no espaço doméstico. Isso porque, o espaço doméstico possibilita mais a realização de tarefas ligadas à esfera de trabalho, quando envolve as tarefas domésticas. Principalmente na vida cotidiana contemporânea, em que a maior parte das famílias reside em apartamentos, lugar que eles não consideram propício para o lazer dos bebês, pois ele é restrito e reduzido. A prática de lazer no espaço doméstico é limitada, restritiva e insuficiente para atender às demandas do bebê.

Outro aspecto importante da arte de organizar para o lazer é o que tange a materialidade. Mesmo que Certeau (1998) não enfatize a materialidade em sua obra, ele afirma que os objetos fazem parte das relações. Já Orlikowski (2010), destaca os bens materiais, quando diz que na sociedade contemporânea os objetos são praticamente inseparáveis dos indivíduos (ORLIKOWSKI, 2010). Sendo assim,

destaco que a materialidade também se fez presente nos momentos preparatórios para o lazer, conforme os trechos abaixo:

Rita já tem uma bolsa pronta e uma sacola com brinquedos de areia separados. Ela dá água para ele, leva-o para trocar a fralda, coloca o sapato, pega o *sling*, amarra-o no *sling* e saímos.

(Diário de campo família Veloso, DC-07)

Quando cheguei Fafá estava vendo televisão e Nara preparando as coisas para sair. Ela cortou frutas e colocou em potes. Também separou duas garrafas de água e deixou em cima da bancada da cozinha. Colocou tudo numa sacola ecológica que, aparentemente, já tinha coisas dentro. Fafá se vestiu sozinha. Nara me disse que leva muita coisa de comer e trouxe a escova de dente e a pasta da Fafá e pediu para ela escovar os dentes. Depois acordou Milton, trocou a roupa dele, fechou a casa e descemos para pegar um Uber.

(Diário de campo da família Leão, DC-08)

Aos poucos Ney pega a bolsa da creche, coloca algumas coisas lá dentro, fala que não pode esquecer a chupeta e se lembra de pegar um pano caso precise trocar a fralda. Ela já está na porta esperando, ela sabe que ele vai sair com ela. Ele troca de roupa, confere a fralda da Maysa, coloca o tênis dela, um copinho de água e desce andando com ela.

(Diário de campo da família Matogrosso, DC-09)

A maior parte dos procedimentos descritos nos diários de campo envolvem recursos materiais que as famílias consideram indispensáveis. Por exemplo, a família Matogrosso relatou que eles não podem sair de casa sem a chupeta. Já a família Leão, deu maior destaque aos alimentos que levam para o parque, já que a mãe tem a estratégia de dar almoço para o bebê no parque, para agilizar a saída de casa e estender o tempo de lazer no parque. Mesmo que cada família tenha suas particularidades em comum, encontrei um fenômeno material que se chama “a bolsa”.

“A bolsa” apareceu durante o *shadowing* e nas entrevistas. Consiste em carregar uma bolsa com os itens necessários para os bebês, sendo uma prática comum para as famílias, que concentram ali os recursos que julgam necessários para atender às demandas que podem surgir no parque. Franklin (2014) afirma que existe uma enormidade de “coisas materiais” que são necessárias para o turismo, sendo assim, aproveito a contribuição dele para enfatizar que “a bolsa” faz parte de uma gama de coisas materiais que são necessárias para o lazer familiar. Ela atende as necessidades familiares, porque facilita a mobilidade familiar e maior permanência

deles no parque. Segue abaixo algumas fotografias dos materiais que encontrei nas bolsas das famílias:

Figura 19 - Recursos encontrados nas bolsas das famílias



Fonte: Elaborado pela autora.

Encontrei 5 elementos principais em comum nas bolsas: água, lanche, fralda, lenço umedecido e álcool em gel, mas cada família se relaciona com eles de uma forma única. Somente uma família foi ao parque sem levar esses recursos. Nas entrevistas, “a bolsa” apareceu em muitos momentos:

É a Marisa que faz a mágica da bolsa.  
(Elba, 43 anos, AN-13)

A bolsa tá sempre semipronta, né... Eu organizo ela à noite, depois que ele dorme. Já deixo tudo na bolsa, só na manhã seguinte eu coloco a água e o almoço dele. É só o que eu acrescento na manhã seguinte... e um casaquinho.

(Marisa, 36 anos, AN-14)

A mochila da Cássia vai para qualquer lugar.

(Chico, 32 anos, AN-15)

Então eu já tenho... tipo, a mochila que eu uso para ir para todos os lugares.

(Nara, 32 anos, AN-16)

Lazer eu faço com a minha mochila.

(Tom, 34 anos, AN-17)

Nos trechos, pode-se notar que a bolsa é um fator essencial para a prática de lazer em família, destacando que na sociedade contemporânea os objetos são praticamente inseparáveis dos indivíduos (ORLIKOWSKI, 2010). Abstenho-me em separar o social do material, mas destaco que os objetos produziram, em conjunto com os indivíduos, as ações preparatórias para o lazer em família, já que toda prática emana da sociomaterialidade (ORLIKOWSKI, 2010). A bolsa possibilita levar aspectos da casa para o ambiente público, como uma transgressão, mesmo que sutil, da dicotomia casa (ambiente privado) e espaço público (ambiente público). Percebi também que, mesmo que possuam objetos em comum, cada família se relaciona com eles de uma maneira diversa, variando até mesmo entre os membros da família. “A bolsa” elucida que dentre a enormidade de coisas materiais que possibilitam o lazer, ela é uma ferramenta de uso cotidiano que é necessária à execução dessa prática (COHEN, 2019).

A fim de elucidar outros elementos que fazem parte dessa prática, o próximo tópico irá tratar de como os fazeres cognitivos se relacionam com o tempo e o espaço na cidade contemporânea.

#### 4.3 OS FAZERES COGNITIVOS QUE ORGANIZAM O LAZER COM BEBÊS... EU PREFIRO MEU BEBÊ FORA DE CASA DO QUE DENTRO

Mães e pais relataram que é mais fácil cuidar dos bebês nos espaços abertos do que dentro de casa, comentavam que “ele dá mais trabalho em casa”, “sair de casa é uma necessidade dela” ou que “o dia que não conseguimos sair de casa eu tenho que me preparar porque vai ser um dia mais difícil”. Os motivos disso giram em torno da vida contemporânea. Primeiramente, a maior parte da população metropolitana vive em apartamentos, que possuem um espaço limitado, que causa tédio e aborrecimento nos bebês e, conseqüentemente, nos adultos. Outro aspecto é que as famílias contemporâneas têm tido cada vez menos filhos, das famílias participantes da pesquisa, somente uma tinha dois filhos, todas as outras são famílias de filho único. Assim, os bebês não têm contato com outras crianças dentro

de casa para brincarem, fazendo com que as famílias busquem estratégias para sociabilizar seus filhos com outros bebês. Quando essas estratégias falham por algum motivo, por exemplo, em caso de chuva ou vento forte, as famílias se veem sem opções e precisam lidar com o filho “ranhetando”<sup>4</sup> dentro de casa.

Outro aspecto importante foi com relação ao tempo e a rotina. Muitas famílias mencionaram terem lido livros, artigos e conversado sobre a organização da rotina dos bebês e consideraram importante o desenvolvimento de uma estrutura para ser seguida. No entanto, notei uma grande diferença de como as famílias praticam o tempo, o que elucida que o tempo é uma prática cultural (CHANLAT, 2010). Enquanto as famílias Bethânia, Gilberto e Buarque se organizaram pelo tempo cronológico, marcando o horário no celular ou no relógio dos procedimentos da rotina dos bebês, as famílias Jobim, Veloso, Bethânia, Leão e Matogrosso utilizaram outros aspectos para se organizarem no tempo.

Quando a prática se organiza perante o tempo, ela revela os três aspectos que utilizo para explicar o lazer familiar. O organizar da cidade influencia pelo horário de funcionamento dos parques, mediante o tempo cronológico e por outros aspectos ligados ao tempo praticado. O tempo é praticado no espaço (CERTEAU, 1998), por isso o espaço físico influencia no tempo de permanência das famílias nos espaços públicos. Por exemplo, a família Costa determinou a hora de voltar para a casa com a frase: “o sol está muito quente para ele”, e como o parque tem poucas áreas de sombra, teve que voltar para casa logo, ficando somente 44 minutos no Parque Urbano de Cocal. As outras famílias, quando questionadas sobre a estrutura dos parques, também reclamaram de poucas áreas sombreadas, o que dificulta que fiquem mais tempo no local, conforme trechos das entrevistas abaixo:

Só realmente... são parques pouco arborizados, com **pouca sombra**. Poxa... e Vitória é uma cidade quente. Vitória é uma cidade sol, né.  
(Elba, 43 anos, AN-18)

Não é um problema só deste parque específico. Pedra da Cebola, também... tem uma árvore, tem sobra debaixo da árvore. Mas **não tem espaço sombreado**.  
(Marisa, 36 anos, AN-19)

Eu só me preocupo assim... lá é bom porque é plano e gramado, mas **talvez pudesse ter mais sombra**.  
(Elza, 36 anos, AN-20)

---

<sup>4</sup> Ranhetando foi uma expressão utilizada por uma das mães para dizer que a filha ficava enjoada, cansada, irritada. Expressão que faz parte do vocabulário compartilhado dessa família.

Eu acho que plantaram aquelas árvores... pelo tempo, as árvores já eram para tá dando sombra. Mas acho que não é... não são as árvores adequadas para o parque. **Eu acho que tem pouca sombra.**

(Gal, 42 anos, AN-21)

Nota-se que é uma limitação dos parques das duas cidades (Vitória e Vila Velha), que limita e dificulta a estada das famílias no espaço público com bebês. Outros problemas com a estrutura física também influenciam negativamente na permanência das famílias no espaço público, como os banheiros, os brinquedos do parquinho e a manutenção do parque. Os banheiros inclusive não são utilizados pelas famílias, vi somente uma família indo ao banheiro e as outras falaram que se organizam de modo que não precisem ir ao banheiro.

Além do organizar da cidade, o aspecto de organizar da família também influencia na prática do tempo, revelando aspectos culturais delas. Por exemplo, a família Matogrosso não pratica o lazer utilizando o tempo cronológico, mas sim com base no conhecimento sensível do pai, que escolhe o trajeto utilizando esse conhecimento. Além de verificar o clima antes de sair de casa, Ney utiliza sua memória para se lembrar de aspectos exclusivos da família dele que influenciam na prática de lazer familiar. Por exemplo, o tempo em que a filha dormiu à tarde, se ela comeu, fez cocô, bebeu água ou até se tem algum dente nascendo que possa incomodá-la. Esses procedimentos revelam que cada família possui lógicas exclusivas, as quais, em conjunto, organizam o lazer familiar.

O organizar do lar também intervém da dinâmica da prática de lazer familiar. Como as famílias são de classe média, a maioria delas possui ajuda externa para dar conta das demandas domésticas. Por exemplo, a família Jobim, relatou que consegue ficar mais tempo em lazer com a filha na praia, porque tem uma funcionária em casa para fazer o almoço, e percebe que outras famílias saem mais cedo de lá para preparar a comida para a família. Outro exemplo é da família Buarque que, recentemente contratou uma diarista para auxiliar na residência devido à importância que o pai e a mãe dão à prática do lazer com a família toda reunida.

As maneiras de organizar a prática de lazer em família revelam o “fazer cognitivo” dos praticantes. Esse fazer perpassa pelo conhecimento sensível dos praticantes, principalmente as mães e pais que, ao identificarem alguma necessidade dos filhos por meio dos sentidos interferem na prática de lazer para atender a essa

necessidade. E mesmo as famílias que utilizam o tempo cronológico para se organizarem também utilizam o conhecimento sensível para isso. Por exemplo, a família Gilberto relatou que mantém os horários do filho rígidos nas idas ao parque, para que ele mantenha os horários da creche que frequentava, pois, ano que vem retornará para ela. Mesmo assim, utilizam o conhecimento sensível mediante os sentidos para se organizarem no parque, conforme trecho do diário de campo:

Em um determinado momento, uma das mães **passa a mão na testa** do João e fala novamente que ele está muito quente, que o parque podia ter mais sombra e que elas poderiam ir com ele em um ambiente mais fresco. Depois disso, elas tentam guiá-lo para longe do sol.

(Diário de campo da família Gilberto, DC-10)

Nesse trecho, nota-se que a mãe sente a temperatura do filho por meio da pele dela, do tato, e percebe a necessidade de reduzir a exposição do bebê aos raios solares. Elas conversam sobre isso e associam essa necessidade diretamente à estrutura do parque, procuram um lugar com mais sombra e tentam mudá-lo de lugar.

Outros sentidos também foram utilizados em campo, como a visão, em vários momentos:

Nesse momento **ela olha** para a filha que está levemente vermelha e fala: A., você passou protetor nela? E ele diz que não. Ela vai na bolsa e procura o protetor, mas não acha. Depois disso ela interfere um pouco e leva o Tom para a sombra, oferecendo água e lanche.

(Diário de campo da família Jobim, DC-11)

Elas se sentam para tomar café da manhã e eu brinco um pouco com o João por uns 10 minutos. **Ele faz uma determinada “pose”** e elas falam para mim: ele está fazendo cocô.

(Diário de campo da família Gilberto, DC-12)

Uma hora ele **sinaliza com o dedo** para ir ao balanço, mas como está ocupada, a Rita explica que depois o levará.

(Diário de campo da família Veloso, DC-13)

A visão é o sentido com maior tradição nos estudos de turismo (COHEN, 2019), que, nesta dissertação, encontra-se associado ao lazer. Nesses trechos percebe-se que as mães e pais utilizam a visão para interferirem na prática do lazer com os bebês, seja oferecendo água e mudando a filha de lugar (Família Jobim) ou observando a pose do filho e concluindo que será necessária uma troca de fraldas (Família Gilberto) ou percebendo a vontade do filho de ir a determinado brinquedo

(Família Veloso). Algumas vezes, na posição de pesquisadora-mãe, consegui captar as necessidades dos bebês junto às famílias, como, por exemplo, ao enxergar a vermelhidão da Roberta ou ao perceber a vontade do Tim em ir ao balanço pelo sinal com o dedinho. Em outros momentos, as mães e os pais tiveram que me explicar, por exemplo, eu nunca iria adivinhar que, ao fazer determinada “pose”, João estava fazendo cocô.

Isso aconteceu em outras ocasiões, durante o lazer da família Jobim, a mãe comentou comigo: “Olha como ela está cansada! Está na hora de ir embora”, mas eu, mesmo tendo uma filha com idade próxima, só vi um bebê sentado. Isso demonstra que o conhecimento sensível sobre os bebês está interligado com a aprendizagem a partir das práticas daquela família. E a constatação materna foi confirmada, pois, segundo a família, a bebê dormiu no carro logo que saímos do parque.

A audição também foi utilizada no processo de organizar o lazer com bebês, porém, ela também está interligada com a aprendizagem da prática, conforme trecho abaixo:

[...] quando acorda, ele já quer vir passear. Ele fica “**ia, ia, ia**”. Ele já acorda querendo vir para o parquinho.

(Elba, 43 anos, AN-22)

Questionei a Maria sobre o porquê de ela só utilizar o espaço do *playground* no parque, ela me disse que só fica ali mesmo, porque o Alceu não gosta de carrinho, **ele reclama muito, chorando**.

(Diário de campo da família Bethânia, DC-14)

Observe que, até o bebê mais novo que participou da pesquisa, Alceu, com seus 8 meses, utiliza o choro para se comunicar com sua mãe por meio da audição dela. Reclamação que é ouvida e que reflete na prática do lazer, quando sua mãe opta por não explorar mais áreas do parque e só permanecer na área do *playground*, pois ele não gosta de se locomover pelo carrinho e ainda não anda. Esse mesmo bebê realiza o percurso casa-parque, de 450 metros, no carrinho, mas a mãe dele tem uma maneira específica de levá-lo ali para ele não chorar, ela “empina” o carrinho, dizendo que ele só aceita ser levado assim. Já no relato de Elba, ela diz que o bebê acorda pedindo “ia, ia, ia”, o que significa “passear”, porém, esse entendimento é restrito da família, estando interligado com o conhecimento gerado pela prática e pelo vocabulário compartilhado entre eles.

O olfato também emergiu no campo como sentido utilizado no organizar da prática de lazer com bebês, principalmente no quesito da troca de fraldas dos bebês, conforme trechos das famílias, quando explicaram como sabem se o bebê fez cocô:

**Pelo cheiro.** É mais pelo cheiro que eu sei, talvez tenha um pouco de *feeling* de horário, ela brincou muito e eu sei que quando ela se solta ela faz cocô.

(Ney, 40 anos, AN-23)

É difícil falar como que eu sei que ela tá fazendo cocô, cara. A gente é muito próxima dela, a gente observa ela, conhece pela proximidade que tem com ela... e, **às vezes, cheira** também, né?! [risos]

(Elza, 36 anos, AN-24)

Ela fica quietinha, ela nunca fica quietinha.

(Tom, 34 anos, AN-25)

O olfato aparece nos dois momentos como sentido utilizado para determinar a troca de fraldas, porém, ambos implicam conhecimento anterior sobre os bebês. Na família Matogrosso, o pai relata o “*feeling*” de horário e o conhecimento de que “quando ela se solta ela faz cocô”. No relato da família Jobim, a mãe nem consegue me explicar como sabe que a filha está fazendo cocô, já o pai é mais direto “ela fica quietinha”, todavia, depois a mãe complementa “às vezes a gente cheira também”.

Desses cinco sentidos humanos, observei maior despontamento da visão, conforme tradição nos estudos de turismo (COHEN, 2019); audição, pois mesmo que a maioria dos bebês não falassem palavras claras, as mães e pais compreendiam o que diziam, o olfato, pois as mães e pais o utilizam principalmente para determinar a troca de fralda; tato, para verificar se o filho está suado ou com frio. O paladar foi o único sentido que não emergiu do campo como sentido utilizado para organizar o lazer com bebês.

Outros sentidos foram observados em campo. Dentre eles, observei que os sentidos de equilíbrio e movimento emergiram como significantes no organizar da prática de lazer familiar, principalmente no que se referia aos bebês, os quais algumas vezes tiveram pequenas quedas, devido ao seu (des)equilíbrio, causando choro, estresse, revelando táticas das famílias para lidar com isso e emoções diversas no lazer familiar. Conforme imagem abaixo:

Figura 20 - Tática da mãe para conter o sangramento do filho com absorvente



Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos bebês estava desenvolvendo o caminhar durante a pesquisa, inclusive, eles aproveitaram os espaços e recursos diversos para aperfeiçoarem seu equilíbrio. Além de conseguirem mais espaço para andar, as idas ao parque permitiram que os bebês explorassem recursos que eles não possuíam em casa. Por exemplo, Milton não podia ver um patinete no parque que ia pedir emprestado para quem estivesse usando. O interesse dele por esse material foi tão grande que, a mãe comentou comigo que ia comprar um para ele de aniversário, conforme imagem abaixo:

Figura 21 - Bebê andando no patinete no parque Pedra da Cebola



Fonte: Elaborado pela autora.

Além do equilíbrio, o sentido de movimento foi constante em todos os parques. Movimento que, na maioria das vezes, partia dos bebês, revelando a agência que eles praticam, para brincarem, correrem, passearem e sociabilizarem. Esse movimento algumas vezes refletia num movimento das mães e dos pais. Na imagem 16, pode-se observar que a mãe vai acompanhando o filho em seu passeio de patinete.

Para Reckwitz (2002), a prática é uma maneira rotineira pela qual os corpos são movidos, nesse caso, a prática de lazer com bebês “move” os corpos dos bebês e também dos pais, que se sentem na obrigação cultural de acompanhá-los e auxiliá-los em todo o momento de lazer. Alguns recursos materiais dos parques inserem o sentido de movimento nos bebês sem ser necessário um deslocamento dos pais. Com balanços, escorregadores, gangorras, durante todo o tempo as crianças praticam o movimento nos espaços públicos. Esse é um dos principais aspectos que diferenciam o espaço doméstico do espaço público, porque no espaço doméstico a movimentação dos bebês é mais restrita. Dentre os recursos materiais

dos espaços públicos, alguns possibilitam uma maneira diferenciada dos bebês praticarem o sentido do movimento, como, por exemplo, o brinquedo abaixo da Praça da Ciência:

Figura 22 - Maysa experimentando o movimento no brinquedo



Fonte: Elaborado pela autora.

Além de estimular a movimentação de mães e pais nos espaços públicos, que andam, correm, pegam os filhos, ajudam-nos a subir ou descer dos brinquedos, empurra-os no balanço, brincam com eles e executam diversas outras ações que compõem a prática de lazer familiar com bebês. Observei uma postura que é comum a todas as ações citadas anteriormente, entre outras, fazendo com que os responsáveis pelos bebês performem de forma parecida, como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 23 - Performance de mães e pais na prática de lazer com bebês



Fonte: Elaborado pela autora.

A prática de lazer com bebês em espaços públicos implica muitas performances. Dentre elas especifico a postura acima, pois ela acompanha muitos momentos que vivenciei em campo com as famílias. Na figura 23, observa-se que mesmo que cada responsável esteja auxiliando o filho em um brinquedo diferente, a postura deles se mantém semelhante. Os brinquedos são projetados para as crianças e negam a existência dos adultos como praticantes de lazer junto com elas. O parque é um espaço intergeracional, que possui uma presença clara de muitas faixas de etárias de crianças, como também de adultos. Para Certeau (1998), a prática é uma maneira de fazer, portanto, considero que dentro dessa “maneira” se encontra a performance da prática de lazer pelos responsáveis das crianças.

Para observá-la, utilizei o conceito de corporificação, que se mostrou importante para o lazer familiar, pois ele possibilita destacar a relevância dos corpos (humanos e não humanos) durante o lazer. Por exemplo, os objetos de lazer infantil (corpos não humanos) são corporificados pelos bebês e seus responsáveis durante o lazer, como reflexo disso temos a imagem da figura 23. Essa postura observada em campo demonstra como a prática é corporificada, ela possui atos comportamentais que se conectam e geram um movimento do (e no) corpo. Ao aprender uma prática, aprendemos a “ser” um corpo que aquela prática exige (RECKWITZ, 2002), e utilizamos os sentidos do corpo para reger (mesmo que sem ação intencional) os micros aspectos da prática (GHERARDI, 2009). O corpo não é somente um instrumento da prática, mas os processos pelos quais a prática é organizada implicam atividades mentais e emocionais que possibilitam o desempenho corporal.

Desse modo, compreendo que ao conceito de corporificação deve ser dado um destaque no lazer familiar, pois ele se mostrou essencial nos fazeres cognitivos pelos quais as famílias se organizam nos espaços públicos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: *INFELIZMENTE ACABOU O PASSEIO, SEM CHORO VIU?***

O objetivo desta pesquisa foi **compreender o organizar do cotidiano para a prática do lazer em espaços públicos metropolitanos pelas famílias capixabas com bebês**. Para alcançá-lo, utilizei três aspectos que interagem e juntos organizam o lazer familiar: (1) Organizar da cidade; (2) Organizar do lar e (3) Organizar da família.

O Organizar da cidade revela as formas com que os atores, a gestão pública, o clima e demais elementos explicitados influenciam na prática do lazer nos espaços metropolitanos, mediante reprodução ou subversão que as famílias fazem dos espaços que são planejados (ou não) para essa prática. O Organizar do lar revela que existe uma preparação que ocorre antes do lazer propriamente dito, na qual as famílias organizam materiais (a bolsa, brinquedos) e disponibilizam tempo para estarem com os bebês praticando lazer. O organizar da família revela aspectos culturais da sociedade capixaba contemporânea de classe média, que já possui como prática familiar o lazer com os bebês em áreas urbanas, principalmente após eles terem 6 meses de vida, revelando a necessidade de sociabilidade que adultos e bebês possuem.

As sociabilidades provaram ser capazes de reconfigurar, mesmo que temporariamente, as barreiras de classe, raça ou gênero nos espaços públicos, desvelando maneiras de produzir o espaço por meio da agência do bebê (JAMES, 2008), que possibilita aproximação dos indivíduos nos espaços metropolitanos de lazer familiar. As famílias usam os espaços públicos de lazer como estratégia para dar mais espaço e liberdade para a mobilidade independente dos bebês, já que a grande maioria dos cidadãos metropolitanos reside em apartamento.

A organização familiar está em constante mudança pelo contexto social, econômico e cultural na qual está inserida. O contexto efêmero e complexo da contemporaneidade também impacta essas mudanças, levando as famílias a lidarem com uma enormidade de tarefas em seu cotidiano e criarem múltiplas formas de administrar a vida familiar (PETRINI, 2012; TORRES, 2004, WALL,

GUERREIRO, 2005). Isso ficou evidente ao se notar um revezamento entre pais e as mães para acompanhar os filhos nos seus momentos de lazer, que estão interligados com outras tarefas da família contemporânea, não havendo uma separação clara de tempo e espaço na prática do lazer familiar (FRANKLIN, CRANG, 2001).

Elementos materiais<sup>5</sup> são cruciais para essa prática, como o clima, que possibilita inserir a agência não humana como aspecto que influencia o organizar ao ar-livre (RANTALA et. al., 2011). O clima revela também aspectos da cultura dos capixabas, que estão acostumados com sol e temperaturas quentes e esvaziam os parques em dias nublados e com temperaturas mais baixas (17°-23° C). Essa relação atravessa aspectos da estética organizacional que, por meio do conhecimento sensível, possibilita aos praticantes o uso dos sentidos para se organizarem no lazer.

No cotidiano do lazer familiar as emoções e os sentidos foram muito importantes para compreender como as famílias se organizam. Posto isso, acrescento que o corpo é utilizado para transportar a prática, para “se tornar” a prática (RECKWITZ, 2012). Com isso, no lazer como prática, proponho trocar um dos aspectos centrais do Turismo como Prática (TAP), a performatividade pelo conceito de corporificação. Esse conceito se mostrou mais adequado para compreender as maneiras de fazer lazer de família na cidade, mediante sentidos, emoções e maneiras de “ser” o lazer em família na cidade, além de ser utilizado por Certeau (1998) para explicar que a tática possui em sua essência atos corporais.

Assim como Bispo (2016), que considera o turismo como um conjunto de práticas em andamento julga-se que o lazer em família é um aglomerado de práticas que possui aspectos específicos como: a quantidade de bens materiais que são levados, a recursividade com a qual as famílias se organizam e a aparente estabilidade da prática que gera um caractere de previsão dos responsáveis pelos bebês. Nele, a família é compreendida pelas maneiras com as quais se organiza, por meio da proposta do organizar da família, que possibilita investigar essa organização pela ótica da prática, afastando-se de modelos idealizados e classificatórios. Isso

---

<sup>5</sup> COVID-19: Como elemento material adicional, que a pandemia do corona vírus possibilitou visualizar, acrescento que a saúde pública interfere na prática do lazer estando inserida no organizar da cidade. Inicialmente tivemos um esvaziamento dos parques e posteriormente o fechamento por tempo indeterminado.

possibilitou que famílias heterossexuais e homoafetivas fossem tratadas da mesma forma nesta pesquisa, já que ambas se organizam de maneira similar para praticarem o lazer familiar em espaços públicos.

O organizar da família foi tratado dentro da lacuna encontrada na revisão de literatura sobre os estudos de lazer. Essa lacuna indica a ausência de contribuições sobre lazer familiar em relação ao grupo etário dos bebês (0-2 anos). Ao buscar preenchê-la, apresento como contribuição a incorporação de dois novos sentidos nos estudos de lazer, o movimento e o equilíbrio, que foram evidenciados ao serem associados ao grupo etário escolhido.

Como contribuição mais ampla, proponho direcionar o olhar dos estudos sobre a família para os Estudos Organizacionais de cidades pela ótica da prática. Esta ótica permitiu observar que as cidades são inacessíveis para as crianças como um todo, aspecto que dificulta que as crianças pratiquem a cidade vivida. Quando as mães e os pais transitam pela cidade com seus filhos, eles a afastam do contato com as travessas, ruas, avenidas, calçadas, que são culturalmente vistas como sujas e inapropriadas. Isso restringe a mobilidade independente da criança a espaços ilusórios, como é o caso do parque.

As formas de apropriação dos parques pelas famílias com bebês produzem uma heterotopia, com uma dinâmica contraditória com a cidade urbana. Quando a criança transita somente pelo parque ela tem a ilusão de que a cidade é aquele lugar, o que não é verdade, pois nesse espaço algumas lógicas sociais são temporariamente reconfiguradas. O distanciamento da criança da cidade também afeta a sociedade como um todo, que não tem contato com crianças em momentos do seu cotidiano e não se sentem responsáveis pela próxima geração, dando exclusivamente aos pais a responsabilidade pelos próprios filhos, diminuindo, cada vez mais, a noção de comunidade e aumentando a noção de individualismo. Ao se afastar dessa concepção, pode-se pensar a cidade através das relações que são criadas e praticadas no espaço e tempo metropolitano.

Como contribuição metodológica, proponho a utilização da trajetória SILE para compreender aspectos de mobilidade nas cidades. Esse recurso possui muitas potencialidades ao ser combinado com o *shadowing*. Primeiramente, ela possibilita

um *zoom out* do percurso, facilitando compreensões mais amplas a respeito da mobilidade observada. Como segundo aspecto, ela possibilita um registro instantâneo do percurso, facilitando comparações com outros percursos e identificando pontos em comum. Como terceiro aspecto, ela gera mais dados para serem analisados, como: a quantidade de metros percorridos, a velocidade utilizada, os locais de início e fim do percurso, dentre outros. Além de poderem ser utilizados nas análises, esses dados são úteis para a entrevista, podendo abrir caminhos para perguntas delicadas.

Como contribuição social, ficaram evidentes ao longo do estudo várias possibilidades de mudanças nos parques metropolitanos da Grande Vitória – ES. A estrutura física da maioria dos parques possui problemas que dificultam a prática do lazer com os bebês. O primeiro ponto são os banheiros, que são poucos e não possuem limpeza e higiene adequada para que um bebê possa ser trocado naquele espaço. As mães e os pais também possuem dificuldades de utilizar os banheiros e costumam retornar para casa se tiverem essa necessidade, diminuindo o tempo de lazer com os filhos por causa disso. Como proposta, seria interessante a implantação de um banheiro da família, que tivesse trocador e pudesse ser utilizado pelos gêneros feminino e masculino. O segundo ponto são as áreas de sombras nos parques, que poderiam ser expandidas com mais árvores e toldos que pudessem impedir o sol e a chuva em alguns pontos, isso provavelmente diminuiria o esvaziamento dos parques em dias mais frios. O terceiro ponto são os ambulantes, somente um parque tinha ambulantes próximos vendendo lanches, água de cocô ou suco para as crianças. Se os parques tivessem mais ambulantes vendendo lanches, frutas e sucos seria necessária uma preparação menor por parte das mães e dos pais para irem aos parques, já que eles poderiam contar com alimentos que seriam comercializados ali, gerando maiores possibilidades de emprego e renda na cidade.

Uma das limitações da pesquisa é o fato de as famílias participantes serem todas de classe média e residirem em sua maioria em bairros nobres metropolitanos, acredita-se que isso restringiu os resultados para uma certa camada social privilegiada. Estudos futuros podem explorar esse aspecto, investigando as formas de lazer de grupos periféricos, favelas, áreas afastadas dos grandes centros,

acredita-se que estes grupos tenham maiores dificuldades em se locomover e praticar lazer familiar nas cidades contemporâneas.

Outras temáticas para estudos futuros podem abordar as formas de lazer com bebês na praia, já que esse *locus* possui diferentes aspectos externos que influenciam no lazer. A incorporação dos sentidos de movimento e equilíbrio no lazer que esta dissertação possibilitou também pode ser utilizada para estudos futuros, investigando grupos que possuem necessidades especiais para sua mobilidade como: cadeirantes, idosos, cegos, autistas, portadores de síndromes etc.

## REFERÊNCIAS

ABDALLAH, C.; LANGLEY, A. The double edge of ambiguity in strategic planning. **Journal of Management Studies**, v. 51, n. 2, p. 235-264, 2014.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 13-38, 2001.

ALVES, N. Interrogando uma idéia a partir de diálogos com Coutinho. GARCIA, Regina Leite; OLIVEIRA; Inês Barbosa de (Orgs). Nilda Alves: **Praticante pensante de cotidianos**, v. 1, 2003.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista brasileira de educação*, n. 23, p. 62-74, 2003.

AMATO, P. R. et al. **Alone together: How marriage in America is changing**. Harvard University Press, 2007.

AMATO, P. R. The consequences of divorce for adults and children. **Journal of marriage and family**, v. 62, n. 4, p. 1269-1287, 2000.

ANDERSON, J. Mothers on family activity holidays overseas. **Women's leisure experiences: Ages, stages and roles**, p. 99-112, 2001.

ARIÈS, P. Centuries of childhood: **A social history of family life**. 1965.

ARIÈS, P. **Western attitudes toward death: from the Middle Ages to the present**. JHU Press, 1975.

ARNOULD, E. J.; PRICE, L. L. River magic: Extraordinary experience and the extended service encounter. **Journal of consumer Research**, v. 20, n. 1, p. 24-45, 1993.

ARRILLAGA, J. I. de. Introdução ao estudo do turismo. **Rio de Janeiro: Rio**, p. 306, 1976.

BACHOFEN, J. J.; CAMPBELL, J. **Myth, religion, and mother right: selected writings of JJ Bachofen**. Princeton University Press, 1992.

BALDRY, A. C.; FARRINGTON, D. P. Brief report: types of bullying among Italian school children. **Journal of Adolescence**, v. 22, n. 3, p. 423-426, 1999.

BANDEIRA, R. Um ano após norma sobre o casamento gay, chegam a 1.000 as uniões entre o mesmo sexo. **Conselho Nacional de Justiça**, 2014. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/61657-um-ano-apos-resolucao-do-casamento-gay-chega-a-1000-o-numero-de-unioes-entre-pessoas-do-mesmo-sexo>>. Acesso em 15/04/2019.

BANKS, M.; ZEITLYN, D. **Visual methods in social research**. Sage, 2015.

BANSAL, P.; CORLEY, K. **The coming of age for qualitative research: Embracing the diversity of qualitative methods**. 2011.

BARAD, K. Posthumanist performativity: Toward an understanding of how matter comes to matter. *Signs: Journal of women in culture and society*, v. 28, n. 3, p. 801-831, 2003.

BARLEY, S. R.; KUNDA, G. Bringing work back in. *Organization science*, v. 12, n. 1, p. 76-95, 2001.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, v.55, n.2, p.141-161, 2015.

BEATTY, S. E.; TALPADE, S. Adolescent influence in family decision making: a replication with extension. *Journal of consumer research*, v. 21, n. 2, p. 332-341, 1994.

BENEKE, J. et al. The influence of the youth on their parents purchasing decisions of high-technology products. *African Journal of Business Management*, v. 5, n. 10, p. 3807-3812, 2011.

BERKMAN, L. F. et al. Work–family conflict, cardiometabolic risk, and sleep duration in nursing employees. *Journal of occupational health psychology*, v. 20, n. 4, p. 420, 2015.

BERTONCELLO, R. “Turismo “alternativo” en Argentina: ¿ una nueva forma de consumo del patrimonio natural?”. *GeoUruguay (Montevideo)*, v. 2, 1998.

BIASOLI-ALVES, Z. MM; CALDANA, R. HL; DA SILVA, M. H. GF D. Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. *Journal of Human Growth and Development*, v. 7, n. 1, 1997.

BISPO, M. O Turismo como Prática Cultural Organizativa, Sociomaterial e Estética. *RIGS*, v.5, n.2 p .125-137, maio/ago. 2016.

BISPO, M. de S. Methodological reflections on practice-based research in organization studies. *BAR-Brazilian Administration Review*, v. 12, n. 3, p. 309-323, 2015.

BLAIR, S. L. Employment, family, and perceptions of marital quality among husbands and wives. *Journal of family issues*, v. 14, n. 2, p. 189-212, 1993.

BOYER, K.; SPINNEY, J. Motherhood, mobility and materiality: Material entanglements, journey-making and the process of ‘becoming mother’. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 34, n. 6, p. 1113-1131, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do**

**Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Knowledge and organization: A social-practice perspective. **Organization science**, v. 12, n. 2, p. 198-213, 2001.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational learning and communities-of-practice: Toward a unified view of working, learning, and innovation. **Organization science**, v. 2, n. 1, p. 40-57, 1991.

BRUSCHINI, C. O que é família. In. **Mulher, casa e família: cotidianos nas camadas médias paulistanas.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Vértice: Editora Revista dos tribunais, 1990. p. 31-61

CARLSON, M. **Performance: A critical introduction.** Routledge, 2013.

CARR, J. C. et al. A measure of variations in internal social capital among family firms. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 35, n. 6, p. 1207-1227, 2011.

CARR, Neil. A comparison of adolescents' and parents' holiday motivations and desires. **Tourism and Hospitality Research**, v. 6, n. 2, p. 129-142, 2006.

CARRIERI, A.; PERDIGÃO, D.; AGUIAR, A. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v.49, n.4, p.698–713, 2014.

CAVALCANTE, E. D. C.; DE SOUZA BISPO, M.; SOARES, L. C. Praia, sol e mar: um mergulho na compreensão da orla marítima de João Pessoa (PB) como organização. **Gestão & Regionalidade**, v. 31, n. 92, 2015.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, v. 3, 1998.

CERTEAU, M. de. GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**, v. 2, p. 32, 2009.

CHANLAT, J.-F. Ciências sociais e management. **Revista de Administração.** FEAD, v. 3, n. 2, 2010

CHIA, R. From modern to postmodern organizational analysis. **Organization Studies**, v. 16, n. 4, p. 579-604, 1995

CHILD, John; MCGRATH, Rita Gunther. Organizations unfettered: Organizational form in an information-intensive economy. **Academy of management journal**, v. 44, n. 6, p. 1135-1148, 2001.

CHRISTENSEN, P.; J., A. Diversidade e semelhança na infância: algumas ideias metodológicas. In: **Pesquisa com crianças.** Routledge, 2008. p. 172-188.

CIBORRA, C. U. The platform organization: Recombining strategies, structures, and surprises. **Organization science**, v. 7, n. 2, p. 103-118, 1996.

CLARK, V. L. P.; CRESWELL, J. W. **Understanding research: A consumer's guide**. Merrill/Pearson Educational, 2010.

CLEMENT, S.; WAITT, G. Pram mobilities: affordances and atmospheres that assemble childhood and motherhood on-the-move. **Children's geographies**, v. 16, n. 3, p. 252-265, 2018.

COFFEY, A.; ATKINSON, P. **Making sense of qualitative data: complementary research strategies**. Sage Publications, Inc, 1996.

COHEN, S. A.; COHEN, E. New directions in the sociology of tourism. **Current Issues in Tourism**, v. 22, n. 2, p. 153-172, 2019.

CONTU, A.; WILLMOTT, H. Re-embedding situatedness: The importance of power relations in learning theory. **Organization science**, v. 14, n. 3, p. 283-296, 2003.

COOPER, R.; BURRELL, G. **Modernism, postmodernism and organizational analysis: An introduction**. In: For Robert Cooper. Routledge, 2015. p. 149-175.

COOPER, R.; LAW, J. Organization: distal and proximal views. **Research in the Sociology of Organizations**, v. 13, p. 237-74, 1995

CORDEIRO, A. T.; DE MELLO, S. C. B. Paradoxos do playground moderno: um convite para repensar o débito com a criança na cidade. **interFACES**, v. 26, n. 1, p. 15-32.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management Learning**, v. 41, n. 3, p. 265–283, 2010.

CORREIA, G. F. A.; DE PÁDUA CARRIERI, A. Histórias, Memórias e Futebol Amador: Reflexões e Possibilidades nos Estudos Organizacionais. **Revista Gestão & Conexões**, v. 8, n. 2, p. 08-24, 2019.

CRESWELL, J. W. et al. Qualitative research designs: Selection and implementation. **The counseling psychologist**, v. 35, n. 2, p. 236-264, 2010.

CRUZ, R. de C. A. Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo no Nordeste do Brasil. **Turismo: impactos socioambientais. São Paulo: HUCITEC**, 1999.

CRUZ, R. de C. A.da. **Introdução à geografia do turismo**. 2003.

CURTALE, R. Analyzing children's impact on parents' tourist choices. **Young Consumers**, v. 19, n. 2, p. 172-184, 2018.

CUTLER, S. Q.; CARMICHAEL, B.; DOHERTY, S. The Inca Trail experience: Does the journey matter? **Annals of Tourism Research**, v. 45, p. 152-166, 2014.  
CZARNIAWSKA, B. Going back to go forward: on studying organizing in action nets.

In: HERNES, T.; MAITLIS, S. (Org.). **Process, sensemaking, & organizing: perspectives on process organization studies**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 140-160.

CZARNIAWSKA, B. On time, space, and action nets. **Organization**, v. 11, n. 6, p. 773-791, 2004.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008.

CZARNIAWSKA, B. **A theory of organizing**. Edward Elgar Publishing, 2014.

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in social science research**. Sage, 2004.

DA SILVA, A. R. L.; DE PÁDUA CARRIERI, A.; JUNQUILHO, G. S. A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. **Revista de Administração**, v. 46, n. 2, p. 122-134, 2011.

DALY, K. J. Deconstructing family time: From ideology to lived experience. **Journal of marriage and family**, v. 63, n. 2, p. 283-294, 2001.

DANBY, S.; FARRELL, A. Accounting for young children's competence in educational research: New perspectives on research ethics. **The Australian Educational Researcher**, v. 31, n. 3, p. 35-49, 2004.

DAVIDSON, P. The holiday and work experiences of women with young children. **Leisure Studies**, v. 15, n. 2, p. 89-103, 1996.

DE ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. Ática, 2006.

DE LAUWE, P. H. C. **Paris: essais de sociologie, 1952-1964**. Editions ouvrières, 1965.

DE MATOS, M. I. S. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

DE PÁDUA CARRIERI, A.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 49, n. 4, p. 698-713, 2014.

DE PAIVA JÚNIOR, F. G.; DE SOUZA LEÃO, A. L. M.; DE MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

DE SOUZA BISPO, M. Tourism as practice. **Annals of Tourism Research**, v. 61, p. 170-179, 2016.

DE SOUZA BISPO, M.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho

teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 5, p. 684-704, 2012.

DE SOUZA BISPO, M.; GODOY, A. S. Etnometodologia: uma proposta para pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 12, n. 2, p. 108-135, 2014.

DEATER-DECKARD, K.; ATZABA-PORIA, N.; PIKE, A. Mother—and father—child mutuality in Anglo and Indian British families: A link with lower externalizing problems. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 32, n. 6, p. 609-620, 2004.

DECROP, A.; SNELDERS, D. Planning the summer vacation: An adaptable process. **Annals of Tourism Research**, v. 31, n. 4, p. 1008-1030, 2004.

DEEM, R. Women, the city and holidays. **Leisure Studies**, v. 15, n. 2, p. 105-119, 1996.

DEMO, D. H. Parent-child relations: Assessing recent changes. **Journal of Marriage and the Family**, p. 104-117, 1992.

DENZING, N. K.; LNCOLN, Y. S. Handbook of Qualitative Research. Thousand Oaks. 1994.

DESFORGES, L. Traveling the world: Identity and travel biography. **Annals of tourism research**, v. 27, n. 4, p. 926-945, 2000.

DEY, P.; TEASDALE, S. The tactical mimicry of social enterprise strategies: Acting 'as if' in the everyday life of third sector organizations. **Organization**, v. 23, n. 4, p. 485-504, 2016.

DOMINGUES, F. F.; GRIPP, E. C. M. B.; FANTINEL, L. D. Apropriações Simbólicas E Espaciais Em Organizações: O “JEITINHO Brasileiro” No Bar “SOFÁ Da Hebe”. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 9, p. 205-255, 2017.

DUARTE, M. F., ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar (organizing) para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 76, p. 057-072, 2016.

DURKHEIM, É.; MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação. **Ensaio de sociologia**, p. 399 citation\_lastpage= 456, 1981.

EASTERBY-SMITH, M.; SNELL, R.; GHERARDI, S. Organizational learning: diverging communities of practice? **Management learning**, v. 29, n. 3, p. 259-272, 1998.

EDENSOR, T. Performing tourism, staging tourism: (Re) producing tourist space and practice. **Tourist studies**, v. 1, n. 1, p. 59-81, 2001.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 12<sup>a</sup>. Rio

de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991. P. 21- 91.

ESTEBAN, M. T. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 199-212, 2003.

ESTES, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 1º ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FANTINEL, L. D.; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. M. D. Produção de significações do espaço e sociabilidade em um café artesanal de Salvador. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 1, n. 3, 2012.

FARIA, A. M.; DA SILVA, A. R. L. Estudos organizacionais baseados em Michel de Certeau: A produção internacional entre 2006 e 2015. **Revista Alcance**, v. 24, n. 2, p. 209-226, 2017.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing Practice and Practicing Theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 157-175, 2003.

FERRAÇO, C. E. et al. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. **Pedagogia y Saberes**, n. 46, p. 7-17, 2017.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. 1, p. 31-38, 2003.

FODNESS, Dale. The impact of family life cycle on the vacation decision-making process. **Journal of travel research**, v. 31, n. 2, p. 8-13, 1992.

FONTANA, A.; FREY, J. H. **The interview: From neutral stance to political involvement**. 2005.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FRANCO, B. L.; OLIVEIRA, J. As práticas de constituição dos espaços organizacionais e dos espaços das cidades: contribuições de Michel de Certeau aos estudos organizacionais. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016.

FRANKLIN, A. **Tourism: an introduction**. Sage, 2014.

FREEMAN, C. Colliding worlds: planning with children and young people for better cities. In: GLEESON, Brendan; SIPE, Neil (org.) **Creating Child Friendly Cities: reinstating kids in the city**. New York: Routledge, 2006, p. 69-85.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, p. 73-150, 1930.

FURLAN, C. C.; MÜLLER, V. R. Gênero, sexualidade e docência:(re) pensando práticas. **Revista Educação em Questão**, v. 46, n. 32, 2013.

GAGLIARDI, P. Exploring the aesthetic side of organization life. In: CLEGG, S.R.; HARDY, C., NORD, W.R. (eds). **Handbook of organization studies**. London: Sage, 1996.

GALLAGHER, S. K.; SMITH, C. Symbolic traditionalism and pragmatic egalitarianism: Contemporary evangelicals, families, and gender. **Gender & Society**, v. 13, n. 2, p. 211-233, 1999.

GARCÊZ DE SOUZA SANTOS, Y.; SCORSOLINI-COMIN, F.; DOS SANTOS, M. A. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 3, 2013.

GARCIA, R. L. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 9-16, 2003.

GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnomethodology**. 1967.

GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the “practice lens”. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009a.

GHERARDI, S. Practice? It’s a Matter of Taste! **Management Learning**, v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009b.

GHERARDI, S.; STRATI, A. (Ed.). **Administração e aprendizagem na prática**. Elsevier Brasil, 2014.

GHERARDI, Silvia. From organizational learning to practice-based knowing. **Human relations**, v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001.

GHERARDI, Silvia. **Organizational knowledge: The texture of workplace learning**. John Wiley & Sons, 2009.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D. Learning in a constellation of interconnected practices: canon or dissonance? **Journal of Management Studies**, v. 39, n. 4, p. 419-436, 2002.

GHERARDI, S.; STRATI, A. (Ed.). **Administração e aprendizagem na prática**. Elsevier Brasil, 2014.

GIARD, L. Artes de nutrir. Certeau M, organizador. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 211-233, 1998.

GIDDENS, A. The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration. Cambridge: **Polity Press**. 1984

GODOI, C. K.; BALSINI, C. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. **Pesquisa qualitativa em estudos**

**organizacionais:** paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, v. 481, p. 89-112, 2006.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cadernos de pesquisa**, n. 91, p. 7-22, 1994.

GOMES, I. C.; PAIVA, M. L. S. C. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. especial, 2003

GONZÁLEZ, M. F. R. La educación de adultos: principal impulsora de la educación permanente. **Eúphoros**, n. 7, p. 237-248, 2004.

GOUGH, Harrison G.; HEILBRUN, Alfred B. **The adjective check list: Manual**. Consulting Psychologists Press, 1980.

GRAY, David E. **Doing research in the real world**. Sage, 2013.

GREENSTEIN, T. N. Husbands' participation in domestic labor: Interactive effects of wives' and husbands' gender ideologies. **Journal of Marriage and the Family**, p. 585-595, 1996.

GRZYBOWSKI, L. S. Famílias monoparentais: mulheres divorciadas chefes de família. **Família em cena: tramas, dramas e transformações**, p. 39-53, 2002.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista brasileira de história**, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.

GUERREIRO, M. D. et al. **Transições incertas: os jovens perante o trabalho e a família**. 2007.

GUISSO, L.; BOLZE, S. D. A.; VIERA, M. L. Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 1, p. 226-255, 2019.

HALDRUP, M. Laid-back mobilities: Second-home holidays in time and space. **Tourism Geographies**, v. 6, n. 4, p. 434-454, 2004.

HALL, C. M. Consumerism, tourism and voluntary simplicity: We all have to consume, but do we really have to travel so much to be happy? **Tourism Recreation Research**, v. 36, n. 3, p. 298-303, 2011.

HALL, M. Reflexivity and tourism research. **Qualitative research in tourism: Ontologies, epistemologies and methodologies**, p. 137-155, 2004.

HARPER, D. Talking about pictures: A case for photo elicitation. **Visual studies**, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002.

HARPER, D. **Working knowledge: Skill and community in a small shop**. University of Chicago Press, 1987.

HARPER, D.; FACCIOLI, P. "Small, silly insults," mutual seduction and misogyny the interpretation of Italian advertising signs. **Visual Studies**, v. 15, n. 1, p. 23-49, 2000.

HENLEY, N. **Body politics: Power, sex, and nonverbal communication**. Prentice Hall, 1977.

HOLT, L. Exploring the emergence of the subject in power: Infant geographies. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 31, n. 4, p. 645-663, 2013.

HOWARD, D. R.; MADRIGAL, R. Who makes the decision: The parent or the child? The perceived influence of parents and children on the purchase of recreation services. **Journal of leisure research**, v. 22, n. 3, p. 244-258, 1990.

HUI, A.; SCHATZKI, T.; SHOVE, E. (Ed.). **The nexus of practices: Connections, constellations, practitioners**. Taylor & Francis, 2016.

INTRONA, L. D. Towards a post-human intra-actional account of socio-technical agency (and morality). In: **Proceedings of the Moral agency and technical artefacts scientific workshop**. NIAS, Hague. 2007.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 1, p. 65-91, 2010.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.

JACOBS, J. A.; GERSON, K. **The time divide: Work, family, and gender inequality**. Harvard University Press, 2004.

JAMES, L.; HALKIER, H. Regional development platforms and related variety: Exploring the changing practices of food tourism in North Jutland, Denmark. **European Urban and Regional Studies**, v. 23, n. 4, p. 831-847, 2016.

JARZABKOWSKI, P.; SPEE, A. P. Strategy-as-practice: a review and future directions for the field. **International Journal of Management Reviews**, v. 11, n. 1, p. 69-95, 2009.

JEANES, R. Seen but not heard? Examining children's voices in leisure and family research. **Leisure/Loisir**, v. 34, n. 3, p. 243-259, 2010.

JENSEN, M. T. Urban pram strolling: a mobilities design perspective. **Mobilities**, v. 13, n. 4, p. 584-600, 2018.

JOHNSON, J. Euro-railing: A mobile-ethnography of backpacker train travel. **Beyond backpacker tourism: Mobilities and experiences**, p. 102-113, 2010.

JOKINEN, E.; VEIJOLA, S. The disoriented tourist: the figuration of the tourist in contemporary cultural critique. **Touring cultures: Transformations of travel and theory**, v. 1, p. 23<sup>2</sup>51, 1997.

JULIO, A. C. **PARA ALÉM DO PARTO: A Manutenção-Mudança das Práticas Obstétricas**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

KALLIO, K. P.; HÄKLI, J. **Political geography in childhood**. 2010.

KENNEDY-EDEN, H.r; GRETZEL, U. Modern vacations–modern families: new meanings and structures of family vacations. **Annals of Leisure Research**, v. 19, n. 4, p. 461-478, 2016.

KERRANE, B.; HOGG, M. K.; BETTANY, S. M. Children's influence strategies in practice: Exploring the co-constructed nature of the child influence process in family consumption. **Journal of Marketing Management**, v. 28, n. 7-8, p. 809-835, 2012.

KHOO-LATTIMORE, C.; PRAYAG, G.; CHEAH, B. Li. Kids on board: Exploring the choice process and vacation needs of Asian parents with young children in resort hotels. **Journal of Hospitality Marketing & Management**, v. 24, n. 5, p. 511-531, 2015.

KLUWER, E. S.; HEESINK, J. AM; VAN DE VLIERT, E. Marital conflict about the division of household labor and paid work. **Journal of Marriage and the Family**, p. 958-969, 1996.

KUMAR, Sunita et al. **Degree of Children Influence on Parents Buying Decision Process**. 2012.

LAPENTA, Francesco. Some theoretical and methodological views on photo-elicitation. **The SAGE handbook of visual research methods**, p. 201-213, 2011.

LASHLEY, C.; LYNCH, P.; MORRISON, A. J. (Ed.). **Hospitality: A social lens**. Elsevier, 2007.

LATOUR, B. Network theory| networks, societies, spheres: Reflections of an actor-network theorist. **International journal of communication**, v. 5, p. 15, 2011.

LATOUR, B. **Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory**. Clarendon Lectures in Management Studies. 2007.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: Legitimate peripheral participation**. Cambridge university press, 1991.

LAVEE, Y.; KATZ, R. Divison of labor, perceived fairness, and marital quality: The effect of gender ideology. **Journal of Marriage and Family**, v. 64, n. 1, p. 27-39, 2002.

LAW, J.; URRY, J. Enacting the social. **Economy and society**, v. 33, n. 3, p. 390-410, 2004.

LEHTO, X. Y. et al. Vacation and family functioning. **Annals of Tourism Research**, v. 36, n. 3, p. 459-479, 2009.

LEONARDI, P. M. Materiality, Sociomateriality, and Socio-Technical Systems: What Do These Terms Mean? How Are They Related? Do We Need Them? In: LEONARDI, P. M.; NARDI, B. A.; KALLINIKOS, J. (Ed.). **Materiality and Organizing: Social Interaction in a Technological World**. Oxford: University Press, 2012. p. 25-48.

LÉVI-STRAUSS, C.; REIF, A. **Mythos und Bedeutung**: fünf Radiovorträge: Gespräche mit Claude Lévi-Strauss herausgegeben von Adelbert Reif. Suhrkamp, 1980.

MACCANNELL, D. **The tourist**: A new theory of the leisure class. Berkeley. 1999.

MACHADO, F. C. L.; FERNANDES, T. A.; DA SILVA, A. R. L. Michel de Certeau e estudos organizacionais: uma leitura do cenário brasileiro. **Caderno de Administração**, v. 25, n. 2, 2017.

MACHADO, L. Z. Family and individualism: contemporary tendencies in Brazil. **Interface Comunic, Saúde, Educ**, v. 4, n. 8, p. 11-26, 2001.

MALONE, K. Children in the Anthropocene: Rethinking sustainability and child friendliness in cities. **Springer**, 2017.

MARTINELLI, F.; MOÍNA, A. Comunicação, consumo e entretenimento no universo infantil: o celular como telefone ou brinquedo? **Obesidade**, v. 4571, p. 59, 2009.

MARTONI, R. M. Aparência versus essência nos espaços apropriados pelo turismo: delineamentos possíveis a partir de distintos procedimentos epistemológicos. **Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**.

MCDONALD, S.; SIMPSON, B. *SHADOWING* research in organizations: the methodological debates. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 9, n. 1, p. 3-20, 2014.

MCLENNAN, J. F. **Studies in ancient history**. Macmillan & Company, 1886.

MEASELLE, J. R. et al. Assessing young children's views of their academic, social, and emotional lives: An evaluation of the self-perception scales of the Berkeley PuppetInterview. **Child development**, v. 69, n. 6, p. 1556-1576, 1998.

MENDES, L.; CAVEDON, N. R. A atividade de camelô como prática urbana no contexto das cidades. **Revista Brasileira Gestão Urbana**, p. 123-140, 2012.

MENDES, L.; CAVEDON, N. As culturas organizacionais territorializadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 108-123, 2013.

MEYERS, C. L. Was Ancient Israel a Patriarchal Society?. **Journal of Biblical Literature**, v. 133, n. 1, p. 8-27, 2014.

MICHEL, A.; VILAGINÉS, C. **Sociología de la familia y del matrimonio**. 1991.

MILLAR, J.; RIDGE, T. Lone mothers and paid work: The 'family-work project'. **International Review of Sociology**, v. 23, n. 3, p. 564-577, 2013.

MILLET, J. Characterization of proteinases excreted by *Bacillus subtilis* Marburg strain during sporulation. **Journal of Applied Bacteriology**, v. 33, n. 1, p. 207-219, 1970.

MITCHELL, H.; KEARNS, R. A.; COLLINS, D. Nuances of neighbourhood: children's perceptions of the space between home and school in Auckland, New Zealand. **Geoforum**, v. 38, n. 4, p. 614-627, 2007.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. Editora Contexto, 2000.

MORGAN, L. H. **A sociedade antiga**. Expresso Zahar, 2014.

MOTTIAR, Z.; QUINN, D. Couple dynamics in household tourism decision making: Women as the gatekeepers? **Journal of vacation marketing**, v. 10, n. 2, p. 149-160, 2004.

NADER, M. B. A condição masculina na sociedade. **Dimensões**, n. 14, 2002.

NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NARVAZ, M.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & sociedade**. São Paulo. Vol. 18, n. 1, p. 49-55., 2006.

NEGREIROS, T. C. G. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2004.

NEUMANN, M. The trail through experience. **Investigating subjectivity: Research online and experience**, p. 176-201, 1992.

NICOLINI, D. **Practice theory, work, and organization: An introduction**. OUP Oxford, 2012.

NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOY, C. This trip really changed me: Backpackers' narratives of self-change. **Annals of Tourism research**, v. 31, n. 1, p. 78-102, 2004.

OBRADOR, P. The place of the family in tourism research: Domesticity and thick sociality by the pool. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 1, p. 401-420, 2012.

OLIVEIRA, J. S. **A política emocional nas práticas de organização do circo contemporâneo: uma etnografia multissituada no contexto Brasil-Canadá.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ORLIKOWSKI, W. J. Practice in research: phenomenon, perspective and philosophy. **Cambridge handbook of strategy as practice**, p. 23-33, 2010.

ORLIKOWSKI, W. J. The sociomateriality of organisational life: considering technology in management research. **Cambridge journal of economics**, v. 34, n. 1, p. 125-141, 2009.

ORTNER, S. B. Subjectivity and cultural critique. **Anthropological Theory**, v. 5, n. 1, p. 31-52, 2005.

PARSONS, Talcott. Age and sex in the social structure of the United States. **American sociological review**, p. 604-616, 1942.

PAULSEN, R. **Non-work at work: resistance or what?** Organization, v. 22, n. 3, p. 351-367, 2013.

PÉREZ, C. L. V. Cotidiano: história (s), memória e narrativa. Uma experiência de formação continuada de professoras alfabetizadoras. **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, p. 97-118, 2003.

PETRINI, G. et al. Família, capital humano e pobreza: entre estratégias de sobrevivência e projetos de vida. Memorandum: **Memória e História em Psicologia**, v. 22, p. 165-186, 2012.

PICKERING, A. The mangle of practice: Agency and emergence in the sociology of science. **American journal of sociology**, v. 99, n. 3, p. 559-589, 1993.

PINE, B. J. et al. Welcome to the experience economy. **Harvard business review**, v. 76, p. 97-105, 1998.

PINK, S. Doing **Visual Ethnography**. London and Thousand Oaks. 2006.

POLANYI, M. **Personal knowledge**. Routledge, 2012.

PORIA, Y.; TIMOTHY, D. J. Where are the children in tourism research?. **Annals of Tourism Research**, v. 47, p. 93-95, 2014.

POSTER, M. The question of agency: Michel de Certeau and the history of consumerism. **diacritics**, v. 22, n. 2, p. 94, 1992.

PROUT, A.; JAMES, A. A new paradigm for the sociology of childhood?: Provenance, promise and problems. In: **Constructing and reconstructing childhood**. Routledge, 2015. p. 6-28.

PUTNAM, R. D. Bowling alone: America's declining social capital. In: **Culture and politics**. Palgrave Macmillan, New York, 2000. p. 223-234.

QUINLAN, E. Conspicuous invisibility: *SHADOWING* as a data collection strategy. **Qualitative Inquiry**, v. 14, n. 8, p. 1480-1499, 2008.

RANTALA, O.; VALTONEN, A.; MARKUKSELA, V. Materializing tourist weather: Ethnography on weather-wise wilderness guiding practices. **Journal of material culture**, v. 16, n. 3, p. 285-300, 2011.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243–263. 2002.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.

RICHARDSON, L. Writing: A method of inquiry. **Turning points in qualitative research: Tying knots in a handkerchief**, p. 379-396, 2003.

RICHARDSON, M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo, 1999.

RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. Sage, 2008.

ROBERTS, J. Prologue: Dangerous Memories. In: ROBERTS, J. **Philosophizing the everyday revolutionary praxis and the fate of cultural theory**. London: Pluto Press, 2006. p. 1-15.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 02-17, 2004.

RODRIGUEZ, B. C.; GOMES, I. C. Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. **Boletim de Psicologia**, v. 62, n. 136, p. 29-36, 2012.

ROSE, G. **Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials**. Sage, 2016.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Zahar, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. Editora Moderna, 1987.

SANTANA, A. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, M. Lazer popular e geração de emprego. In: SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

SANTOS, Y. G. S.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 3, p. 572-582, 2013.

SARAGIH, JF B. Limitedness of space in coastal settlement area; how children create their playground. In: IOP Conference Series: Earth and Environmental Science. **IOP Publishing**, p. 012090, 2018.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. d. P. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. **Revista de Administração Pública**, v. 46, n. 2, p. 547-576, 2012.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. D. P.; SOARES, A. D. S. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do Mercado Central de Belo Horizonte. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 2, p. 97-126, 2014.

SCHÄNZEL, H. A.; LYNCH, P. A. Family perspectives on social hospitality dimensions while on holiday. **Tourist Studies**, v. 16, n. 2, p. 133-150, 2016.

SCHÄNZEL, H. A.; SMITH, K. A. The socialization of families away from home: Group dynamics and family functioning on holiday. **Leisure Sciences**, v. 36, n. 2, p. 126-143, 2014.

SCHÄNZEL, H. A.; SMITH, K. A.; WEAVER, Adam. Family holidays: A research review and application to New Zealand. **Annals of Leisure Research**, v. 8, n. 2-3, p. 105-123, 2005.

SCHÄNZEL, H. A.; YEOMAN, I. Trends in family tourism. **Journal of Tourism Futures**, v. 1, n. 2, p. 141-147, 2015.

SCHATZKI, T. R. A primer on practices: Theory and research. In: **Practice-based education**. Brill Sense, 2012. p. 13-26.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organization studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

SCHATZKI, T. R. Practice theory: An introduction. **The practice turn in contemporary theory**, p. 1-14, 2001.

SCHATZKI, T. R. **The site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change**. Penn State Press, 2002.

SCHÜTZE, F. Análise sociológica e linguística de narrativas. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, 2014.

SCOTT, P. **The meanings of mass higher education**. McGraw-Hill Education (UK), 1995

SEYMOUR, J.; MCNAMEE, S. Being parented: Children and young people's engagement with parenting activities. **Learning from the children: Childhood, culture and identity in a changing world**, p. 92-107, 2012.

SHAW, S. M. Diversity and ideology: Changes in Canadian family life and

implications for leisure. **World Leisure Journal**, v. 52, n. 1, p. 4-13, 2010.

SILVA DE OLIVEIRA, J.; ROLITA CAVEDON, N. Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 2, 2013.

SILVA, A.; CARRIERI, A.; SOUZA, E. de. A Constructionist Approach for the Study of Strategy as Social Practice. **Brazilian Administration Review**, v.9, n. spe, p.1–18, 2012.

SILVA, M. C. Desigualdades de gênero. Configurações. **Revista de sociologia**, n. 4, p. 65-89, 2008.

SILVA, S. S. P.; MAIA, Â. **Versão portuguesa do Family ACE Questionnaire** (Questionário da História de Adversidade na Infância). 2008.

SIMIONATO, M. A. W.; OLIVEIRA, R. G. Funções e transformações da família ao longo da história. **I Encontro Paranaense de Psicopedagogia**, p. 57-66, 2003.

SIMIONATO, M. A. W.; OLIVEIRA, R. G. Funções e transformações da família ao longo da história. **I Encontro Paranaense de Psicopedagogia**, p. 57-66, 2003.

SMALL, J. The absence of childhood in tourism studies. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 3, p. 772-789, 2008.

SMALL, J. Women's holidays: Disruption of the motherhood myth. **Tourism Review International**, v. 9, n. 2, p. 139-154, 2005.

STARK, E. **Coercive control: The entrapment of women in personal life**. Oxford University Press, 2009.

STARK, R. Secularization, rip. **Sociology of religion**, v. 60, n. 3, p. 249-273, 1999.

STEWART, A. J.; MCDERMOTT, Christa. Gender in psychology. **Annu. Rev. Psychol.**, v. 55, p. 519-544, 2004.

STRATI, A. Sensible knowledge and practice-based learning. **Management learning**,

SUCHMAN, L. **Human-machine reconfigurations: Plans and situated actions**. Cambridge University Press, 2007.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Supremo reconhece união homoafetiva, 2011. Disponível em:  
<<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>>  
Acesso em 15/04/2019.

SVABO, Connie. Materiality in a practice-based approach. **The Learning Organization**, v. 16, n. 5, p. 360-370, 2009.

SWAIN, Li Li; GARASKY, Steven. Migration decisions of dual-earner families: An application of multilevel modeling. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 28, n. 1, p. 151-170, 2007.

SWAN, J.; SCARBROUGH, H.; ROBERTSON, M. The construction of Communities of Practice in the management of innovation. **Management learning**, v. 33, n. 4, p. 477-496, 2002.

SWAN, K. Building learning communities in online courses: The importance of interaction. **Education, Communication & Information**, v. 2, n. 1, p. 23-49, 2002.

SWIDLER, A. **What anchors cultural practices.** I The Practice Turn in Contemporary Theory. Schatzki. TR, Knorr Cetina, Eike Von Savigny, K (red.), London: Routledge, 2001.

TANNURI, J. G. C. G.; DA SILVA, M. Família homoparental: enfrentando a vitalidade do patriarcado. **Revista Linhas**, v. 20, n. 43, p. 256-271, 2019.

TEIXEIRA, J C. O Carriero e o Afeto no Reconhecimento do “Poder Duradouro da Branquidade:(como) um Problema a Solucionar”. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 8, n. 3, 2019.

THANEM, T. All talk and no movement? Homeless coping and resistance to urban planning. **Organization**, v. 19, n. 4, p. 441-460, 2012

THISTLE, S. **From marriage to the market: The transformation of women's lives and work.** Univ of California Press, 2006.

THORNTON, P. R.; SHAW, G.; WILLIAMS, A. M. Tourist group holiday decision-making and behaviour: The influence of children. **Tourism Management**, v. 18, n. 5, p. 287-297, 1997.

TORRES, A. et al. **Homens e mulheres entre família e trabalho.** Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, 2004.

TRIPATHI, P.; SENGUPTA, A. Increasing role of children in family purchase decisions. **Indian Journal of Marketing**, v. 41, n. 6, p. 29-35, 2011.

TRUSSELL, D. E.; JEANES, R.; SUCH, E. Revisiting family leisure research and critical reflections on the future of family-centered scholarship. **Leisure Sciences**, v. 39, n. 5, p. 385-399, 2017.

TSOUKAS, H.; CHIA, R. On organizational becoming: Rethinking organizational change. **Organization science**, v. 13, n. 5, p. 567-582, 2002.

TUNG, V. W. S.; RITCHIE, JR B. Exploring the essence of memorable tourism experiences. **Annals of tourism research**, v. 38, n. 4, p. 1367-1386, 2011.

TURNER, S. The Social Theory of Practices. Chicago, IL: **The University of Chicago Press**. 1994.

URIELY, N. The tourist experience: Conceptual developments. **Annals of Tourism research**, v. 32, n. 1, p. 199-216, 2005.

URRY, J. Mobilities, Cambridge, UK. **Polity**, v. 31, p. 45, 2007.

URRY, J. The tourist gaze "revisited". **American Behavioral Scientist**, v. 36, n. 2, p. 172-186, 1992.

URRY, J. Globalizando o olhar do turista. **Desenvolvimento do turismo revisitado: conceitos, questões e paradigmas**, p. 150-160, 2001.

UTAS, M. Victimcy, girlfriending, soldiering: Tactic agency in a young woman's social navigation of the Liberian war zone. **Anthropological Quarterly**, v. 78, n. 2, p. 403-430, 2005.

UYSSAL, M. et al. Quality of life (QOL) and well-being research in tourism. **Tourism Management**, v. 53, p. 244-261, 2016.  
v. 38, n. 1, p. 61-77, 2007.

VALENTINE, G.; PIEKUT, A.; HARRIS, C. Intimate encounters: The negotiation of difference within the family and its implications for social relations in public space. **The Geographical Journal**, v. 181, n. 3, p. 280-294, 2015.

VALKENBURG, P. M.; PETER, J. Online communication and adolescent well-being: Testing the stimulation versus the displacement hypothesis. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 12, n. 4, p. 1169-1182, 2007.

VALTONEN, A. Small tourism firms as agents of critical knowledge. **Tourist Studies**, v. 9, n. 2, p. 127-143, 2009.

VALTONEN, A; VEIJOLA, S. Sleep in tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 1, p. 175-192, 2011.

VALVERDE, R. R. H. Fe. Sobre espaço público e heterotopia. **Geosul**, v. 24, n. 48, p. 7-26, 2009.

VIEGAS, G. C. F. S.; SARAIVA, L. A. S. Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 5, p. 68-94, 2015.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, n. 44, 2016.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.

WAGNER, A.; BANDEIRA, D. R. **O desenho da família**: um estudo sobre adolescentes de famílias originais e reconstituídas. 1996.

WAGNER, A.; CENTENARO LEVANDOWSKI, D. Sentir-se bem em família: um

desafio frente à diversidade. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 7, n. 1, 2008.

WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. O recasamento e a representação gráfica da família. **Temas em Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 11-19, 2000.

WAHAB, S.-E. A. **Introdução à administração do turismo: alguns aspectos estruturais e operacionais do turismo internacional - teoria e prática**. Pioneira, 1977.

WALL, K.; GUERREIRO, M. D. A divisão familiar do trabalho. Famílias em Portugal, Lisboa, **Imprensa de Ciências Sociais**, p. 303-362, 2005.

WALSH, F. Resiliência familiar: uma estrutura de sistemas de desenvolvimento. **Revista Europeia de Psicologia do Desenvolvimento**, v. 13, n. 3, p. 313-324, 2016.

WARD, S.; WACKMAN, D. B. Children's purchase influence attempts and parental yielding. **Journal of Marketing Research**, v. 9, n. 3, p. 316-319, 1972.

WEICK, K. E. Small wins: Redefining the scale of social problems. **American Psychologist**, v. 39, n. 1, p. 40, 1984.

WEICK, K. E.; SUTCLIFFE, K. M.; OBSTFELD, David. Organizing and the process of sensemaking. **Organization science**, v. 16, n. 4, p. 409-421, 2005.

WEITTOFT, G. R.; HJERN, A.; ROSÉN, M. School's out! Why earlier among children of lone parents? **International Journal of Social Welfare**, v. 13, n. 2, p. 134-144, 2004.

WENGER, E. C.; SNYDER, W. M. Communities of practice: The organizational frontier. **Harvard business review**, v. 78, n. 1, p. 139-146, 2000.

WHITTLE, R. Baby on board: the impact of sling use on experiences of family mobility with babies and young children. **Mobilities**, v. 14, n. 2, p. 137-157, 2019.

WILSON, G.; WOOD, K. The influence of children on parental purchases during supermarket shopping. **International journal of consumer studies**, v. 28, n. 4, p. 329-336, 2004.

WITKIN, A.; GLEICHER, M.; WELCH, W. **Interactive dynamics**. ACM, 1990.

XAVIER, W. S. et al. O imaginário dos mascates e caixeiros-viajantes de Minas Gerais na formação do lugar, do não lugar e do entrelugar. **Revista de Administração**, v. 47, n. 1, p. 38-50, 2012.

XAVIER-GOMES, L. M.; DE ANDRADE BARBOSA, T. L. Trabalho das enfermeiras-gerentes e a sua formação profissional The work of manager nurses and their professional training. **Trabalho**, v. 9, n. 3, p. 449-459, 2011.

ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. " Deixa eu te contar uma coisa...":

Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, 2014.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades" impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes antropológicos**, v. 12, n. 26, p. 123-147, 2006.

ZANARDO, L.; VALENTE, M. L. L. C. Família e gênero na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 5-5, 2018.

ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Artes Médicas, 1997.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – CONVITE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA**

**PARTICIPE DA  
MINHA  
PESQUISA  
ACADÊMICA:  
TURISMO COM  
BEBÊS**

Ajude uma mãe a terminar o mestrado e reflita sobre suas práticas no turismo.

Requisitos básicos:

- Ter um filho de até 2 anos e 11 meses;
- Realizar passeios em parques públicos.

Ajude a enfatizar a importância das crianças na sociedade!  
Entre em contato:  
[samelagezer@gmail.com](mailto:samelagezer@gmail.com) ou pelo Instagram [@samelagezer](https://www.instagram.com/samelagezer)